



revista cristã
última chamada

A Prova Definitiva... **Mundo** cada vez **Melhor!**

Resposta bíblica a Steven Pinker:
o Progresso humano está
acontecendo pelo Evangelho
e não pelo Iluminismo!



César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

CHAD MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

A **Prova Definitiva** de que o **Mundo** está cada vez **Melhor!**

Uma resposta bíblica a Steven Pinker
de que o progresso humano está
acontecendo através do Evangelho
e não através do Iluminismo!

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Prova Definitiva de que o Mundo está cada vez Melhor!

Uma resposta bíblica a Steven Pinker de que o progresso humano está acontecendo através do Evangelho e não através do Iluminismo!

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

- Edição de Outubro de 2018-

Capa: César Francisco Raymundo

(Imagem de Gerd Altmann via Pixabay.com)

Inspirado no livro:

Enlightenment Now

The case for reason, science, humanism, and progress

By Steven Pinker

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.

É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Introdução: Quem é Steven Pinker e o porquê deste e-book	08
UM A Fé Cristã é a causa do progresso em nosso momento	13
DOIS Iluminismo x Cristianismo	19
TRÊS Ousadia no entendimento! Uma defesa da Fé Cristã!	22
QUATRO A lei da entropia e sua interferência no progresso humano	47
CINCO O Medo do Progresso	53
SEIS A expectativa de Vida	72
SETE O aumento da Saúde	83
OITO O progresso na alimentação	85
NOVE O aumento das riquezas	95
DEZ O aumento da paz	105
Conclusão: a melhora do mundo é obra de Deus, e não do homem!	128
Obras importantes para pesquisa	135

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Introdução:

Quem é Steven Pinker e o porquê deste e-book

De todas as obras que traduzi, escrevi e editei na Revista Cristã Última Chamada, a que considero como o grande desafio da minha vida seria o de escrever um livro provando que o mundo melhorou desde os tempos de Cristo. De fato, o desafio para convencer as pessoas sobre a melhora do mundo se torna maior ainda no contexto em que vivemos atualmente aqui no Brasil, pois temos de sessenta a setenta mil assassinatos por ano, a classe política na sua maioria esmagadora está corrompida, nossas escolas estão sendo invadidas com doutrinações marxistas, o Estado brasileiro está todo aparelhado por gente comprometida com a agenda da esquerda, a população foi desarmada pelo governo, os bandidos com armas de guerra estão mais bem armados que a polícia etc. Se não bastasse este último caso, os mesmos criminosos têm usufruído de mais direitos que os policiais e os cidadãos de bem e, estes últimos são punidos se reagirem em legítima defesa contra um criminoso.

Além de todo este cenário caótico no Brasil, radicais islâmicos têm invadido a Europa tomando posições importantes e também têm chegado com toda a força em território brasileiro. A Venezuela vive uma ditadura socialista pesada, com uma onda de assassinatos e o governo levantando a espada contra o seu próprio povo. Neste momento, há vários projetos globalistas de poder em andamento, ameaçando as nações e sendo os mesmos incentivados por grandes

fortunas. A ideologia de gênero tem sido incentivada para ser ensinada nas escolas. Estão tentando acabar com a família e com a identidade dos povos. Se já não bastasse tudo isso, temos conflitos armados em várias partes do mundo e muitas outras questões que levaria páginas e mais páginas para que eu pudesse detalhá-las.

Enfim, fui honesto o suficiente para mostrar o “Raio-X” do que está acontecendo neste exato momento em nosso mundo. Não estou aqui para poetizar e falar palavras bonitas de otimismo somente. Também não estou numa confortável sala com ar condicionado com uma vida totalmente estabilizada financeiramente. Agora, em que escrevo estas linhas, estou numa sala quente, com ventilador ligado, com um velho notebook, sendo obrigado –fora da carreira de escritor - trabalhar em um serviço que não gosto, tendo que atender pessoas de baixa cultura que são difíceis de lidar. Isto me causa um stress diário e também desânimo - porque de outra forma eu não poderia sobreviver sem tal trabalho.

Mas, mesmo assim, estive sempre ansioso para escrever este e-book, mesmo porque não sou um “papagaio” repetidor de conceitos que os outros leem nos jornais. Cada pessoa que viveu nesta Terra achou que a sua geração foi a pior de todas, mas mesmo assim o mundo evoluiu até aqui. E é nessa perspectiva que nós ao invés de sermos “papagaios” repetidores de falsas notícias e conceitos errados, devemos ser mais profundos na investigação dos fatos. Apesar de todo o caos que citei acima, eu creio que o mundo melhorou desde os tempos de Cristo por causa de bases sólidas, históricas, filosóficas, matemáticas e bíblicas.

Para este empreendimento fiz diversas pesquisas. Eu já tinha uma base pequena de vários autores cristãos que são Pós-milenistas. Em minhas pesquisas fiquei surpreso ao descobrir que um e-book deste tipo e profundidade ainda não tinha sido escrito por um cristão - a menos que ainda se possa provar o contrário. Foi justamente um autor ateu, chamado Steven Pinker, que é uma das principais autoridades mundiais em linguagem e mente, professor da John stone

Family no Departamento de Psicologia da Universidade de Harvard, que escreveu um e-book de quase 700 páginas dando provas de que o nosso mundo só tem melhorado. Para Pinker a melhora do mundo é atribuída a *“inspiração dos ideais do Iluminismo: razão, ciência, humanismo e progresso”*. Ainda segundo ele, este *“progresso não é o resultado de alguma força cósmica. É um presente do Iluminismo: a convicção de que a razão e a ciência podem melhorar o florescimento humano”*.

Devido à extrema escassez de material sobre o tema do otimismo histórico mundial no meio cristão, como autor deste e-book, entro agora neste desafio, me utilizando de gráficos, estatísticas, citações históricas e o próprio material de Pinker - ora citando, ou parafraseando-o - para contestar a ideia de que o progresso obtido no mundo até agora teria vindo através do Iluminismo. Ao contrário do que afirma Steven Pinker, é a Fé Cristã com a sua mensagem do Cristo ressurreto que é a causa do mundo caminhar constantemente em progresso.

Steven Pinker também começa seu e-book sendo honesto sobre a situação de seu país. Ele escreveu no prefácio de seu e-book:

“A segunda metade da segunda década do terceiro milênio não parece ser um momento auspicioso para publicar um livro sobre o histórico de progresso e suas causas. No momento da redação deste texto, meu país é liderado por pessoas com visão sombria do momento atual: “mães e crianças presas em pobreza... um sistema de educação que deixa os nossos jovens e belos estudantes privados de todo o conhecimento... o crime, e as gangues, e as drogas têm roubado muitas vidas”. Estamos em uma “guerra total” que é “expandida em metástases”. A culpa por esse pesadelo pode ser colocada em uma “estrutura de poder global” que corroeu por baixo “os espirituais fundamentos morais do cristianismo”.¹

Assim como Pinker, nas páginas que se seguem, mostrarei que essa avaliação sombria da situação atual não desmente a melhora e o progresso de nosso mundo. Começarei expondo os fundamentos da

melhora do mundo, cuja causa desse progresso é a própria Fé Cristã. Em seguida, mostrarei que o Iluminismo, por ter chegado tão tarde, no século XVIII, é apenas um herdeiro de tudo o que foi trabalhado pela Igreja nos séculos passados e não a principal causa do nosso progresso. E num terceiro momento, estarei interagindo com o excelente material de Steven Pinker, mostrando biblicamente que o progresso que ele aponta não vem do iluminismo, mas da Obra de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Para finalizar esta introdução, cito a seguir um trecho do livro *Escatologia Vitoriosa*, dos autores Harold R. Eberle e Martin Trench, onde eles mostram de onde surgiu o pessimismo atual dos cristãos em relação ao progresso do mundo:

“A maioria dos grandes líderes da Igreja que viveu antes do século 20 aferrava-se a uma escatologia vitoriosa. Entretanto, durante o último século, as pessoas do mundo ocidental se tornaram cada vez mais céticas e pessimistas quanto ao futuro. Durante a Primeira Guerra Mundial, os habitantes da Europa começaram a adotar uma visão negativa do mundo. Os cidadãos dos Estados Unidos fizeram o mesmo durante a Depressão, a Segunda Guerra Mundial e a Guerra do Vietnã. À medida que o mundo era confrontado com os desafios e a maldade do ser humano, as pessoas adotavam uma visão pessimista do futuro.

Foi durante esses períodos de provações que muitos cristãos adotaram uma escatologia mais pessimista. Eles passaram a acreditar que o mundo está sendo gradualmente tomado pela influência de líderes maus, e que finalmente Satanás assumirá o controle dos sistemas econômico e religioso do mundo. Os pregadores que adotaram essa visão pessimista começaram a ensinar que uma figura do anticristo logo se levantará e terá proeminência, quando em seguida enganará a maior parte da humanidade. Eles também ensinaram sobre uma grande tribulação vindoura, durante a qual Deus derramará a Sua ira, julgando e destruindo a terra.

Uma facilitadora dessa virada em direção ao pessimismo foi a Bíblia de Referência Scofield (publicada pela primeira vez em 1909)”.²

Notas:

1. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 13. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
2. Escatologia Vitoriosa – Uma Visão Preterista Parcial –, pág. 18. Por Harold R. Eberle e Martin Trench.^{1ª} Edição em português © 2013 Editora Chara — setembro de 2013. Traduzido do original em inglês: Victorious Eschatology Copyright © 2006 por Harold R. Eberle. Publicado por Worldcast Publishing, P.O. Box 10653 Yakima, WA 98909-1653 USA.

1

A Fé Cristã é a causa do progresso em nosso momento

“Jamais digas: Por que foram os dias passados melhores do que estes? Pois não é sábio perguntar assim”.

(Eclesiastes 7:10)

Há dois mil anos atrás, quando Deus, na Pessoa de Jesus Cristo pisou neste mundo, Ele não veio para ser mais um filósofo ou para fazer apenas um ato simbólico com palavras de vento. O fato é que Deus pisou nesta Terra! A passagem do todo-poderoso por aqui realmente impactou o mundo de tal forma que este nunca mais poderia ser o mesmo. O Senhor Jesus Cristo, em Sua primeira vinda, trouxe a implantação de Seu Reino. Ele descreveu Seu Reino da seguinte maneira:

“Mais outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual grão é, na verdade, a menor de todas as sementes, mas depois de crescido, é a maior das hortaliças e faz-se árvore, de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos”.

(Mateus 13:31-32)

Na parábola acima, o Senhor Jesus mostra o princípio progressivo do Reino de Deus. Ao invés de impor o Seu Reino a força, abruptamente, o Senhor mostra que esse Reino começa pequeno, insignificante, assim como a pequenez do grão de mostarda que, com o devido tempo, “faz-se árvore, de tal modo que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos”. Semelhante ao crescimento de uma árvore, o Reino cresce quieto e discretamente, passando por tudo que uma árvore passa, nas intempéries do tempo, verão, inverno, outono, primavera, tempestades, ventanias, mas, mesmo assim, no final das contas, a árvore chega ao seu tamanho e objetivo final.

I. Howard Marshall escreveu que a parábola “sugere que o crescimento do reino de Deus é a partir de um minúsculo começo até o tamanho do mundo inteiro”.¹ Semelhantemente a Parábola do grão de mostarda, a Parábola do Fermento compartilha a ideia de um grande crescimento final a partir de um pequeno começo:

“Ainda outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar toda ela levedada”.

(Mateus 13:33)

O efeito progressivo do crescimento do Reino de Deus traz consigo uma melhora progressiva à medida que o Reino avança tomando conta de tudo. Vemos essa perspectiva logo cedo na profecia do Príncipe da Paz em Isaías 9:6-7:

“Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso”.

Note que a “paz sem fim” só haverá porque “Ele estenderá o seu domínio”. Isto está em perfeita harmonia com 1ª Coríntios 15:24-26 que diz:

“Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder.

Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés.

O último inimigo a ser destruído é a morte”.

No contexto de 1ª Coríntios 15 o apóstolo Paulo está falando da ressurreição do último dia, que é o dia da Segunda Vinda de Cristo. Observe que o “fim” só vem “depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder”. Veja que para destruir todos os Seus inimigos, no versículo fala que esse reinado é progressivo na história: “é necessário que ele reine até que...”. Uma vez que o último inimigo é a morte, logo, todos os outros foram vencido no decorrer da história. Isto por si só sugere que a história humana é beneficiada com os progressos do Reino de Deus.

O resultado dessa obra de Cristo chegará no momento maior em que se cumprirá Isaías 2:4:

“Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

Essa paz em que uma nação não mais atacará outra nação, em que as armas de guerra serão aposentadas, será fruto da conversão das nações, prometida no reinado messiânico de Cristo:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.

Todos os ricos da terra se banquetearão e o adorarão; haverão de ajoelhar-se diante dele todos os que descem ao pó, cuja vida se esvai.

A posteridade o servirá; gerações futuras ouvirão falar do Senhor, e a um povo que ainda não nasceu proclamarão seus feitos de justiça, pois ele agiu poderosamente”.

(Salmos 22:27-31)

A conversão das nações se dará através da “pregação” e “discipulado” das mesmas:

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

(Mateus 28:19-20)

O resultado do progresso do Reino nesses últimos dois mil anos

Estabelecida as bases sobre o modo de operação do Reino de Deus, neste tópico pretendo mostrar os resultados sobre as contribuições cristãs para o progresso da civilização.

Cinco contribuições do cristianismo à sociedade

No livro do autor Os Guinness intitulado “*Renaissance: The Power of the Gospel However Dark the Times*” (O Renascimento: o poder do Evangelho, por mais obscuro que seja os tempos), ele “observa cinco contribuições que o cristianismo fez para a sociedade, mais ainda para o Ocidente, já que essa é a preocupação de seu trabalho.

O Ocidente tem uma forte tradição de filantropia que criou uma cultura de dar e cuidar inigualável por qualquer outra civilização na história da humanidade. Você pode não saber, ou você pode, que o cristianismo é responsável por estabelecer os primeiros hospitais e asilos no quarto século. Eles foram fundados por Basílio de Cesaréia quando uma fome atingiu a Capadócia. Eu escrevi em outro lugar sobre a benevolência da igreja e como o cristianismo enterrou os mortos da igreja e da sociedade.

O Ocidente tem uma tradição sanguinária de movimentos de reformas recorrentes que não têm paralelo em outras civilizações. Ele lista pessoas influentes como Wilberforce e Bonhoeffer e o bem social que eles fizeram, até mesmo ao ponto de perder suas próprias vidas.

O Ocidente é a fonte das universidades que hoje representam uma das instituições mais poderosas do mundo. A educação só se tornou secularizada nos últimos setenta anos. Antes disso, era altamente religiosas, mesmo em escolas “públicas”. Basta perguntar aos seus avós se eles ainda estão vivos. Harvard, Yale e as instituições da Ivy League de hoje foram criadas por clérigos e administradas por eles durante anos. A religião sempre considerou a educação no nível colegial e no nível primário.

O Ocidente é a fonte da ciência moderna, que junto com o capitalismo e a tecnologia está revolucionando o mundo global. As raízes da ciência remontam aos antigos gregos, mas os cristãos perceberam isso. Os hospitais e hospícios estabelecidos usaram a teoria médica grega para cuidar das pessoas e acrescentaram fé à prática da medicina.

O Ocidente é o pioneiro e defensor da dignidade humana, dos direitos humanos e de toda a revolução dos direitos humanos. Isso se deve à crença judaico-cristã de que cada pessoa é feita à imagem de Deus.

A próxima vez que um ateu lhe perguntar o que o bom cristianismo fez pelo mundo, aqui está sua resposta. Com certeza, o cristianismo também contribuiu para os males da sociedade, bem como para zelar pela fé, por isso devemos ser intelectualmente honestos.

Acho muito encorajador que tantas instituições e movimentos de hoje tenham sido organizações em movimentos cristãos. No entanto, o que me incomoda e provavelmente a você é que eles são mais seculares agora. Quem é o culpado? Nós somos. Se quisermos começar a influenciar a sociedade novamente, devemos olhar para o alicerce de nossa fé, para Jesus. Vou deixar você com esta citação do livro de Os Guinness - “Se os cristãos estão vivendo como ‘sal e luz’ em qualquer sociedade, e eles atingem uma massa crítica onde eles são mais que uma pequena contracultura, então a ‘Cristandade’ ou de outra forma dessa sociedade é um teste do grau em que os cristãos estão vivendo o caminho de Jesus em obediência. Um sintoma impressionante do problema da Igreja no Ocidente hoje é o fato de que em um país como os Estados Unidos, os cristãos ainda são a esmagadora maioria dos cidadãos, mas o modo de vida americano afastou-se muito do modo de vida de Jesus - o que significa simplesmente que os cristãos que são a maioria estão vivendo um modo de vida mais próximo do mundo do que do caminho de Jesus. Em suma, são mundanos e, portanto, incapazes de moldar sua cultura”.²

Notas:

1. I. Howard Marshall, O Evangelho de Lucas: Um comentário do texto grego, Eerdmans, 1978, ISBN 0-8028-3512-0, pp. 561. em inglês (30/05/2011).
2. Five Contributions Christianity Has Made to Society. By Steven Hunter. <https://start2finish.org/five-contributions-christianity-made-society/>

2

Iluminismo x Cristianismo

O iluminismo é assim definido:

“Iluminismo foi o movimento cultural e intelectual europeu que, herdeiro do humanismo do Renascimento e originado do racionalismo e do empirismo do século 17, fundava-se no uso e na exaltação da razão, vista como o atributo pelo qual o homem apreende o universo e aperfeiçoa sua própria condição. Considerava que os objetivos do homem eram o conhecimento, a liberdade e a felicidade. O Iluminismo foi chamado pelos franceses de *Siècle des Lumières* ou apenas *Lumières*, pelos ingleses e americanos de *Enlightenment* e pelos alemães de *Aufklärung*”.¹

Segundo a pesquisa de Danilo Moraes, Mestre em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), “Immanuel Kant (1724-1804) entra em cena quando o século 18 estava chegando ao seu final e, juntamente com ele, a era do Iluminismo. Em 1784, Kant escreveu um artigo como resposta à pergunta: “O que é Iluminismo?”.²O próprio Kant forneceu a resposta:

“O Iluminismo era a chegada do homem à maioridade. Isso se dava quando o homem saía da imaturidade que o levava a confiar nas autoridades externas tais como a Bíblia, a Igreja e o Estado para dizer-lhe o que devia pensar e fazer. Nenhuma geração deve estar presa aos credos e costumes de eras do passado. Estar preso assim

é um ultraje contra a natureza humana, cujo destino se acha no progresso. Kant reconhecia que o século 18 ainda não podia ser considerado uma era iluminada, mas sim, a era do Iluminismo (WALTER, 1993, p. 306)”³.

O Dr. Richard A. Jones se expressa da seguinte forma em relação ao Iluminismo:

“Não muito tempo depois que Lutero, Calvino e os reformadores começaram a liderar as massas cativas da Europa sob a mão pesada da escravidão espiritual, intelectual do Papa (e, portanto, econômica e política também), uma forma ainda pior de tirania estava prestes a substituí-la. Uma que ainda tem a Europa e os EUA em um aperto de morte. Sabemos que a Reforma conseguiu libertar a sociedade para que o povo pudesse, enfim, se concentrar diretamente em Deus, em vez de em uma igreja de líderes corruptos e na sua colaboração de reis, duques e proprietários de terras. Mas a Reforma, em uma das grandes ironias da história, acabou fornecendo tanto alívio de Roma para as pessoas pensarem, estudarem, aprenderem e se esforçarem para cima, que em menos de 150 curtos anos após a morte de Calvino, os primeiros estágios da nova tirania já haviam passado através dos guardiões. Até 1700, Bacon, Locke, Newton, Descartes, Hobbes e outros, em uma rebelião total contra Deus, e para ser justa, provavelmente não intencional, criara raízes, encoberta pela traição chamada de “Iluminismo europeu”, uma ideia centrada no homem com sementes de suicídio intelectual.

O que aconteceu foi que o inesperado grau de independência intelectual obtido ao deixar a Igreja Romana fez com que o pêndulo da correção fosse superado, de modo que a independência de Deus se tornou um efeito colateral devastador. Como Deus estava sendo descartado por Paine, Voltaire e o resto dos suspeitos usuais, o “fato” do “eu, lógica, razão e ciência” tornou-se a nova divindade e o ateísmo o verdadeiro objetivo. Embora certos aspectos mais brandos do Iluminismo ajudassem a apoiar a Revolução Americana, uma versão muito mais desumana explodiu durante a Revolução Francesa de 1789 e depois em suas consequências no século XIX.

Na verdade, seu bisneto, o Humanismo Secular, está vivo e bem em 2008. Esse novo tipo de tirania agora vem do Estado, já que é o Estado, não Roma (e não Deus, como deveria ser), que é o força que governa nossas vidas”.⁴

Como toda seita que surgiu depois de quase dois milênios de Cristianismo, cuja filosofia é dizer que sua verdade é nova e superior ao que foi ensinado anteriormente, assim também é o Iluminismo. Mas os adeptos das seitas, como os do próprio Iluminismo, se esquecem que qualquer coisa boa que ensinam é derivado de algo anterior, o próprio Cristianismo. Steven Pinker ao invés de atribuir a melhora do mundo a Cristo, ele atribui ao Iluminismo. O próprio Pinker, deixando a religião de lado, disse isso:

“Vou apresentar um compreensão diferente do mundo, fundamentada de fato e inspirada no ideais do Iluminismo: razão, ciência, humanismo e progresso. Os ideais de iluminação, espero mostrar, são atemporais, mas nunca foram mais relevantes do que são agora”.⁵

Notas:

1. Iluminismo: o século das luzes - Uma análise de seus pressupostos e influência nas pesquisas bíblicas - Defesa da Fé - Edição 100 – Escrito por Danilo Moraes, Mestre em teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP), com especialização em Antigo Testamento.
2. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 13. By Steven Pinker. VIKINGAn imprint of Penguin Random House LLC375 Hudson StreetNew York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
3. Idem nº 1.
4. Every Square Inch Belongs To Christ. By Dr. Richard A. Jones. Feb 6, 2008 – American Vision. www.americanvision.org
5. Idem nº 2, pág 13.

3

Ousadia no entendimento! Uma defesa da Fé Cristã!

Steven Pinker cita que o lema do Iluminismo é “Ouse entender!”¹
A respeito da religião, especialmente a cristã, Pinker escreveu o seguinte:

“Os pensadores da Era da Razão e do Iluminismo viram uma necessidade urgente de um fundamento secular para a moralidade, porque eles eram assombrados por uma memória histórica de séculos de carnificina religiosa: as Cruzadas, a Inquisição, caça às bruxas, as guerras religiosas europeias. Eles colocaram esse fundamento no que hoje chamamos de humanismo, que privilegia o bem-estar de homens, mulheres e crianças individuais sobre a glória da tribo, raça, nação ou religião”.²

Um pouco antes, no mesmo e-book, Pinker havia dito que a “razão é inegociável”³. A “razão” é a “faculdade de raciocinar, apreender, compreender, ponderar, julgar; a inteligência. É o raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo”.Vamos, então, usar a mesma razão para desfazer alguns mitos criados em torno do Cristianismo. Na defesa histórica do Cristianismo que citarei a seguir, não estarei recorrendo a “geradores da ilusão como fé, dogma, revelação, autoridade, carisma, misticismo, adivinhação, visões, intuição ou a análise hermenêutica de textos sagrados”⁴ como cita Pinker, mas vou

recorrer a mesma “razão que levou a maioria dos pensadores do Iluminismo a repudiar a crença em um Deus antropomórfico”,^{5a} qual, pode também pode ser usada a favor desse mesmo Deus.

Mitos Sobre a Civilização Cristã Passada

O texto deste tópico inteiro é uma compilação de vários autores de autoria de Michael H. Warren.⁶ Ele, de uma forma brilhante faz uma defesa contra os mitos criados em torno da Fé Cristã e seus supostos erros.



O frontispício de Viena 2554 das Bíblias Moralisées, de meados do século XIII. Como o Arquiteto do universo, Deus usa leis matemáticas para estruturar Sua criação. A obra de arte reflete o fato de que a teologia foi chamada de Rainha das Ciências, ao contrário da narrativa Ciência versus Religião imposta na Idade Média por seculares modernos.

As cruzadas e inquisições

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., escreveu:

“Os secularistas reclamam contra comparações negativas entre o cristianismo e o islamismo. Eles invariavelmente apontam para as Cruzadas Cristãs como evidência de nosso próprio fracasso. No entanto, a renomada autoridade internacional do Islã, Bernard Lewis, responde:

“A Cruzada é um desenvolvimento tardio da história cristã e, em certo sentido, marca um afastamento radical dos valores cristãos básicos expressos nos Evangelhos... Na longa luta entre o Islã e a cristandade, a Cruzada foi tardia, limitada e de duração relativamente breve. A Jihad está presente desde o início da história islâmica - nas escrituras, na vida do Profeta e nas ações de seus companheiros e sucessores imediatos. Continuou ao longo da história islâmica e mantém seu apelo até os dias atuais”.

[Bernard Lewis, *A Crise do Islã: Guerra Santa e Terror Profano* (Nova York: Modern, 2003), 37.]

Riddell and Cotterell concorda e contrasta a jihad islâmica com as Cruzadas Cristãs:

“Primeiro, o chamado cristão para a guerra santa foi feito por um papa humano... e como tal foi sujeito a questionamentos por teólogos posteriores. O chamado muçulmano para a jihad, no entanto, está cimentado dentro do Alcorão de todos os tempos. Segundo, a doutrina da guerra santa caiu em grande parte em desuso nos círculos cristãos, enquanto a jihad como um conceito militar ainda é amplamente praticada por alguns grupos muçulmanos”.

[Peter G. Riddell e Peter Cotterell, *Islam in Context: Past, Present, e Futuro* (Grand Rapids: Baker Academic, 2003), 30.]

Poderíamos também ressaltar que as Cruzadas foram manobras defensivas contra conquistas muçulmanas cruéis e não-provocadas de terras cristãs e que, por fim, não foram apenas abandonadas, mas pediram desculpas pelo cristianismo. Tal não é o caso da jihad islâmica”.

Kenneth L. Gentry, Jr., Th.D., “Christ, Muhammad, and the Culture of Beheading”, August 1, 2004 [Cristo, Maomé e a Cultura da Decapitação], 1 de agosto de 2004, <http://www.chalcedon.edu/articles/0408/040801-1gentry.php>

Rodney Stark escreveu:

“As Cruzadas foram precipitadas por provocações islâmicas: por séculos sangrentos para colonizar o Ocidente e por novos ataques repentinos a peregrinos cristãos e lugares sagrados. Embora as Cruzadas tenham sido iniciadas por um pedido do Papa, isso não teve nada a ver com a conversão do Islã. As Cruzadas também não foram organizadas e conduzidas por filhos excedentes, mas pelos chefes de grandes famílias que estavam plenamente conscientes de que os custos das cruzadas excederiam em muito as recompensas materiais muito modestas que poderiam ser esperadas; a maior parte foi ao custo pessoal imenso, vem deles conscientemente falindo-se para ir. Além disso, os reinos cruzados que eles estabeleceram na Terra Santa, e que duraram quase dois séculos, não eram colônias sustentadas por exações locais; em vez disso, exigiam imensos subsídios da Europa...”.

Finalmente, as alegações de que os muçulmanos têm ressentimentos amargos sobre as Cruzadas por um milênio são um absurdo: o antagonismo muçulmano sobre as Cruzadas só apareceu em 1900, em reação ao Império Otomano e ao início do colonialismo europeu no Oriente Médio. E os sentimentos anti-cruzados só se tornaram intensos depois da fundação do estado de Israel.

Rodney Stark, *God's Battalions: The Case for the Crusades* (New York, NY: HarperOne, 2009), p. 8-9 [Os Batalhões de Deus: O Caso das Cruzadas]

A Idade Média da Fé versus a Idade Moderna do Ateísmo - Quem aceitava mais a matança humana em massa?

“Nenhum anúncio desse tipo foi feito pelos espanhóis aos civis [“tornar-se católico ou morrer”]. O número de pessoas que morreram na inquisição espanhola estava abaixo de mil [cerca de 880 pessoas], e os principais alvos eram convertidos católicos

judeus que eram suspeitos de serem judeus secretos. (O livro definitivo sobre isso é *A origem da Inquisição*, de Benzion Netanyahu, na Espanha do século XVII. Ele é o pai de Benjamin). Não houve nenhuma tentativa de católicos ou protestantes de executar massas de civis, com exceção do que eu mencionei em meu ensaio original: a Guerra dos Trinta Anos. A Europa reagiu com horror a esse acontecimento”.

Gary North: <http://www.lewrockwell.com/north/north295.html>

“Houve um tempo na história ocidental em que as regras da guerra especificavam que os civis não deviam ser alvos deliberados durante a guerra. Essas regras foram por vezes violadas: na Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), quando católicos e protestantes guerreavam uns contra os outros na Alemanha e nas guerras dos Estados Unidos contra os índios. Mas estas foram consideradas exceções. Então, em 1864, começando com a marcha de Sherman para o mar e a queima de fazendas de Sheridan no Vale de Shenandoah, na Virgínia, o antigo padrão foi abandonado”.

Gary North: <http://www.lewrockwell.com/north/north292.html>

“Veja Gil Elliot, *Twentieth Century Book of the Dead* (New York: Charles Scribner's Sons, 1972) [O Livro dos Mortos do Século XX] e Paul Johnson, *The World from the Twenties to the Nineties* (New York: Harper & Row, [1983] 1991) [Tempos Modernos: O Mundo dos Anos 20 aos 90] Segundo o ex-exilado russo Aleksandr Solzhenitsyn (1918-), no auge da Inquisição Espanhola (final da Idade Média), cerca de dez pessoas por mês eram executadas. Durante os oitenta anos anteriores à revolução russa, dezessete pessoas por ano foram executadas. Nos dois primeiros anos da revolução de Lênin, mais de mil pessoas por mês foram executadas sem o devido processo legal. No auge do terror de Stalin, cerca de quarenta mil pessoas por mês foram executadas. Veja Aleksandr Solzhenitsyn, “America: You Must Think About the World,” *Soizhenitsyn: The Voice of Freedom* (June 30, 1975), p. 9 [América: você deve pensar sobre o mundo].

As guerras religiosas europeias

William Cavanaugh em *Theopolitical Imagination: Discovering the Liturgy as a Political Act in an Age of Global Consumerism* [Imaginação Teopolítica:

Descobrimos a Liturgia como um ato político em uma era de consumismo global], escreveu:

“As ‘Guerras de Religião’ não foram os eventos que exigiram o nascimento do estado moderno; elas eram, de fato, as mesmas dores de parto do estado. Essas guerras não eram simplesmente uma questão de conflito entre “protestantismo” e “catolicismo”, mas foram travadas em grande parte pelo engrandecimento do Estado emergente sobre os remanescentes decadentes da ordem eclesiástica medieval. Não é meramente que fatores políticos e econômicos tenham desempenhado um papel central nessas alas, nem estamos justificados em fazer uma redução fácil da religião a preocupações mais mundanas. Pelo contrário, chamar esses conflitos de ‘Guerras da Religião’ é um anacronismo, pois o que estava em questão nessas guerras era a própria criação da religião como um conjunto de crenças particulares, sem relevância política direta. A criação da religião foi necessária pelo estado novo para a necessidade de assegurar a soberania absoluta sobre seus súditos... O que está em questão por trás dessas guerras é a criação da ‘religião’ como um conjunto de crenças que é definido como convicção pessoal e que pode existir separadamente da lealdade pública ao Estado. A criação da religião e, portanto, a privação da Igreja, é correlativa à ascensão do estado. É importante, portanto, ver que os principais promotores das guerras na França e na Alemanha não eram, de fato, pastores e camponeses, mas sim reis e nobres interessados no resultado do movimento em direção ao estado hegemônico centralizado e alealdade pública ao estado.

Caça às bruxas

O mito dos números de executados por feitiçaria e que era genocídio contra as mulheres. Um historiador secular corrige alguns dos mitos. Harold J. Berman escreveu:

“Na sociedade germânica, a síndrome da “desconfiança da confiança” estava intimamente relacionada à crença dominante em um destino arbitrário, e essa crença, por sua vez, refletia-se

sobretudo no uso da prova como método principal de prova legal. Os dois tipos principais de prova eram os de fogo e água, o primeiro para pessoas de posição mais elevada, o segundo para as pessoas comuns. Originalmente, estas eram invocações dos deuses do fogo e da água, respectivamente. Aqueles que foram julgados por fogo eram passados vendados ou descalços sobre arados incandescentes, ou carregavam ferros queimando nas mãos, e se as queimaduras deles curavam apropriadamente, eram exonerados. A prova de água era realizada em água fria ou em água quente. Em água fria, o suspeito foi considerado culpado se seu corpo fosse carregado pela água, contrariando o curso da natureza, mostrando que a água não o aceitou. Em água quente, ele foi considerado inocente se depois de colocar seus braços e pernas nus em água escaldante ele saiu ileso.

O surgimento do cristianismo e sua disseminação pela Europa foi um evento único, que não pode ser explicado por qualquer teoria social geral. Ao contradizer a visão germânica do mundo e dividir a vida em dois reinos, o cristianismo desafiou a suprema santidade do costume, incluindo a suprema santidade das relações de parentesco, senhorio e realeza. Também desafiou a suprema santidade da natureza - da água e do fogo das provas, por exemplo. Ele desafiou sua suprema santidade, sem negar sua santidade; pelo contrário, a igreja realmente apoiou as instituições e valores sagrados do povo (incluindo as provas). A igreja os apoiou e, ao mesmo tempo, desafiou-os, estabelecendo uma alternativa mais elevada - o reino de Deus, a lei de Deus, a vida do mundo vindouro.

Harold J. Berman, *Law and Revolution: The Formation of the Western Legal Tradition* [Lei e Revolução: A Formação da Tradição Jurídica Ocidental] (Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1983), 57, 82.

Hugh R. Trevor-Roper, escreveu:

“A Igreja da Idade das Trevas fez o possível para dispensar essas relíquias do paganismo [isto é, crenças em bruxas]. Em geral, a Igreja, como civilizadora das nações, desdenhava as histórias das velhas mulheres. Elas eram o lixo fragmentário do paganismo que a luz do Evangelho havia dissipado”.

Hugh R. Trevor-Roper, *The European Witch-Craze of the Sixteenth and Seventeenth Centuries [A Mania Bruxa Européia dos Séculos XVI e XVII]* (Harmondsworth: Penguin, 1969), p. 13, citado em Philip J. Sampson, *6 Mitos Modernos Sobre o Cristianismo e a Civilização Ocidental* (Downers Grove, IL: Intervarsity Press, 2001), p. 142.

Religião versus Ciência

A “Idade das Trevas” é um mito. É uma frase inventada por ateus durante o chamado “Iluminismo” para depreciar o Cristianismo. Da mesma forma, a “Revolução Científica”. A ciência moderna nasceu na Idade Média na Europa. Enquanto a “Revolução Científica” foi um período de muitos avanços científicos importantes, estes avanços foram frutos nascidos do empreendimento científico que teve sua origem e crescimento nos séculos precedentes. A Europa cristã da Idade Média pode não ter tido as melhores (mas largamente inúteis) estradas do Império Romano, mas aboliu as sociedades escravas da Roma e da Grécia antigas, fez avanços tecnológicos além de qualquer coisa que o mundo conhecesse e inventou universidades não só para preservar o conhecimento, mas inovar em todas as áreas da aprendizagem humana. Tudo isso foi feito por cristãos que conscientemente pensaram em termos de uma cosmovisão cristã, fundada na existência de um Criador absolutamente racional.

Rodney Stark escreveu:

“Os inquisidores espanhóis praticamente não prestaram atenção à ciência em si. Em seu notável estudo recente, Henry Kamen relatou:

Livros científicos escritos por católicos costumavam circular livremente. No ano de 1583 o Quiroga Index teve um impacto insignificante na acessibilidade de trabalhos científicos, e Galileu nunca foi colocado na lista de livros proibidos. Os ataques mais diretos montados pela Inquisição foram contra obras selecionadas na área da astrologia e da alquimia, ciências consideradas como responsáveis por superstições.

Em contraste, qualquer um na Espanha poderia ter ficado em apuros por ler livros de protestantes, científicos ou não. Mesmo assim, a maioria dos livros que realmente envolviam pessoas com os inquisidores não era sobre religião, ciência ou superstição; eles eram pornográficos...

Mas no que diz respeito à supressão da ciência, os incidentes mais sangrentos foram recentes e não tiveram nada a ver com religião. Foi o Partido Nazista, não a Igreja Evangélica Alemã, que tentou erradicar a física “judaica”, e foi o Partido Comunista, não a Igreja Ortodoxa Russa, que destruiu a genética “burguesa” e deixou muitos outros campos da ciência soviética em desordem. Ninguém foi estimulado por esses exemplos a propor uma incompatibilidade inerente entre política e ciência. Do mesmo modo, que houve conflitos entre igrejas e ciência não justifica a crença em uma incompatibilidade entre religião e ciência. É, ao contrário, que os autocratas geralmente não toleram discordâncias.

Rodney Stark em, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* [Pela Glória de Deus: Como o Monoteísmo Conduziu às Reformações, à Ciência, às Caçadas às Bruxas e ao Fim da Escravidão (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 127.

Rodney Stark escreveu:

Assim, só recentemente os historiadores perceberam que, embora os estudiosos da Europa, por exemplo, digam o oitavo século possam ter escrito o latim “inferior”, e talvez não fossem bem versados em Platão e Aristóteles, eles não eram “bárbaros”. Eles certamente não eram bárbaros moralmente: Platão e Aristóteles possuíam escravos, mas durante a “Idade das Trevas”, os europeus rejeitavam a escravidão... E eles certamente não eram bárbaros em termos de tecnologia: durante a “Idade das Trevas” veio “uma das grandes eras inventivas da humanidade”, à medida que a maquinaria era desenvolvida e colocada em uso “em uma escala que nenhuma civilização havia conhecido anteriormente”. Ou, como Lynn White colocou, “Na tecnologia, pelo menos, a Idade das Trevas marca um avanço constante e ininterrupto sobre o Império Romano”.

Rodney Stark em, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* [Pela

Glória de Deus: Como o Monoteísmo Conduziu às Reformações, à Ciência, às Caçadas às Bruxas e ao Fim da Escravidão] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 130.

Rodney Stark ainda acrescenta:

“O cristianismo não mergulhou a Europa numa era de ignorância e atraso. Em vez disso, houve tanto progresso técnico durante essa era que, no máximo até o século XIII, a tecnologia europeia superou qualquer coisa que pudesse ser encontrada em outras partes do mundo. Isso não ocorreu por causa da “redescoberta” do conhecimento clássico. Não há mais relato enganoso da civilização ocidental do que aquele que começa com a cultura clássica e prossegue diretamente para o “Renascimento”, descartando o milênio entre as duas como um interlúdio infeliz e irrelevante. A civilização ocidental não é descendente direta da cultura greco-romana. Em vez disso, é o produto de séculos de interação entre as culturas dos “bárbaros” (que, como começamos a perceber, tinha culturas muito mais sofisticadas do que havia sido reconhecido) e o Cristianismo. De fato, é muito menos verdade que o Cristianismo “romanizou” os alemães do que o segundo “germanizou” o Cristianismo. A adição subsequente do aprendizado greco-romano foi mais decorativa do que fundamental. Pois o fato é que o progresso alcançado durante a “Idade das Trevas” não se limitou à tecnologia. A Europa medieval também se destacou em filosofia e ciência. Como Lynn White apontou, “no final do século XIII, a Europa assumiu a liderança científica global”. Pois o fato é que o progresso alcançado durante a “Idade das Trevas” não se limitou à tecnologia. A Europa medieval também se destacou em filosofia e ciência.

Em muitos aspectos, o termo “Revolução Científica” é tão enganador quanto “Idade das Trevas”. Ambos foram inventados para desacreditar a Igreja medieval. A noção de uma “Revolução Científica” tem sido usada para afirmar que a ciência de repente explodiu quando um Cristianismo enfraquecido não pôde mais impedi-la, e como a recuperação da aprendizagem clássica tornou isso possível. Ambas as afirmações são tão falsas quanto as relativas a Colombo e à Terra plana. Em primeiro lugar, a aprendizagem

clássica não forneceu um modelo apropriado para a ciência. Em segundo lugar, a ascensão da ciência já estava muito adiantada no século XVI, tendo sido cuidadosamente nutrida por escolásticos devotos, na maior parte da invenção cristã, a universidade. Como Alford W. Crosby apontou, “no nosso tempo a palavra *medievalé* frequentemente usada como sinônimo de confuso, mas pode ser usada com mais precisão para indicar uma definição precisa e um raciocínio metódico, isto é, *clareza*” (ênfase dele). Admitiu-se que a era da descoberta científica que ocorreu no décimo sexto e os séculos XVII eram realmente maravilhosos, o equivalente cultural do florescimento de uma rosa. No entanto, assim como as rosas não brotam da noite para o dia, mas precisam passar por um longo período de crescimento normal antes mesmo de brotarem, o florescimento da ciência também é o resultado de séculos de progresso intelectual normal, e é por isso que não estou querendo me referir a uma “Revolução Científica” sem colocar o termo entre aspas”.

Rodney Stark em, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* [Pela Glória de Deus: Como o Monoteísmo Conduziu às Reformações, à Ciência, às Caçadas às Bruxas e ao Fim da Escravidão] (Princeton, NJ: Princeton University Press, 2003), p. 134-35.

Edward Grant escreveu:

“O que tornou possível para a civilização ocidental desenvolver a ciência e as ciências sociais de uma maneira que nenhuma outra civilização jamais havia feito antes? A resposta, estou convencido, está em um espírito penetrante e profundo de investigação que foi uma consequência natural da ênfase na razão que começou na Idade Média. Com exceção das verdades reveladas, a razão foi entronizada nas universidades medievais como o árbitro final da maioria dos argumentos e controvérsias intelectuais. Era bastante natural que acadêmicos imersos em um ambiente universitário empregassem a razão para investigar áreas que não haviam sido exploradas antes, bem como discutir possibilidades que antes não haviam sido seriamente entretidas”.

Edward Grant, *God and Reason in the Middle Ages* [Deus e Razão na Idade Média] (Cambridge: Cambridge University Press, 2001), p. 356

David C. Lindberg:

“Deve ser enfaticamente afirmado que dentro deste sistema educacional o mestre medieval tinha uma grande liberdade. O estereótipo da Idade Média retrata o professor como desleixado e subserviente, um seguidor servil de Aristóteles e dos pais da Igreja (exatamente como alguém poderia ser um seguidor escravo de ambos, o estereótipo não explica), temeroso de deixar de lado as demandas de autoridade. Havia amplos limites teológicos, é claro, mas dentro desses limites o mestre medieval tinha notável liberdade de pensamento e expressão; quase não havia doutrina, filosófica ou teológica, que não fosse submetida a minuciosos escrutínios e críticas de estudiosos da universidade medieval”.

David C. Lindberg, *The Beginnings of Western Science* [Os começos da ciência ocidental] (Chicago: University of Chicago Press, 1992), p. 363

Galileu contra a Igreja... ou Aristóteles?

“Galileu não tinha nenhuma prova para respaldar sua teoria. Quando o cardeal Bellarmine, responsável pelo Tribunal da Inquisição, perguntou a Galileu de maneira amistosa sobre suas provas, para que ele pudesse aceitar sua teoria como teoria comprovada, e lhe pediu que apresentasse sua teoria copernicana apenas como hipótese, Galileu respondeu em uma carta dura, que ele não estava disposto a apresentar suas evidências, porque ninguém poderia entendê-las.

Praticamente todos os pesquisadores concordam que Galileu não tinha provas físicas para sua teoria. Algumas partes da teoria de Galileu nem sequer puderam ser provadas porque estavam erradas e já ultrapassadas pela pesquisa de Kepler...”.

(Thomas Schirrmacher, "The Galileo Affair: History or Hagiography? [O Caso Galileu: História ou Hagiografia], *Creation Ex Nihilo Technical Journal* 14.1 (2000) 91-100; www.answersingenesis.org/gal-affair).

Finalmente, Galileu ofereceu uma prova falaciosa de que a Terra gira em torno do Sol: marés oceânicas. Sobre isto Charles E. Hummel escreveu:

“A prova de que Galileu finalmente planejou no final de 1615 foi a ação das marés. Ele acreditava que era devido à rotação diária combinada da Terra em seu eixo e sua revolução anual em torno do Sol. Ele apresentou essa explicação a várias audiências em Roma como uma demonstração física conclusiva sobre a qual ele escreveu um artigo em janeiro de 1616. Infelizmente, esse caminho conduzia a uma rua sem saída; isso não levou Belarmino a reconsiderar sua posição, e sua proeminência no *Diálogo* dezesseis anos depois deu aos oponentes a chance de rejeitar inteiramente o livro. Não foi até 1637 que Galileu abandonou sua teoria das marés (uma demonstração física da revolução e rotação da Terra aguardava descoberta em meados dos anos 1800 - quatro séculos depois de Copérnico -com o paralaxe estelar e o pêndulo de Foucault)”.

Charles E. Hummel em *The Galileo Connection* [Conexão Galileu] InterVarsity Press, 1986), pp. 110-11, disponível em <http://books.google.com/books?id=2b3ab2ErEtUC>

De acordo com Paul Feyerabend, Galileu não conseguiu provar que suas observações através do telescópio eram precisas. Acreditava-se naquela época que a observação dos corpos celestes envolvia distorções que não estavam presentes quando se observavam corpos terrestres; além disso, havia distorções produzidas pela própria lente do telescópio que precisavam ser explicadas. Feyerabend escreveu:

“Galileu estava apenas um pouco familiarizado com a teoria ótica contemporânea. Seu telescópio deu resultados surpreendentes na Terra, e esses resultados foram devidamente elogiados. O problema era de se esperar no céu, como sabemos agora. Apareceu rapidamente o problema: o telescópio produziu fenômenos espúrios e contraditórios e alguns de seus resultados poderiam ser refutados por um simples olhar a olho nu. Uma nova teoria da visão telescópica poderia trazer ordem ao caos (que pode ter sido ainda maior)”.

Against Method: Outline of an Anarchistic Theory of Knowledge [Contra o Método: Esboço de uma Teoria Anarquista do Conhecimento] (Verso, 1993), pp.81ff. 105, available at <http://books.google.com/books?id=8y-FVtrKeSYC>

O leitor perceberá que um estudo mais detalhado de fenômenos históricos como esses criam dificuldades consideráveis para a visão de que a transição da cosmologia pré-copernicana para a do século 17 consistiu na substituição de teorias refutadas por conjecturas mais gerais que explicaram refutando instâncias, fizeram novas previsões e foram corroboradas por observações feitas para testar essas novas previsões. E ele talvez veja os méritos de uma visão diferente que afirma que, enquanto a astronomia pré-copernicana estava em apuros (foi confrontada por uma série de instâncias refutadoras e implausibilidades), a teoria copernicana estava ainda mais problemática (foi confrontada em instâncias refutáveis mais drásticas e implausibilidades); mas estar em harmonia com teorias ainda mais inadequadas, ganhou força e foi retido, as refutações sendo tornadas ineficazes por hipóteses *ad hoc*[mais preparadas] e técnicas inteligentes de persuasão. Esta parece ser uma descrição muito mais adequada dos desenvolvimentos no tempo de Galileu do que a oferecida por quase todas as contas alternativas.

A fonte mais persistente de oposição a Galileu provinha do estabelecimento científico aristotélico, que arrastou a igreja para a controvérsia depois de quase 30 anos de falha em silenciá-lo por outros meios. Mais uma vez, Charles E. Hummel (*The Galileo Connection*, pp. 119-123) escreve:

“Por quase trinta anos antes do conflito ter uma virada teológica, Galileu travou uma batalha contra o aristotelismo do estabelecimento científico. Ele efetivamente usou a mídia de discussão privada, palestra pública e escrita polêmica. Embora seus ataques não fossem pessoais, os oponentes de Galileu ficaram compreensivelmente magoados e irritados ao minar seu sistema científico e reputação profissional...”.

É curioso que, apesar das evidências, os historiadores da ciência raramente culpem os professores universitários por sua participação na decisão contra Copérnico e Galileu, sua oposição à liberdade de investigação científica. No entanto, foram eles, os principais

cientistas, que instaram os teólogos a intervir, confiantes de que a igreja estaria do seu lado. Em uma carta a um amigo em 1635, Galileu escreveu sobre os eventos que levaram à fatídica decisão da igreja contra o sistema copernicano em 1616. Galileu não culpou o jovem padre Caccini, que o denunciara do púlpito em sua própria cidade de Florença; ele indiciou os homens cujas “difamações, fraudes, estratégias e truques foram usados há dezoito anos em Roma para enganar as autoridades”.

À luz desses fatos, deve-se ter cuidado ao aceitar a interpretação tradicional do julgamento, exemplificada pela conclusão de Colin Ronan:

“Galileu se destaca como um exemplo clássico dos males de um regime totalitário... [Ele] cortou a autoridade religiosa da Igreja... Era essencialmente o perigo de Galileu para uma visão autoritária que causou sua queda”.

A conclusão de Ronan é uma curiosa mistura de verdade e erro. Ele está próximo da verdade quando chama Galileu de vítima de uma perspectiva autoritária. O problema é que ele aponta o dedo culpado na direção errada. Para chamar a Igreja Católica na Itália daquela época (uma coleção de estados independentes), de um regime totalitário é um anacronismo. O papa dificilmente tinha o poder de um ditador moderno. Por exemplo, se Galileu tivesse ficado na República de Veneza, que recentemente expulsara os jesuítas por intrigas políticas, estaria em segurança.

O verdadeiro autoritarismo que projetou a queda de Galileu foi o da visão científica aristotélica nas universidades. Somente depois que Galileu atacou o estabelecimento por décadas, seus inimigos transformaram sua controvérsia em uma questão teológica. Mesmo assim, foram os filósofos naturais que trabalharam nos bastidores com autoridades da igreja para fomentar o julgamento de Galileu e, finalmente, para roubá-lo da solução razoável elaborada pela Inquisição.

Gorgio de Santillana diz:

“Na realidade, era um confuso e livre para todos, no qual o preconceito, o rancor inveterado e todos os tipos de interesses especiais e corporativos eram fatores primordiais... Sabe-se há muito tempo que grande parte dos intelectuais da Igreja estava do lado de Galileu, enquanto a mais clara oposição a ele vinha de ideias seculares... A tragédia foi o resultado de uma trama da qual as próprias hierarquias acabaram se tornando as vítimas não menos que Galileu - uma intriga engendrada por um grupo de personagens obscuros e díspares em estranho conspiração”.

Gorgio de Santillana (The Crime of Galileo [O Crime de Galileu] (Londres: Heinemann, 1958), pp. Xii-xiii).

Galileu tinha sido um célebre herói na Igreja Católica, homenageado pelo papa Paulo V e pelo colégio jesuíta romano por sua pesquisa em 1611. Até mesmo o futuro papa que o condenaria tinha sido um amigo e o honrara por seu trabalho no sistema de Copérnico:

“A primeira declaração escrita de Galileu em favor do sistema copernicano, suas cartas sobre manchas solares, foi recebida com muita aprovação e nenhuma voz crítica foi ouvida. Entre os cardeais que parabenizaram Galileu estava o Cardeal Barberini, que mais tarde se tornaria o Papa Urbano VIII e o sentenciaria em 1633”.

(Thomas Schirrmacher, “O Caso Galileu: História ou Hagiografia”, Creation Ex Nihilo Technical Journal 14.1 (2000) 91-100 ; www.answersingenesis.org/gal-affair

Galileu teve problemas com a Igreja quando constrangeu seu antigo amigo, o papa Urbano VIII. Os cientistas aristotélicos encorajaram Urbano a acreditar, embora possa não ter sido verdade, que Galileu pretendia que o personagem Simplicio, um tolo que defende o sistema ptolomaico nos famosos diálogos de Galileu, fosse uma autorização do papa. Urbano iniciou o julgamento, enquanto os próprios Inquisidores eram muito frouxos. O único cardeal que impulsionou o julgamento foi o irmão do papa.

Ao contrário da lenda, tanto Galileu quanto o sistema copernicano eram bem vistos pelos oficiais da Igreja. Galileu foi vítima de sua própria arrogância, a inveja de seus colegas e a política do papa Urbano VIII. Ele não foi acusado de criticar a Bíblia, mas de desobedecer a um decreto papal.

Thomas Schirrmacher, “O Caso Galileu: História ou Hagiografia”,
Criação Ex Nihilo Technical Journal 14.1 (2000) 91-100;
www.answersingenesis.org/gal-affair

Galileu não foi condenado por heresia, mas por uma acusação menor de “suspeita de heresia”, porque o sistema copernicano ainda não havia sido comprovado, o que era uma avaliação precisa da evidência empírica da época, como mostrado acima. O historiador da ciência John Heilbron escreveu em *The Sun in the Church: Cathedrals as Solar Observatories* [O Sol na Igreja: Catedrais como Observatórios Solares] (Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999), págs. 202-203:

“A heresia de Galileu, de acordo com a distinção padrão usada pelo Santo Ofício, era “inquisitorial” em vez de “teológica”. Essa distinção permitia que ela procedesse contra pessoas por desobedecer ordens ou criar escândalos, embora nenhum delito violasse um artigo definido e promulgado por um papa ou conselho geral... Entretanto, como a igreja nunca havia declarado que as passagens bíblicas que implicam um Sol em movimento deviam ser interpretadas em favor de um universo ptolemaico como um artigo de fé, comentaristas otimistas... poderia entender “formalmente herético” como “provisoriamente não aceito”.

A sentença de Galileu acabou sendo muito leve: ele foi mantido em prisão domiciliar em sua fazenda, que ficava perto de sua filha, que atendia às suas necessidades. Aos 70 anos, ele não foi capaz de se movimentar muito de qualquer maneira. O papa restaurou sua pensão. Ele foi capaz de receber visitantes e continuar seus experimentos científicos e publicações (embora não em defesa da visão copernicana).

Fora da Itália, cientistas católicos ignoraram o decreto e a Igreja Católica continuou a apoiar pesquisas astronômicas. J.L. Heilbron em *O Sol na Igreja*, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1999, documenta como as catedrais foram transformadas em observatórios solares, e a igreja “deu mais apoio financeiro e social ao estudo da astronomia por mais de seis séculos, desde a recuperação do aprendizado antigo durante o final da Idade Média até o Iluminismo, do que qualquer outro, e, provavelmente, todas as outras instituições”.

A Terra Plana

O mito de que as pessoas acreditavam que a Terra é plana até que Colombo provasse que elas estavam erradas começou com Washington Irving, mais conhecido por “A Lenda de Sleepy Hollow” e “Rip Van Winkle”. Irving publicou uma história de três volumes da vida e das viagens de Cristóvão Colombo (1828), que incluiu um confronto fabricado entre Colombo e um homem da igreja que argumentava que a Terra era plana. Samuel Eliot Morison, biógrafo de Colombo, diz que a história de Irving é “bobagem enganosa e maliciosa, ...um dos mais populares mitos colombianos (Samuel Eliot Morison, *Admiral of the Ocean Sea: A Life of Christopher Columbus* [Almirante do Mar do Oceano: Uma Vida de Cristóvão Colombo] (Boston, MA: Little Brown e Co., 1942), p. 89). O mito popularizou-se em torno da virada do século XX por proponentes da evolução, como Andrew D. White em *A History of the Warfare of Science with Theology in Christendom* [Uma História da Guerra da Ciência com a Teologia na Cristandade] (1896), um livro cheio de desinformação sobre a relação entre cristianismo e ciência.

Os cálculos do antigo matemático grego Ptolomeu sobre a circunferência da Terra continuaram a ser utilizados durante toda a Idade Média. A Bíblia e Aristóteles também foram usados para apoiar a visão de que a Terra é redonda: “A demonstração científica da redondeza da Terra foi reforçada pela religião; Deus fez a Terra

uma esfera porque essa era a forma mais perfeita [por Aristóteles - MW]. No Antigo Testamento há uma referência a isso em Isaías 40:22: *'É ele que está sentado no círculo da terra'*. - 'círculo' é a tradução do hebraico khug, esfera”.

Samuel Eliot Morison, *The European Discovery of America: The Norther Voyages* [A Descoberta Europeia da América: As Viagens do Norte] (Nova York: Oxford University Press, 1971), 6.

Havia alguns cristãos na Idade Média que afirmavam que a Terra é plana, mas há poucas referências ao seu trabalho na escrita medieval posterior. Um deles era o monge egípcio Cosmas Indicopleustes, do século VI; o erudito medieval Jeffrey Russell escreveu que ele “não tinha seguidores: suas obras eram ignoradas ou descartadas com escárnio na Idade Média”.

Jeffery Burton Russell, *Inventing the Flat Earth: Columbus and Modern Historians* [Inventando a Terra Plana: Colombo e os Historiadores Modernos] (Nova York: Praeger, 1991), 4.

A dissecação de cadáveres

Sobre a dissecação de cadáveres, Rodney Stark escreveu:

“A dissecação humana não era permitida no mundo clássico, e é por isso que as obras greco-romanas sobre anatomia são tão falhas. Os estudos de Aristóteles limitavam-se inteiramente às dissecações de animais, como as de Celsius e Galen. Celsius afirmou que, três séculos antes de sua época, vários médicos gregos em Alexandria podem ter dissecado alguns escravos e criminosos. Caso contrário, “no período clássico, a dignidade do corpo humano proibia a dissecação”. A dissecação humana também foi proibida no Islã. Depois vieram as universidades cristãs e com elas uma nova perspectiva sobre a dissecação. A suposição inicial era que o que é único para os humanos é uma alma, não uma fisiologia. As dissecações do corpo humano, portanto, não são diferentes dos estudos de corpos de animais e não têm implicações teológicas. A partir dessa suposição, duas justificativas adicionais de dissecações foram avançadas. A primeira foi a forense. Muitos assassinos escaparam da detecção porque os corpos de suas vítimas não foram

submetidos a uma cuidadosa autópsia. A segunda dizia respeito ao bem-estar humano - que nenhum conhecimento médico adequado poderia ser adquirido sem a observação direta da anatomia humana. No entanto, AD White escreveu indignadamente sobre como o grande fisiologista Andreas Vesalius (1514-1564) “arriscou os mais terríveis perigos, e especialmente a acusação de sacrilégio, fundamentada nos ensinamentos da Igreja”, conduzindo dissecações humanas. White prosseguiu afirmando que qualquer um que dissecasse um corpo humano nesse momento corria o risco de “excomunhão”, mas o heróico Vesalius “quebrou sem medo” do “convencionalismo sagrado” e prosseguiu “apesar da censura eclesiástica... Nenhum perigo o assustou”. Tudo isso foi alegado ter ocorrido dois séculos depois que a dissecação humana começou nas universidades, onde Vesalius aprendeu e praticou seu ofício anatômico! Este não é um fato apenas recentemente trazido à luz. Escrevendo no início da década de 1920, Charles Singer, um dos primeiros historiadores da medicina, achou tão bem conhecido não precisar de documentação que “embora Vesalius alterasse profundamente a atitude em relação ao fenômeno biológico, ele ainda processou suas pesquisas não perturbadas pelas autoridades eclesiásticas”.

White também não conseguiu transmitir a imensa fama e reconhecimento que o trabalho de Vesalius recebeu imediatamente após a publicação. Nem White se dignou a relatar que Carlos V, o Sacro Imperador Romano, respondeu ao “sacrilégio” de Vesalius, enobrecendo-o como um conde e concedendo-lhe uma pensão vitalícia. Posteriormente, o jovem anatomista passou a residir na corte de Filipe II da Espanha, e isto durante o período mais ativo de caça às heresias por inquisidores locais! Quanto às visões religiosas de Vesalius, ele morreu ao retornar de uma peregrinação à Terra Santa. Assim, descobrimos outro dos relatos falsos de White sobre a implacável oposição religiosa à ciência. E, como o conto sobre Colombo, teve um efeito profundo e distorcido em nossa cultura intelectual.

Rodney Stark, *For the Glory of God: How Monotheism Led to the Reformations, Science, Witch-Hunts, and the End of Slavery* [Para a glória de Deus: como o monoteísmo levou às reformas, à ciência, à caça

Os casos de Giordano Bruno e Michael Servetus

Ainda no livro de Rodney Stark citado acima, na página 127, ele escreveu:

“Consideremos a execução de Giordano Bruno (1548-1600), frequentemente citada como um dos exemplos mais vergonhosos da repressão religiosa da ciência. AD White afirmou que Bruno “deveria ser mencionado com reverência como começando a desenvolver novamente aquela corrente do pensamento grego que os médicos da Igreja haviam interrompido por mais de mil anos”. De fato, Bruno não era realmente um cientista, embora se envolvesse em alguma astronomia especulativa. Em vez disso, ele era um monge renegado, um feiticeiro hermético e um filósofo. Seus problemas tinham a ver inteiramente com uma teologia herética envolvendo a existência de um número infinito de mundos - uma obra baseada inteiramente em imaginação e especulação. O mesmo vale para o outro caso igualmente infame, o de Michael Servetus (1511-1553), morto em Genebra com a aquiescência de João Calvino. Embora Servet tenha feito um pouco de trabalho inicial em fisiologia, ele se especializou em teologia, e foi apenas por sua escrita teológica que ele foi condenado.

Lutero e Calvino contra a Ciência

Sobre Lutero e Calvino R. Hooykaas escreveu:

“Aqui, novamente, o preconceito cegou historiadores: ele não se ajustaria à imagem atual de Calvino se ele abrisse o caminho para qualquer outra coisa além de intolerância e biblicismo. De acordo com AD White, “Calvino assumiu a liderança (contra Copernicanismo) em seu Comentário sobre Gênesis, condenando todos os que afirmavam que a Terra não é o centro do universo.

Ele conquistou a questão pela referência usual ao primeiro e terceiro verso do Salmo noventa sobre o Universo” e perguntou: “Quem se aventurará a colocar a autoridade de Copérnico acima da do Espírito Santo?” White, evidentemente, emprestou essa última citação da “História da Interpretação” de Farrar.

‘Não há mentira tão boa quanto à precisa e bem detalhada’, e esta tem sido repetida várias vezes, citações incluídas por escritores sobre a história da ciência, que evidentemente não se esforçaram para verificar a declaração. Durante quinze anos, eu apontei em vários periódicos preocupados com a história da ciência que a “citação” de Calvino é imaginária e que Calvino nunca mencionou Copérnico; mas a lenda morre a força. Parece estranho que Farrar, que no corpo de sua obra fez justiça ao caráter erudito do método de exegese de Calvino, pudesse ir tão longe na Introdução. Eu fiquei desconfiado de sua declaração porque não se encaixa com Calvino’.

R. Hooykaas, *Religion and the Rise of Modern Science* [A Religião e a Ascensão da Ciência Moderna] (Grand Rapids, MI: Eerdsman's Publishing, 1972), p. 121-22.

No que diz respeito a uma declaração de Martin Lutero, Hooykaas continua:

“Muita ênfase é frequentemente colocada na atitude de Lutero a fim de corroborar a afirmação de que os reformadores e os protestantes, por causa de seu biblicismo, eram em geral menos favoráveis ao sistema de Copérnico do que a igreja romana antes da condenação de Galileu. Lutero, de fato, em uma de suas conversas de mesa rejeitou a opinião de um astrônomo de quem o Sol estava parado, como um esforço equivocado de ser original: *“Eu acredito na Sagrada Escritura, pois Josué disse ao sol para parar, não para a terra”*. Mas em seus trabalhos autorizados, Lutero nunca mencionou o problema; era apenas uma observação de bom senso, feita quando circulavam apenas rumores sobre o trabalho de Copérnico (nem mesmo seu nome é mencionado nas reminiscências do repórter) (1539), e foi impresso apenas (da memória de um de seus convidados) vinte e sete anos depois (1566). Portanto, essa atitude

difícilmente poderia ter exercido muita influência, tanto mais que não desempenha um papel na doutrina luterana.

Finalmente, as observações de Hooykaas sobre Melanchthon:

“Somente Melanchthon, que sempre permaneceu fiel à filosofia aristotélica, condenou inicialmente a doutrina do movimento da Terra e disse que os magistrados deveriam punir sua proclamação. Mas um ano depois, em sua segunda edição, essa passagem foi omitida. Melanchthon estava em condições muito amistosas com Petreius, o impressor do trabalho de Copérnico, e em uma oração (1549) sobre seu amigo recentemente falecido Caspar Cruciger (1504-1548), ele mencionou que este último era um admirador de Copérnico. Além disso, ele deu proteção a Rheticus, o único aluno imediato de Copérnico”.

O Conflito de Classes como a Causa dos Movimentos Religiosos

Rodney Stark escreveu:

“Muitos estudiosos, talvez possuidores de imaginações sociológicas excessivamente ativas, afirmaram que esses grandes movimentos heréticos não eram realmente doutrinas e preocupações morais. Em vez disso, argumentam, que os aspectos religiosos desses movimentos mascararam sua base real, que era o “conflito de classes”. Frederick Engels deu o exemplo seguido por muitos outros quando descartou os aspectos religiosos desses conflitos como “as ilusões da época” e alegou que os “interesses, e as muitas exigências das várias classes estavam escondidos atrás de uma tela religiosa”.

Atribui-se aos principais movimentos religiosos medievais a camponeses pobres ou habitantes da cidade proletária, em face da clara evidência do substancial envolvimento excessivo dos ricos e privilegiados na maioria, se não em todos eles. Além disso, mesmo se pudesse ser demonstrado que a maioria dos seguidores desses

movimentos eram camponeses pobres, isso tem pouca força quando reconhecemos que quase todos na Europa medieval eram camponeses pobres. É também essencial ver que a ênfase dada às virtudes da pobreza por muitos desses grupos não foi uma racionalização por ser pobre, mas um apelo para que os cristãos adotem a “santa pobreza” como meio de superar o mundanismo. O estresse estava em escolher pobreza - uma opção que não é dada aos pobres - que pode explicar o apelo especial do ascetismo para aqueles em posição de escolher. É frequentemente observado que a riqueza falha em satisfazer muitos daqueles que nasceram em privilégio, e que parece ter sido especialmente assim nessa época em que foram principalmente os filhos das classes altas que receberam educação religiosa (ou qualquer educação), e interesses e preocupações foram assim despertados.

Notas:

1. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 21. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
2. Idem nº 1, pág. 24.
3. Idem nº 1, pág. 22.
4. Idem nº 1, pág. 22.
5. Idem nº 1, pág. 22.
6. Myths About Past (Quasi-)Christian Civilization. By Michael H. Warren. http://www.christianciv.com/MythsPastChristianCiv.htm#Class_ConflictRevised 10/28//2015.

Notas e mais referências sobre esses assuntos:

Donald H. Kobe, “Lutero e Ciência”
<http://www.leaderu.com/science/kobe.html>

Gary DeMar, “Martinho Lutero e Copérnico”
<http://www.americanvision.org/articlearchive/12-18-06.asp>

Gary DeMar, “A guerra entre a ciência e a religião”
<http://www.americanvision.org/articlearchive/11-14-06.asp>

Gary DeMar, “Questionando a História - Parte I”
<http://www.americanvision.org/articlearchive2007/11-05-07.asp>

Um artigo escrito por dois liberais sobre o mito de que a relação histórica entre cristianismo e ciência tem sido tipicamente de guerra: David C. Lindberg e Ronald L. Numbers, Além da guerra e da paz: uma reavaliação do encontro entre o cristianismo e a ciência.

<http://www.asa3.org/ASA/PSCF/1987/PSCF9-87Lindberg.html>

4

A lei da entropia e sua interferência no progresso humano

Na página 30 de seu livro, Steven Pinker diz que “a primeira pedra angular na compreensão da condição humana é o conceito de entropia ou desordem, que emergiram da física no século XIX e foi definido em sua forma atual pelo físico Ludwig Boltzmann”.³⁰ “A ciência também diz que há um aniquilamento de energia na matéria. A segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, mostra a perda natural de energia no átomo. A matéria envelhece paulatinamente”.² Sobre este assunto, o pastor Glênio Fonseca Paranaguá num debate, declarou:

“Toda natureza pós pecado é uma estrutura decadente. O caos e a morte dão as cartas neste mundo. Tudo aponta para o pecado como um acidente cósmico que danificou tudo.

- O pecado então atingiu em cheio toda criação? Então, vivemos a ditadura do caos e da morte? O que você está me dizendo é que o pecado contaminou a natureza?

- Sim. Depois da queda a matéria ficou conspurcada pelos efeitos do pecado. Tudo no universo, a partir do pecado, encontra-se em decadência”.³

Por isto, a redenção de toda a natureza está ligada a redenção de nosso corpo físico:

“Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora.

E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”.

(Romanos 8:22-23)

Na Bíblia, temos em três lugares diferentes a indicação de que a Terra está se deteriorando (Isaías 51:6; Salmos 102:25,26; e Hebreus 1:11). “Isso é o que a Segunda Lei da Termodinâmica (a lei da entropia crescente) afirma: que em todos os processos físicos, todo sistema ordenado ao longo do tempo tende a se tornar mais desordenado. Tudo está se desgastando e deteriorando à medida que a energia está se tornando cada vez mais escassa. Isso significa que o Universo irá se deteriorar ao ponto que (em tese) haverá uma “morte da energia térmica” e portanto não haverá mais energia disponível para o uso. Isso só foi descoberto pela ciência recentemente, mas a Bíblia afirma isso de forma concisa”.³

Afinal, é o pecado que realmente causa a entropia? Seria ela parte do plano original de Deus? A Bíblia diz constantemente em Gênesis 1 que tudo quanto Deus fez “era bom”, nos mostrando assim que no princípio a criação foi feita em um sistema ordenado e totalmente controlado por Deus. Somente a partir do pecado original ou da Queda do homem, foi que a natureza entrou em um processo de entropia ou desordem (Gênesis 3:17). O próprio Steven Pinker reconhece que as “leis da probabilidade, cutucam o sistema em direção a desordem ou inutilidade - não porque a natureza se esforça para desordem, mas porque há tantas outras maneiras de ser desordenado do quede ser ordenado”.⁴ Em outras palavras - embora seja ateu – Pinker acaba reconhecendo que a natureza criada por Deus tem um caminho em direção ao progresso, embora a entropia seja esse “espinho” no caminho.

A entropia é muito relevante para os assuntos humanos, pois a vida e a felicidade dependem de que na matéria as coisas estejam arranjadas de forma ordenada em meio ao número astronômico de possibilidades daquilo que poderia acontecer. A lei da entropia “é tão atuante quanto a lei da gravidade, não há matéria que não seja influenciada por ela, até mesmo os chamados “eternos” diamantes um dia se transformarão em carvão graças a esta lei”.⁵ “A Lei da Entropia é amplamente reconhecida na vida cotidiana em ditados como “as coisas se desfazem, “a ferrugem nunca dorme”, “merdas acontecem”, “tudo o que pode dar errado vai errado”.⁶

Pois bem, estabelecido o ponto de que a entropia dita suas regras neste mundo, podemos notar que à primeira vista, a Lei da Entropia e sua influência sobre os seres humanos, parece permitir apenas em nos desencorajar diante da história quando vemos um futuro deprimente. Pela lógica podemos notar sim que o caos e a destruição seria o mais certo para este mundo. Sei que isto é um prato cheio para os futuristas apocalípticos que acreditam que a profecia bíblica aponta para esse caminho. O problema é que existe um pano de fundo que luta contra a entropia. Embora parece que essa luta contra a entropia seja fruto do esforço humano, implantando energia e conhecimento para remar contra a “maré” da entropia, devemos ter em mente o que disse o profeta Jeremias sobre esse tema:

“As misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos, porque as suas misericórdias não têm fim;
Novas são cada manhã; grande é a tua fidelidade”.

(Lamentações 3:22-23)

Deus que fez tudo “muito bom”, cujo Ser é a fonte de todo o bem maior, é o que dá sustento a Sua criação que foi corrompida pelos efeitos do pecado humano. O Senhor não abandonou Sua criação por causa do homem. Steven Pinker quando diz que o progresso humano é fruto do próprio homem através do Iluminismo, e não devido à atuação de uma Força Cósmica chamada Deus, ele, assim como os demais ateus, não conseguem enxergar a sutileza da atuação Divina.

Simplesmente a atuação de Deus neste mundo é sutil, imperceptível e discreta aos nossos olhos. O máximo que podemos alcançar é o conhecimento científico de como as coisas funcionam. Mas aquele pano de fundo, o chamado “nada” de onde saiu todo o Universo, permanece.

O Senhor Jesus Cristo nos ensinou sobre essa sutileza da atuação Divina. Ele disse:

“Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros, e vosso Pai celestial as alimenta; não valeis vós muito mais do que elas?”

(Mateus 6:26)

Como as aves e os demais animais são alimentados pelo Pai celestial? Seria uma mão cósmica gigantesca (mas invisível) puxando uma alavanca para fazer chover alimentos? Seria Deus dando gritos com raios e trovões ou simplesmente se comunicando com os animais? Ora, não é nada disso! A ciência estuda o porquê dos animais se alimentarem, seus instintos e a sua inteligência animal. É justamente assim, através da forma com que o animal procura pelo alimento e a forma como o mesmo lhe é fornecido naturalmente, é que Deus alimenta as aves do céu. Não há mágica e nem milagre nisso.

Por um lado, a ciência somente conhece aquilo que está ao alcance de como funciona o mecanismo de fornecimento de alimento através da natureza. Por outro lado, o “pano de fundo”, o “nada” de onde tudo sai e a tudo sustenta, continuará sendo um mistério. Mesmo na vida eterna, vamos nos impressionar para todo o sempre com os mistérios divinos sendo revelados, os quais nunca terminarão. Na teologia, chamamos a isso de “Desenvolvimento em fruição”. Segundo o Dicionário de Escatologia do Preterismo, esse termo tem a seguinte definição:

“Desenvolvimento em fruição – [Do Lat. fruictione, gozo, usufruto]É um conceito que diz que apesar da perfeição que teremos no Céu, mesmo assim, usufruiremos dela no sentido de nos desenvolvermos continuamente em conhecimento.

1. Mesmo no Céu, o conhecimento acerca de Deus é inesgotável. Quando estivermos na eternidade teremos à nossa disposição toda a vida eterna para descobrir os mistérios divinos.
2. Se levarmos em consideração a nossa atual contagem de tempo, podemos dizer que passaremos bilhões e trilhões de anos sem fim conhecendo a sabedoria divina e seus mistérios”.⁷

Em resumo, os ateus como Steven Pinker não conseguem ver a atuação sutil de Deus no progresso do mundo, porque sua fé é tão rasa como uma poça d’água. Sim! O ateísmo é uma fé, mas, só que ao contrário. Por outro lado, não posso deixar de notar que pessoas como Steven Pinker têm percepção melhor do que muitos cristãos ao reconhecerem o progresso pelo qual caminha a humanidade. A isto Jesus diria que quando os filhos da luz se omitem, as pedras começam a clamar.

Notas:

1. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 30. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
2. Artigo: A Natureza Terrena e a Tentação de Jesus. Autor: Glênio Fonseca Paranaguá. Site: www.piblondrina.com.br Acessado Domingo, 1/2/2015
3. Fonte: <http://www.creationism.org/portuguese/ComfortScientificFactsInBible>

4. Idem nº 1, pág. 31.
5. Os ateus e a segunda lei da termodinâmica. By Veritatis Splendor.
<https://www.veritatis.com.br/os-ateus-e-a-segunda-lei-da-termodinamica/> Acessado Segunda-feira, 20 de Agosto de 2018.
6. Idem nº 1, pág. 31.
7. Dicionário de Escatologia do Preterismo, pg. 43. Por César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada -Edição Especial Nº 025. Site: www.revistacrista.org Londrina – Paraná - Setembro de 2016.

5

O Medo do Progresso

“Quem poderia ser contra a razão, a ciência, o humanismo ou o progresso?”¹ perguntou o ateu Steven Pinker, o mesmo que com muita eficiência prova que o nosso mundo melhorou. Eu, que conheço o sistema religioso, pelo menos para mim não tenho dúvidas de que quem é contra o progresso são os crentes da geração “deixados para trás”, os quais, querem a todo o custo que o mundo entre em colapso para que Cristo possa voltar. Mas a escatologia deles está errada e doente. Nessa escatologia não há amor nem pelas criaturas humanas e nem pela criação de Deus em geral. Cristo não virá outra vez sem que a restauração de tudo alcance seu ápice (Atos 3:20-21).

Por causa de sua escatologia pessimista muitos crentes evangélicos não têm percebido a força da mensagem de Atos 3:20-21, pois a ideia de Cristo ficar contido no Céu até a restauração de tudo é, na verdade, uma ideia progressista, que nos mostra que as coisas têm que melhorar primeiro, para que depois Cristo possa de novo se apresentar publicamente a humanidade. Grande parte dos crentes evangélicos veem com cautela o progresso tecnológico, pois, segundo eles, o mesmo foi destinado para o uso do Anticristo.

Embora supostamente será usado pelo Anticristo, não vejo nenhum crente deixando de usar computadores, cartões de crédito e tantas

outras coisas tecnológicas que temos atualmente. Embora haja certo medo em relação a tecnologia, os crentes nem se apercebem o quanto estão mergulhado nela e o quanto aceitam o atual sistema financeiro mundial que, inclusive, segundo eles, caminha para ser usado pela Besta do Apocalipse. Desde a época em que participei desse sistema pessimista dos evangélicos, nunca consegui entender a eterna contradição em que eles vivem. Por um lado, amam abraçar doutrinas como a da teologia da prosperidade e, por outro lado, afirmam veementemente que o mundo está cada vez pior e que as coisas não irão melhorar até a Segunda Vinda de Cristo. Ao mesmo tempo em que vivem nessas contradições, os evangélicos também não conseguem aceitar a ideia pós-milenista de que o mundo vai melhorar e que as coisas podem ser melhores. Mesmo as suas lideranças, os pastores e teólogos, ao mesmo tempo em que ensinam o pessimismo futurista imediato, também acumulam grandes patrimônios a longo prazo.

Quando penso em otimismo em relação ao futuro e os progressos conquistados até agora, não se trata de otimismo ingênuo, mas uma consideração de fatos, contra os quais não há argumentos. Todo o progresso feito até agora foi com muitas dores de parto, não sem sofrimento ou derramamento de sangue. As coisas não foram fáceis para chegarmos até aqui e, continua, difíceis em muitos aspectos. No final das contas, estamos no melhor dos mundos possíveis.

As pessoas acham que o otimismo é algo jogado ao vento, sem fundamento. Lembro-me que dias atrás antes de escrever este capítulo, uma pessoa graduada que vive nos Estados Unidos da América, disse que eu “não estava vivendo neste mundo” por dizer que o mundo só tem melhorado. Ora, quem não está vivendo a realidade deste mundo é exatamente a pessoa que me fez tal objeção. Ela vive num bom país, é graduada pela universidade, tem uma vida razoavelmente boa com garantias e direitos muito mais acessíveis do que aqui no Brasil. Como pode essa determinada pessoa dizer que o mundo vai de mal a pior? Creio que alguém que vive num país muito

ruim de se viver, com guerras, fomes, miséria etc., é que teria mais direito em dizer que o mundo não está nada bom.

O pessimismo está correto? Não, não está! O problema é que as pessoas se concentram demais em notícias que estão cheias de guerra, terrorismo, crimes, poluição, desigualdade, abuso de drogas e opressão. A imprensa em seu desserviço, como sempre, alerta sobre as próximas anarquias, pragas epidemias, colapsos e tantas “crises” nas aéreas da economia, saúde, aposentadoria, assistência social e energia. Pinker acertadamente fala que “enquanto as coisas ruins não desaparecerem da face da Terra, sempre haverá incidentes suficientes para encher as notícias, especialmente quando bilhões de smartphones transformam a maior parte da população mundial em repórteres criminais e correspondentes de guerra”.² A natureza das notícias faz distorcer a nossa visão de mundo. “Os consumidores de notícias negativas, não surpreendentemente, sofrem de “percepção equivocada de risco, ansiedade, níveis de humor, desamparo aprendido, desprezo e hostilidade para com os outros, dessensibilização e, em alguns casos, evitam completamente as notícias”.³ “E eles se tornam fatalistas, dizendo coisas como: “Por que eu deveria votar? Não vai ajudar!”, ou “Eu poderia doar dinheiro, mas vai haver outra criança que estará morrendo de fome na próxima semana”.⁴

Sobre o progresso da civilização, Steven Pinker mostra outra realidade em seu outro livro de 2011, intitulado “The Better Angels of Our Nature” [Os Anjos Bons da nossa Natureza], onde apresentou “cem gráficos e mapas mostrando como a violência e as condições que a fomentam declinaram ao longo da história. Para enfatizar que os declínios ocorreram em momentos diferentes e tiveram causas”,⁵ Pinker “dá-lhes nomes. O Processo de Pacificação foi uma redução de cinco vezes na taxa de morte de ataques e rixas tribais, a consequência de estados efetivos exercendo controle sobre um território. O Processo Civilizador foi uma redução de 40 vezes os homicídios e outros crimes violentos que se seguiram sobre o entrincheiramento do Estado de Direito e normas de autocontrole no

início Europa moderna. A Revolução Humanitária é outro nome para o Abolição da Escravidão, perseguição religiosa e crueldade e punições. A Longa Paz é o termo dos historiadores para o declínio da grande potência e guerra interestadual após a Segunda Guerra Mundial. Após o final da Guerra fria, o mundo tem desfrutado de uma nova paz com menos guerras civis, genocídios e autocracias. E desde a década de 1950 o mundo foi varrido por uma cascata das Revoluções de Direitos: direitos civis, direitos das mulheres, direitos dos homossexuais, direitos das crianças e direitos dos animais”.⁶

Embora as pessoas sejam pessimistas em relação ao mundo, elas, na verdade, se contradizem quando concordam que “a vida é melhor que a morte. A saúde é melhor que a doença. O sustento é melhor que a fome. A abundância é melhor que a pobreza. A paz é melhor que a guerra. A segurança é melhor que o perigo. A liberdade é melhor que a tirania. Os direitos iguais são melhores que preconceito e discriminação. A alfabetização é melhor que analfabetismo. O conhecimento é melhor que a ignorância. A inteligência é melhor do que a estupidez. A felicidade é melhor que a miséria. As oportunidades para desfrutar de família, amigos, cultura e natureza são melhores do que o trabalho penoso e a monotonia”.⁷ Independente de como está o mundo, as pessoas pessimistas se contradizem quando procuram por todas essas coisas boas. O melhor de tudo é que essas coisas podem ser medidas estatisticamente. Assim podemos ver se houve progresso e se os diversos setores da vida aumentaram com o tempo.

A verdade sobre os “bons e velhos tempos”

Para finalizar este capítulo, cito abaixo o excelente artigo do teólogo Gary DeMar:

“Certa vez escrevi sobre como os terremotos não eram um sinal dos últimos dias e da breve vinda de Cristo. Eu recebi a pilha

habitual de e-mails de críticos. Palavras como “estúpido”, “morno” e “herético” foram lançadas. Uma resposta sempre se destaca: “os tempos continuam ficando cada vez pior!”

A resposta mais interessante veio de uma mulher de 62 anos que acredita em algo chamado “Bons e Velhos Tempos”. Aqui está o que ela escreveu:

Você sabe que não é preciso ser um cientista especializado em foguetes para saber que este mundo está em uma forma terrível cada vez mais. As pessoas se tornaram iníquas em meus 62 anos, indo da minha infância quando você podia deixar suas portas abertas de dia e noite e não se preocupar com quem entrasse naquela casa. Quando as crianças podiam caminhar até a mercearia da esquina e comprar uma Coca-Cola por 5 centavos. Os adolescentes podiam voltar para casa da escola ou da casa de uma namorada depois de escurecer e não ter que se preocupar em serem forçados por algum perverso a entrar em um carro ou atrás de um prédio para serem estuprados e mortos. Quando nós, como crianças, podíamos brincar de bonecas, pular corda, amarelinha, os meninos brincando com carros ou bolinhas de gude e sonhávamos com coisas grandes quando crescíamos. Sim, esses foram os bons e velhos tempos. E você sabe de algo, nós ainda poderíamos alcançar o Sonho Americano e ajudar nossos vizinhos quando chegássemos nele.

Sr. DeMar, Eu não sei quantos anos você tem. Eu sei que você mostrou como é estúpido e que está ensinando falsas doutrinas da Bíblia ou ensinando falsas doutrinas de uma falsa Bíblia. De qualquer forma, Jesus está vindo muito em breve. Não vou citar nenhuma Escritura. Existem muitas para provar que você está errado. Satanás te amarrou e seus olhos cegaram. Eu oro para que Deus envie o Espírito Santo a você para revelar que você foi enganado, que seus olhos se arregalarão para que você saiba, sem sombra de dúvida, que estamos nos últimos dias antes do retorno de Jesus.

A resposta de Gary DeMar:

O escritor de Eclesiastes coloca o passado em perspectiva quando ele escreve: “Não diga: 'Por que os dias anteriores foram melhores que esses?' Pois não é da sabedoria que você pergunta sobre isso” (Eclesiastes 7:10). Os comentários de Matthew Henry (1622–1714) sobre essa passagem são úteis:

‘A suposição é uma reflexão tola sobre a providência de Deus neste mundo... Alguém é tão estranho aos tempos passados, e um juiz tão incompetente até nos tempos atuais, que ele não pode esperar uma resposta satisfatória para a investigação e, portanto, ele ‘não pergunta com sabedoria’.

Nossa memória do passado é seletiva. Nós tendemos a bloquear as coisas más e lembrar apenas das boas. Os autores Carl Olof Jonsson e Wolfgang Herbst escrevem:

‘Talvez porque somos a tal ponto ‘estranhos ao passado’, é que facilmente lemos nos eventos das circunstâncias de nossos dias uma distinção e unicidade que podem não estar realmente presentes’.

Cada época tem sua própria falsa nostalgia. Todos nós colocamos uma cerca de piquete em torno de alguma coisa. Para minha geração, foram os anos cinquenta e, para outras gerações, será outra coisa. Certamente, aqueles de nós nascidos depois dos cinquenta anos não podem imaginar voltar a um lugar e a um tempo que nunca visitamos, exceto através de reprises. Talvez conservadores e cristãos estejam chamando a América para retornar a um lugar que só existia nos filmes, na televisão, ou na versão de Hollywood da história.

Gary DeMar responde mais a mulher de 62 anos que prefere os bons velhos tempos:

“Você menciona bonecas e automóveis. Minha mãe cresceu sem nunca ter uma boneca ou a capacidade de comprar uma. Não havia supermercados em seu tempo. Meu pai nos contou como ele tinha

que andar para pegar um saco de 50 libras de farinha para que sua mãe pudesse fazer pão e macarrão para a família. O cozimento levava o dia todo. Lembro-me da lavadora e do espremedor mecânico que minha avó usava para lavar roupas. Roupas molhadas eram penduradas em uma linha para secar. Sim, aqueles eram os bons e velhos tempos do trabalho penoso...

Você menciona casas com portas e fechaduras. Você percebe como é moderno ter uma casa com encanamento interno e ar e aquecimento central? A lâmpada foi inventada em 1879. Antes disso, eram velas, lâmpadas de querosene e gás natural perigoso (o cheiro do gás é adicionado hoje para a segurança!).

Viajar não era fácil. Até chegar os trens, a maneira mais rápida de viajar em terra era a cavalo, algo que continuou até o século XX.

Você me enviou um e-mail que recebi em segundos. Nenhum papel, carimbo, envelope ou carteiro é mais necessário. Nem um único escritor de ficção científica já concebeu a internet. Pacotes podem ser entregues durante a noite; em alguns casos, no mesmo dia, em que um pedido é feito.

Depois, há o telefone, inventado por Alexander Graham Bell em 1876. Agora temos celulares mais capazes do que o computador usado para enviar homens à lua.

O furacão de Galveston de 1900 matou 8000 pessoas. Katrina matou algumas centenas. O que fez a diferença? Temos tecnologia que pode rastrear tempestades. Você e eu podemos ligar o Weather Channel e ver o caminho do olho da tempestade. O transporte moderno possibilita evacuações em massa. Em 1900, não havia como saber quão poderosa poderia ser uma tempestade e não havia como escapar dela. A tecnologia com um sistema de alerta oceânico poderia ter salvado a vida das vítimas do tsunami de 24 de dezembro de 2004 que atingiu a costa oeste da Indonésia.

O humorista PJ O'Rourke diz: "Quando você pensa nos bons e velhos tempos, pense em 'odontologia'". Sobre isto Gary North escreveu: "A maior invenção do mundo moderno é a anestesia.

Antes de 1844, em preparação para uma operação, você bebia bebidas até desmaiar –se tivesse sorte”.

Você pode imaginar os “bons velhos tempos” de apenas cem anos atrás:

A expectativa média de vida na América era de 47 anos. O US Census Bureau projeta que o número de americanos atingirá a idade de 100 anos em 2020 e serão de mais de 240.000.

Apenas 14% das residências dos EUA tinham banheira.

Apenas 8% das residências tinham telefone. Hoje a maioria das casas tem três ou quatro e cada membro da família tem um telefone celular que, em muitos casos, pode ser usado em qualquer lugar do mundo.

Uma ligação de três minutos de Denver para Nova York custava US \$ 11,00, se você pudesse fazê-la. Você precisava de um operador e muita paciência. Hoje, as ligações interurbanas podem ser feitas diretamente, sem custo adicional, para praticamente qualquer lugar do mundo.

Havia apenas 144 quilômetros de estradas pavimentadas.

O salário médio nos EUA era de 22 centavos por hora. Levaria 50 horas para pagar a ligação telefônica de US \$ 11.

Mais de 95% de todos os nascimentos nos EUA ocorreram em casa. Jimmy Carter foi o primeiro presidente nascido em um hospital.

As cinco principais causas de morte nos EUA foram:

- Pneumonia e gripe
- Tuberculose
- Diarreia
- Doença cardíaca
- Acidente vascular encefálico

Apenas 6% de todos os americanos se formaram no ensino médio.

Qual é um dos riscos de saúde mais divulgados da América? Obesidade! Nós temos muita comida. Que grande problema temos. A indústria da dieta nos Estados Unidos é um negócio multibilionário.

Como era a vida antes do automóvel poluente? Grandes medidas estão sendo tomadas para livrar nosso ar de poluentes vindos dos escapamentos. Isso é certamente uma coisa boa. Mas comparado ao jumento e cavalo, os animais que Jesus e Paulo montavam (Mateus 21:7; Atos 9:4), o automóvel é um não-poluidor.

Dixy Lee Ray (1914-1994), ex-governador do Estado de Washington, lembra que, quando criança, o mundo em que a maioria dos americanos vivia “era um lugar muito fedorento. Os odores predominantes eram de esterco de cavalo, suor humano e corpos não lavados. Um banho diário era desconhecido; no máximo havia o banho de sábado à noite”.

O encanamento interno era um luxo. Apenas algumas ruas principais eram pavimentadas, geralmente com pedras ou tijolos. Os automóveis eram poucos e distantes entre si. As viagens de longa distância eram de trem. A refrigeração era inédita. Se você quisesse se locomover, teria que ter cavalos de força literais e a poluição que os acompanhava.

Especialistas sanitários no início do século XX concordaram que o cavalo comum da cidade produzia entre quinze e trinta libras de esterco por dia, com a média sendo algo como vinte e dois quilos. Em uma cidade como Milwaukee em 1907, por exemplo, com uma população humana de 350.000 e uma população de cavalos de 12.500, isso significava 133 toneladas de esterco por dia, por uma média diária de quase três quartos de um quilo de esterco por pessoa por dia. Ou, como calcularam as autoridades de saúde em 1900 em Rochester, os 15 mil cavalos da cidade produziam adubo suficiente em um ano para fazer uma pilha que cobria um hectare

de solo de 70 metros de altura e produzia dezesseis bilhões de moscas.

A população de cavalos de Chicago era de 83.000, e isso foi depois que o automóvel e o bonde elétrico causaram um declínio no número de cavalos urbanos. Em 1880, as cidades de Nova York e Brooklyn tinham uma população combinada de cavalos entre 150.000 e 175.000 habitantes. Como se pode imaginar, manter as ruas limpas foi um grande problema. Alguns sugeriram que as epidemias de cólera, varíola, febre amarela e febre tifóide eram causadas por “uma combinação de certas condições atmosféricas e sujeira em putrefação”, entre as quais o esterco de cavalo era o culpado principal”.

Manter as ruas limpas era caro. Algumas cidades tentaram recuperar o custo vendendo o estrume para fertilizantes. Isso causou outro problema imprevisível, já que coletar estrume era mais lucrativo do que coletar lixo comum. O lixo diário frequentemente permanecia nas ruas junto com o estrume que sobrava. O que eles não teriam dado por um caminhão de lixo e um aterro naquela época.

As ruas se transformavam em fossas durante o tempo inclemente. Mulheres com saias longas sofreram o pior. Esquivar-se dos limpadores de rua era outro perigo. Não havia alívio durante o verão, quando as pessoas respirando tiveram que suportar o estrume de cavalo pulverizado. As estradas modernizadas foram de pouca ajuda. A pavimentação das ruas acelerou esse problema, porque rodas e cascos moíam o estrume seco do sol contra as superfícies duras e amplificavam a quantidade de poeira”. E havia o problema que a *Atlantic Monthly* descreveu em 1886 para o público que ia ao teatro em Nova York como “cavalos mortos e complicações veiculares”.

Conclusão:

Nada disso significa que entramos numa era utópica. Há muitas coisas que precisam de melhorias. Ainda existem zonas de guerra no mundo. Compare isso com duas guerras mundiais, a Guerra da

Coréia e a Guerra do Vietnã no século XX. Não há mais um rascunho militar. O Islã é um problema, mas tem sido um problema há mais de mil anos.

Há uma grande quantidade de depravação moral. Mas sempre houve. A política é uma proposta 50-50 hoje. Muito disso poderia ser remediado se mais cristãos e conservadores votassem. O comparecimento dos eleitores é desanimador entre os conservadores.

Não ajuda muito quando as pessoas afirmam que “estamos nos últimos dias antes do retorno de Jesus”. As pessoas fazem essa previsão há quase 2000 anos. Foi uma reivindicação padrão no século XX. Mussolini era o anticristo, Hitler era o anticristo, Stalin era o anticristo. O arrebatamento aconteceria em 1988, 40 anos depois de Israel se tornar uma nação novamente. Então foram 70 anos (2018).

Ainda não aconteceu. E nem os bons e velhos tempos. Os cristãos precisam aprender a ser gratos em vez de zombar e procurar escapar de um mundo visivelmente melhor do que nunca em alguns aspectos!”⁸

Notas:

1. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 45. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
2. Idem nº 1, pg. 55.
3. Effects of newsreading: Jackson 2016. See also Johnston & Davey 1997; McNaughton-Cassill 2001; Otieno, Spada, & Renkl 2013; Ridout, Grosse, & Appleton 2008; Unz, Schwab, & Winterhoff-Spurk 2008.

4. Quoted in J. Singal, “What All This Bad News Is Doing to Us,” New York, Aug. 8, 2014.
5. Idem n° 1, pg. 57.
6. Idem n° 1, pg. 57.
7. Idem n° 1, pg. 67.
8. The truth about the “good old days”, escrito por Gary DeMar, <https://www.americanvision.org/>

6

A expectativa de Vida

Quando Adão e Eva foram avisados sobre o fruto do conhecimento do bem e do mal, Deus disse que a primeira coisa em que seriam afetados era a vida: “porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá” (Gênesis 2:17). Obviamente, Deus tinha em mente a morte espiritual. Quando o primeiro casal pecou no Éden, eles morreram espiritualmente, perdendo assim a comunhão com Deus. Como consequência dessa morte espiritual, o mundo físico também acabou por ser afetado. É por isto que o apóstolo Paulo escreveu que “sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora” (Romanos 8:22-23). A partir do pecado de Adão e Eva a lei da entropia passou a ditar as regras em nosso mundo, com o seu cruel *desgaste, envelhecimento e morte*.

Todavia, a entropia não atingiu o mundo físico de uma só vez. Pela Lei de Deus, além da morte espiritual, Adão e Eva teriam também que ter passado pela morte física imediatamente. Adão só foi morrer bem mais tarde, com novecentos e trinta anos. A entropia causada pelo pecado foi tomando conta do mundo físico progressivamente. A medida que a maldade humana se espalhava, também aumentava as suas consequências. Os homens que viveram de Adão até o dilúvio viviam muito tempo, como é o caso de Matusalém que viveu 969 anos. “Depois do Dilúvio, você vai perceber que a duração da vida

humana encolheu drasticamente (compare Gênesis 5 com Gênesis 11) e eventualmente encolheu até menos de 120 anos de idade (Gênesis 11:24 [Gênesis 6:3]). Desde aquele tempo, pouquíssimas pessoas viveram mais de 120 anos. Portanto, é possível que Gênesis 5:32 é uma predição de Deus que, por causa da perversidade da humanidade, os seres humanos não mais viverão centenas de anos (como viveram no capítulo 5)”.¹

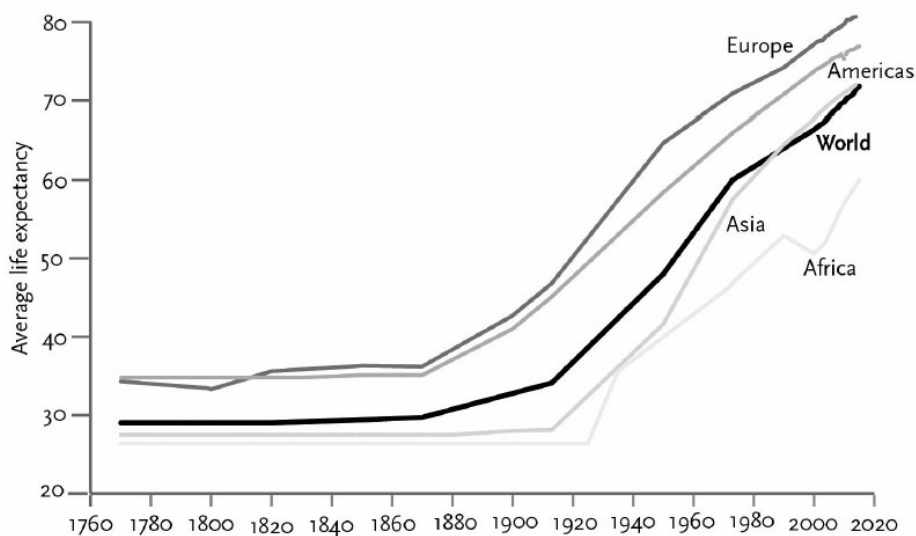
E a situação da duração da vida humana torna-se pior ainda centenas de anos depois. “A redução da longevidade dos dias de Noé até os de Josué, de mais de 900 anos para 70 anos (média), levou vários séculos para se completar. Isso não foi um processo descontínuo”.² É por isto que no tempo da escrita do Salmo 90, o salmista diz assim sobre a longevidade da vida humana:

“Os anos de nossa vida chegam a setenta, ou a oitenta para os que têm mais vigor; entretanto, são anos difíceis e cheios de sofrimento, pois a vida passa depressa, e nós voamos!”
(Salmos 90:10)

E a medida que o tempo avançou, a duração da vida humana foi diminuindo mais ainda, pois no tempo do “Império Romano, quando os exércitos viviam em constante guerra de conquista, a expectativa média de vida não passava de 23 anos para a maioria dos cidadãos. No Brasil escravocrata do século XIX, grandes levas de cidadãos morriam antes de chegar aos 40 anos. Foi assim que surgiu, no pós-guerra, a ideia de que trabalhadores com mais de 40 anos também “morriam” para o mercado de trabalho”.³

Tirando as fomes e doenças nos países populosos do mundo em desenvolvimento, a expectativa de vida para o ano de 2015 é de 71,4 anos.⁴ Um gráfico de Max Roser cita a expectativa de vida ao longo dos séculos, exibindo um padrão geral na história do mundo. “No momento em que as linhas começam, em meados do século XVIII, a expectativa de vida na Europa e nas Américas era em torno de 35 anos, onde tinha sido estacionada nos 225 anos anteriores para os

quais temos dados. A expectativa de vida para o mundo como um todo era de 29 anos. Esses números estão na faixa de expectativa de vida para a maior parte da história humana. A expectativa de vida de caçadores-coletores é de cerca de 32,5 anos, e provavelmente diminuiu entre os povos que primeiro pegaram a agricultura por causa de sua dieta rica em amido e as doenças que eles pegaram de seus rebanhos e de uns dos outros. Ela retornou aos baixos 30 anos lá pela Idade do Bronze, onde permaneceu por milhares de anos, com pequenas flutuações ao longo dos séculos e regiões. Este período na história da humanidade pode ser chamado de Era Malthusiana, quando qualquer avanço na agricultura ou na saúde foi rapidamente cancelado pelo aumento resultante na população, apesar de “era” ser um termo estranho para 99,9 por cento da existência da nossa espécie”.⁵



Expectativa de vida, 1771–2015

Fontes: Nosso Mundo em Dados, Roser 2016n, com base nos dados da Riley 2005 para os anos anteriores a 2000 e da Organização Mundial da Saúde e do Banco Mundial para os anos subsequentes. Atualizado com dados fornecidos por Max Roser.⁶

O economista Angus Deaton chamou de Great Escape a libertação da humanidade de sua pobreza, doença e morte precoce, a partir do

século 19. Desde então a expectativa de vida não só começou a subir, mas como também pegou velocidade no século 20. Os estudos sobre isso mostram que não há sinais de abrandamento nessa expectativa. O historiador econômico Johan Norberg aponta que “a expectativa de vida no Quênia aumentou quase dez anos entre 2003 e 2013”.⁷ No ano de 1800, “nenhum país do mundo teve uma vida expectativa acima de 40 anos. Em 1950, havia crescido para cerca de 60 na Europa e Américas, deixando a África e a Ásia para trás. Mas desde então a Ásia disparou o dobro da taxa europeia e a África a uma vez e meia a taxa. O africano nascido hoje pode esperar viver tanto quanto uma pessoa nascida nas Américas em 1950 ou na Europa na década de 1930. A média teria sido mais ainda se não fosse pela calamidade da AIDS, que causou o terrível nos anos 90, antes dos medicamentos anti-retrovirais começarem o controle”.⁸

Pelo fato das crianças serem mais frágeis, temos o problema da mortalidade infantil. Os dados mostram que “os adultos desfrutaram de vidas mais longas, e que a mortalidade infantil caiu a um quarto do que era há algumas décadas. Em 1960, segundo a Organização Mundial da Saúde e o Banco Mundial, de cada cinco crianças nascidas vivas uma morria antes de completar cinco anos; agora, 19 de cada 20 sobrevivem”.⁹ Sendo assim, a “mortalidade infantil diminuiu em todos os continentes”.¹⁰ É como Deaton observou em 2013, “não existe um único país no mundo onde a mortalidade infantil hoje não é menor do que em 1950”.¹¹ “Na África Subsaariana, a taxa de mortalidade infantil caiu de cerca de um em cada quatro nos anos 60 para menos de um em dez em 2015, e a taxa caiu de 18 para 4% - ainda alta demais, mas com certeza o atual impulso para melhorar a saúde global continua”.¹²

Embora para Steven Pinker todo esse progresso da “luta para permanecer vivo é o impulso primitivo dos seres animados, e os humanos empregam sua engenhosidade e determinação consciente para evitar a morte o maior tempo possível”¹³ e, também, essa “determinação consciente para evitar morte” não é vista como tendo um pano de fundo Divino, na verdade, temos diante de nossos olhos

o cumprimento da palavra de Deus que diz que “as misericórdias do Senhor são a causa de não sermos consumidos” (Lamentações 3:22-23). Mais que isto, temos o cumprimento de uma promessa do reinado messiânico de Cristo que diz que a mortalidade infantil deixaria de existir, bem como uma vida curta iria ser coisa rara:

“Não haverá mais nela criança de poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias; porque o menino morrerá de cem anos; porém o pecador de cem anos será amaldiçoado”.

(Isaías 65:20)

Portanto, não temos aqui o termo que os ateus e descrentes gostam de pronunciar, chamado *ex eventu* (do latim Profecia após o Evento), ou profecia escrita após o evento. Pelo contrário, temos aqui uma profecia comprovadamente escrita setecentos anos antes de Cristo e que começou a ser cumprida somente depois que Cristo estabeleceu o Seu Reino nesta Terra. Vemos diante de nossos olhos o efeito progressivo do crescimento do Reino de Deus, o qual, traz consigo uma melhora progressiva à medida em que avança. A questão do tempo de vida humana é a prova de mais um cumprimento das promessas relativas ao Reino Messiânico.

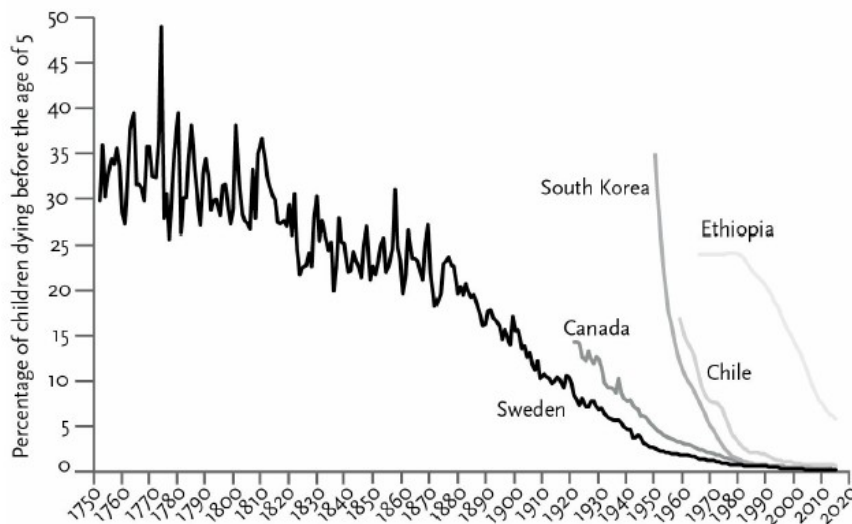
A longevidade humana de fato aumentará mais ainda. A santificação progressiva em todas as áreas da vida, inclusive na biologia, não só traz vida longa aos seres humanos, mas também é mais um inimigo que Cristo coloca debaixo de seus pés. É verdade que a morte será derrotada, de uma vez por todas, no final da história, mas, todavia, esse é um evento radicalmente descontínuo. A longevidade universal é uma resposta à expansão do reino de Deus.

Finalizo este capítulo com as sábias palavras do teólogo Gary North:

“Se somos instruídos por Isaías a crer num crescimento contínuo da vida em resposta a um crescimento na autodisciplina ética abaixo de Deus, e em resposta ao governo de instituições humanas pela lei bíblica, então por que seria tão difícil crer em algo “menor”, tal como crescimento econômico, ou desenvolvimento tecnológico, ou

mais justiça no governo civil, ou uma redução no número de guerras? Se o próprio corpo do homem pode e experimentará um crescimento contínuo na expectativa de vida, por que não também uma cura progressiva de outros aspectos da vida do homem – coisas que são aparentemente bem menos fixas que a expectativa de vida? A vitória terrena está chegando!

Por que tantos cristãos pregam uma derrota terrena vindoura?”¹⁴



Mortalidade infantil, 1751–2013

Fontes: Nosso Mundo em Dados, Roser 2016a, com base em dados das estimativas de mortalidade infantil da ONU, <http://www.childmortality.org/>, e o Banco de Dados de Mortalidade Humana, <http://www.mortality.org/>.

Notas:

1. Há um limite de idade para até quando podemos viver? GotQuestions. <https://www.gotquestions.org/Portugues/limite-de-idade.html>
Acessado 10 de Setembro de 2018.

2. Os homens viverão mais, à medida queo Reino de Deus progride? Escrito por Gary North. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com Acessado 10 de Setembro de 2018.
3. O Cristianismo piorou ou melhorou o Mundo? Escrito por Hermes C. Fernandes. Publicado Sábado, Janeiro 02, 2010. Site: www.hermesfernandes.com
4. World Health Organization 2016a. Citado por Steven Pinker.
5. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 69. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
6. Idem nº 5, pg. 70.
7. Norberg 2016, pp. 46 and 40. Citado por Steven Pinker.
8. Idem nº 5, pg. 71.
9. Idem nº 5, pg. 71.
10. Jornal El País: Paradoxos do progresso: dados para ser otimista. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/29/internacional/1483020328_085937.html Acessado 17 de Setembro de 2018.
11. Deaton 2013, p. 56. Citado por Steven Pinker.
12. Idem nº 5, pg. 73.
13. Idem nº 5, pg. 69.
14. Os homens viverão mais, à medida queo Reino de Deus progride? Gary North. Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto. Traduzido em setembro/2007. Fonte: 75 Bible Questions, Gary North, 181-2. Site: www.monergismo.com

7

O aumento da Saúde

A benção da longevidade que vimos no capítulo anterior são as recompensas de batalhas vencidas contra as doenças, fomes, guerras, homicídios e acidentes. “Na raiz da longevidade registrada hoje estão as mudanças alimentares, as medidas sanitárias individuais e coletivas, além de cuidados médicos”.¹ Nos últimos anos tivemos avanços extraordinários na medicina, nunca vistos antes na história humana. Hoje doenças que antes eram consideradas assustadoras, agora tratamos como coisas simples. Segundo o teólogo Gary DeMar, há muitos anos atrás nos EUA, as cinco principais causas de morte foram:

1. pneumonia e influenza
2. tuberculose
3. diarréia
4. doença cardíaca
5. ataque súbito de doença²

E Gary DeMar completa:

“A epidemia de gripe de 1918-1919 matou em algum lugar entre 20 e 40 milhões de pessoas em todo o mundo. **Temos maneiras de combatê-la hoje.**”³ [o grifo é meu]

Se diz que durante a maior parte da história humana, a doença infecciosa foi a maior causa de mortes. Várias epidemias aniquilaram populações inteiras. Nem os homens mais poderosos do mundo eram poupados:

“Os ricos não foram poupados: em 1836, o homem mais rico do mundo, Nathan Meyer Rothschild, morreu infectado de um abscesso. Nem os poderosos: vários monarcas britânicos foram abatidos por disenteria, varíola, pneumonia, febre tifóide, tuberculose e malária. Presidentes americanos também foram vulneráveis: William Henry Harrison adoeceu pouco depois de sua posse em 1841 e morreu de choque séptico trinta e um dias depois, e James Polk sucumbiu à cólera três meses depois de deixar o cargo em 1849. Como recentemente em 1924, o filho de dezesseis anos de idade de um presidente em exercício, Calvin Coolidge Jr., morreu de uma bolha infectada que ele teve enquanto jogava tênis”.⁴

No final do século XVIII houve a invenção da vacinação. A partir daí a batalha contra as doenças tomaram outro rumo. Vários fatores ajudaram a mudar o quadro sobre as doenças, começando por coisas simples como a lavagem de mãos, a água potável por redes públicas de esgotos e a água da torneira com cloro, a qual, salvou bilhões de pessoas em todo o mundo. A modernidade dos meios de transporte também ajudou a salvar muitas pessoas das doenças. Nos EUA, por exemplo, se “você quisesse passear ao redor da cidade, tinha de ser a cavalo. Você tem alguma ideia do que eram as ruas quando centenas de cavalos defecavam nelas? Durante os dias quentes, o estrume secava e o ar ficava cheio de poeira carregada de bactérias que as pessoas respiravam. Quando chovia, os peões teriam que atravessar em meio a lama e estrume”.⁵

Por isto, as epidemias foram atribuídas a miasmas, que eram emanções a que se atribuía, antes das descobertas da microbiologia, a contaminação das doenças infecciosas e epidêmicas. Os miasmas em outras palavras era o “ar fétido”, a exalação pútrida que emana de animais ou vegetais em decomposição. Hoje temos como evitar tudo isto!

No campo das cirurgias, a pratica da esterilização das mãos e de equipamentos médicos, a antisepsia, a anestesia e as transfusões de sangue permitiram que a cirurgia seja algo curativo ao invés de mutilação e tortura como eram antigamente. Hoje temos como evitar ataques de pestes de germes e bactérias através de antibióticos, antitoxinas e inúmeros outros avanços médicos. O número de pessoas salvas pelos avanços da medicina foram tantos, que o quadro abaixo nos dá uma pequenina noção:⁶

Cientista	Descoberta	Vidas salvas
Abel Wolman (1892–1982) e Linn Enslow (1891–1957)	Cloração da água	177 milhões
William Foege (1936)	Estratégia da erradicação da varíola	131 milhões
Maurice Hilleman (1919–2005)	Oito vacinas	129 milhões
John Enders (1897–1985)	Vacina do sarampo	120 milhões
Howard Florey (1898–1968)	Penicilina	82 milhões
Gaston Ramon (1886–1963)	Vacinas da difteria e tétano	60 milhões
David Nalin (1941–)	Terapia da reidratação oral	54 milhões
Paul Ehrlich (1854–1915)	Difteria e tétano Antitoxinas	42 milhões
Andreas Grüntzig	Angioplastia	15 milhões

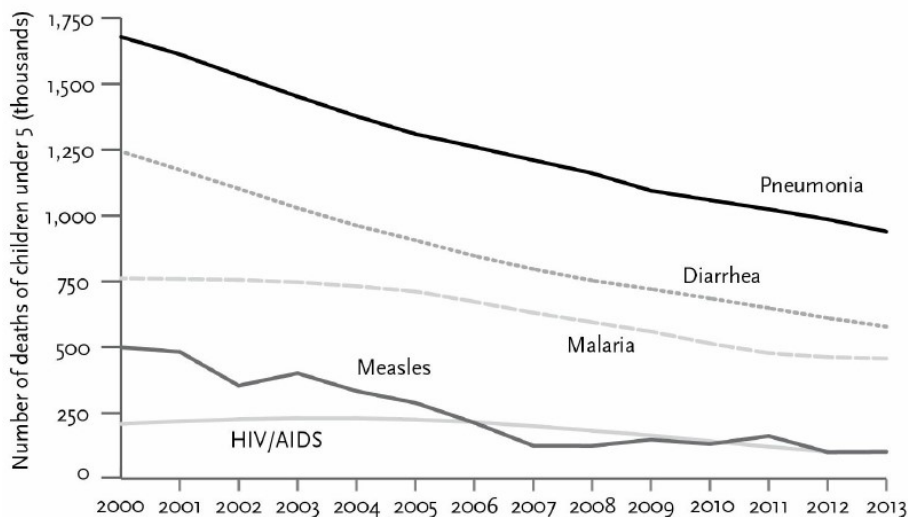
(1939–1985)		
Grace Eldering (1900–1988) e Pearl Kendrick (1890– 1980)	Vacina da coqueluche	14 milhões
Gertrude Elion (1918–1999)	Projeto racional de medicamentos	5 milhões

“Os pesquisadores que montaram essas estimativas conservadoras calculam que mais de cinco bilhões de vidas foram salvas (até agora) pelas centenas de cientistas que eles selecionaram”.⁷ Seguindo o pensamento de Steven Pinker, semelhantemente posso citar em língua portuguesa um dado sobre a varíola. Na Wikipédia em língua portuguesa e inglesa é dito que a “varíola foi uma doença infectocontagiosa”.⁸

A Varíola “é considerada uma das primeiras doenças conhecidas pela humanidade. Estudos indicam sua presença em humanos há cerca de 12 mil anos e no faraó Ramsés 5º. Causada por vírus e transmitida pelo ar ou por itens contaminados, tem sintomas parecidos com os da gripe, com acréscimo de dores musculares, vômitos violentos e pústulas (bolhas) na pele. Ficou ainda mais perigosa com a urbanização: no século 18, matou 400 mil europeus; e no século 20, 300 a 500 milhões no mundo todo. Após campanhas de vacinação, foi considerada erradicada em 1979”.⁹

Assim como a Varíola, muitas outras doenças deixaram de existir no século 20, como “a peste bovina, que deixou milhões de agricultores e pastores famintos ao longo da história, eliminando o gado, também está no tempo passado. E quatro outras fontes de miséria no mundo em desenvolvimento estão marcadas para erradicação”.¹⁰ As estimativas é que várias outras doenças estão com os dias contados até o ano de 2030, tais como o sarampo, rubéola, boubá, doença do sono e ancilostomoses que também estão na mira dos epidemiologistas”.¹¹

Ainda de acordo com as pesquisas de Steven Pinker, “mesmo doenças que não são obliteradas estão sendo dizimadas. Entre 2000e 2015, o número de mortes por malária (que no passado matou metade das pessoas que já viveram) caíram 60%. A Organização adotou um plano para reduzir a taxa em mais 90% até 2030, e para eliminá-la de trinta e cinco dos noventa e sete países em que é endêmica hoje (assim como foi eliminada dos Estados Unidos, onde foi endêmico até 1951)”.¹² “O mundo também viu reduções maciças no número de crianças que morrem das cinco doenças infecciosas mais letais. Ao todo, o controle de doenças infecciosas desde 1990 salvou a vida de mais de cem milhões de crianças”.¹³



Mortes infantis por doenças infecciosas, 2000–2013 Fonte: Epidemiologia da Saúde da Criança, Grupo de Referência da Organização Mundial da Saúde, Liu et al. 2014, apêndice suplementar.¹⁴

A escatologia pessimista também testemunha o passado

A escatologia futurista-pessimista depende dos dados do passado para provar que estamos diante dos sinais da Segunda Vinda de

Cristo. O que seria dessa escatologia sem as duas Grandes Guerras Mundiais, e sem a Gripe Espanhola que matou mais de 50 milhões de pessoas entre 1918 e 1920, etc. Os adeptos dessa escatologia dão assim testemunho de que quanto mais recuamos na história, mais temos a certeza de que o mundo era pior. Veja um exemplo disso em uma publicação das Testemunhas de Jeová:

“Haverá . . . epidemias em vários lugares.” — Lucas 21:11, BFL.

Cumprimento: Apesar dos avanços na medicina, milhões de pessoas ainda morrem todo ano de doenças infecciosas. Viagens internacionais e a crescente população urbana mundial aumentam a probabilidade de surtos de doenças se espalharem com rapidez.

O que os fatos revelam:

Calcula-se que a varíola matou de 300 milhões a 500 milhões de pessoas no século 20.

O Instituto Worldwatch relata que, nas últimas três décadas, “mais de 30 doenças anteriormente desconhecidas, como o ebola, HIV, hantavírus e Sars surgiram como novas ameaças”.

A Organização Mundial da Saúde alertou sobre o aumento de germes resistentes a medicamentos, dizendo: “O mundo caminha em direção a uma era pós-antibiótica na qual muitas infecções comuns não terão cura e, mais uma vez, matarão sem parar.”¹⁵

Um outro artigo escrito em um site evangélico é um pouco mais moderado:

“– Não há evidências sérias que mostrem que, hoje, temos mais guerras do que houve no passado, que epidemias como a peste negra, gripe espanhola e outras que mataram milhares de pessoas na antiguidade eram menos fatais que a AIDS, a SARS ou a gripe do frango”.¹⁶

Eu poderia citar muitos outros textos, mas os textos acima nos dão uma breve noção de como que os intérpretes proféticos modernos apelam para o passado das doenças para fundamentar sua interpretação e para fazerem um cenário supostamente caótico para o futuro. E mais, os atuais intérpretes da profecia bíblica no máximo podem dizer hoje é que as ameaças existem, mas ao mesmo tempo não podem negar o controle e o progresso conquistado até agora sobre várias questões que perturbavam a humanidade. Isto é sinal de que o Reino de Cristo avança!

O teólogo Gary DeMar colocou essa questão na seguinte perspectiva:

“Quando o tópico do fim dos tempos surge na conversa, a usual primeira peça de evidência é o estado do mundo, dado que a nossa geração seria de fato a “Geração do Arrebatamento”, tanto em seu caráter moral quanto nas calamidades naturais. Quase todos os escritores proféticos apontam para os sinais de guerras, fomes, pragas, ilegalidades, e terremotos como indicadores primários de que o cenário de toda a profética está começando a se encaixar como um gigantesco quebra-cabeça profético.

Uma olhada nas pragas terremotos e guerras ao longo dos séculos mostrarão que esses “sinais” não são exclusivo da nossa era”.¹⁷

DeMar continua:

O que é frequentemente esquecido pelos especuladores proféticos de hoje é o horrendo número de mortos da peste negra de 1347-50. A Europa foi quase dizimada. Milhões morreram. O número estimado de mortos em toda a Europa foi de cerca de 30 por cento da população, ou vinte e cinco milhões de uma população de cerca de oitenta milhões. “No mundo todo, as estimativas acadêmicas... permanecem pouco mais do que as medievais, adivinha: talvez 75 milhões de mortos de uma população total de talvez 500 milhões”. As atuais catástrofes de pestilência, incluindo a epidemia de AIDS,

não rivalizam com a peste negra, que tem sido descrita como o “mais letal desastre da história registrada”. A Peste Negra atingiu a todos.

Vamos comparar a peste negra com a atual epidemia de AIDS. No momento quando a peste bubônica varreu a Europa, a população mundial estava em torno de 545 milhões. Estimativas nos dizem que 70 milhões de pessoas morreram ou como resultado indireto da peste (12,8% da população). Se 100 milhões de pessoas morrem de AIDS, da população atual de 5 bilhões [dados de 1999], isso é apenas 2% da população. Para competir com a peste bubônica, a AIDS teria que matar 640 milhões de pessoas ($12,8\% \times 5.000.000.000 = 640.000.000$).

Este cálculo, no entanto, é irrelevante em termos do Discurso das Oliveiras [descrito em Mateus 24], pois os eventos ali descritos foram realizados antes do ano 70 d.C. Numerosos registros existem de epidemias que precederam as assustadoras pragas bubônicas que visitaram a Europa em 1347. Já em 1331 uma epidemia eclodiu na província de Hopei, na China, com relatos de que ela matou nove em cada dez pessoas. Numerosas outras pragas foram registradas, antes e depois da peste negra. A peste bubônica, no entanto, permanece incomparável.

Esta informação é perdida para a média cristã, que vê apenas os males de hoje como importantes. Quando Hal Lindsey, por exemplo, lê as palavras de Jesus em Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21, ele tem certeza de que “NÓS SOMOS A GERAÇÃO DE QUE JESUS ESTAVA FALANDO!” Aqueles que sofreram com a “grande morte” do século XIV pensaram que eles eram a geração que Jesus estava falando. Todos os fatos pareciam se encaixar. Mortes e mais mortes e fomes estavam por toda parte como Jesus predisse. Mas Jesus tinha o décimo quarto século em mente? Muitos pensaram que ele tinha. Aqui está como um homem descreveu aquela época:

“Ó feliz posteridade, quem... olhará nosso testemunho como uma fábula” escreveu Petrarca. O poeta, no entanto, sentiu que os eventos do “terrível ano de 1348” deveriam ser registrados para a

própria posteridade que não acreditará no testemunho. “A posteridade acredita”, escreveu ele de Parma no final da primavera de 1349, “que houve um tempo em que, sem dilúvio do céu, sem conflagração mundial, sem guerras ou outra devastação visível, não apenas este ou aquele território, mas quase toda a terra foi despovoada? Quando um desastre como esse já foi visto? Em que registros podemos ler que casas foram esvaziadas, cidades abandonadas, campos não cultivados, campos cheios de cadáveres e uma vasta e terrível solidão sobre todos no mundo?”

Sua catástrofe não foi um cumprimento da profecia. Jesus teve uma era diferente em mente quando Ele proferiu palavras descrevendo pragas, fomes, terremotos, e guerras no monte chamado Oliveiras. Os discípulos deveriam procurar os sinais dentro de sua geração, e eles os encontraram”.¹⁸

Enfim, diante dos fatos apresentados acima, os intérpretes modernos da profecia bíblica acabam tendo que passar o tempo todo especulando. A contínua possibilidade de haver uma epidemia a qualquer momento é o que eles têm em conta para provar que estamos diante do cumprimento das profecias. Eles simplesmente ignoram os avanços e o controle atual das doenças.

Para resumir este capítulo, Steven Pinker reconhece que a explicação do dom da vida que foi concedido aos anos a espécie desde o final do século XVIII seria fruto do Iluminismo. Em outras palavras, as melhorias na humanidade em matéria de saúde vieram depois do Iluminismo. O problema é que milhares de anos antes do Iluminismo existir, a profecia bíblica já falava do tempo que chegaria em que as doenças serão erradicadas. Esse cumprimento progressivo alcançará seu ápice quando as pessoas puderem dizer:

“Nenhum morador de Sião dirá: “Estou doente!” E os pecados dos que ali habitam serão perdoados”.

(Isaías 33:24)

Notas:

1. O Cristianismo piorou ou melhorou o Mundo? Escrito por Hermes C. Fernandes. Publicado Sábado, Janeiro 02, 2010. Site: www.hermesfernandes.com
2. Os Sinais do Arrebatamento são Evidentes? Gary DeMar. Tradução e adaptação textual por César Francisco Raymundo. Publicado na Revista Cristã Última Chamada – www.revistacrista.org – Fonte original: www.americanvision.org Publicado em 12 de novembro, 2012.
3. Idem nº 2.
4. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 79. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
5. Idem nº 2.
6. Idem nº 4, pg. 81.
7. Woodward, Shurkin, & Gordon 2009; see also the Web site ScienceHeroes (www.scienceheroes.com). The team's statisticians are April Ingram and Amy R. Pearce. [Citado por Steven Pinker]
8. Varíola. Site: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Var%C3%ADola> Acessado dia 21 de Setembro de 2018.
9. Varíola, cólera, peste... Doenças que assolaram a humanidade podem voltar? Fonte: <https://noticias.uol.com.br/saude/listas/variola-colera-antraz-doencas-que-assolaram-a-humanidade-podem-voltar.htm?cmpid=copiaecola> Acessado dia 21 de Setembro de 2018.
10. Idem nº 4, pg. 82.
11. Bill & Melinda Gates Foundation, Our Big Bet for the Future: 2015 Gates Annual Letter, p. 7, <https://www.gatesnotes.com/2015-Annual-Letter>. [Citado por Steven Pinker]

12. Idem nº 4, pg. 82.
13. Data from the World Health Organization and the Child Health Epidemiology Reference Group, cited in Bill & Melinda Gates Foundation, Our Big Bet for the Future: 2015 Gates Annual Letter, p. 7, <https://www.gatesnotes.com/2015-Annual-Letter>; UNAIDS 2016. [Citado por Steven Pinker]
14. Idem nº 4, pg. 84.
15. A Bíblia — Um Livro de Profecias Exatas, Parte 6 - “Últimos dias”. Site: <https://www.jw.org/pt/publicacoes/revistas/g201210/os-ultimos-dias/> Acessado dia 23 de Setembro de 2018.
16. Mudanças climáticas, guerras, epidemias: Sinais da volta de Jesus ou coincidências?
Site: <https://leiabiblia.wordpress.com/2005/09/04/mudancas-climaticas-guerras-epidemias-sinais-da-volta-de-jesus-ou-coincidencias/> Acessado dia 23 de Setembro de 2018.
17. Last Days Madness - Obsession of the Modern Church – pg. 344. Gary DeMar. Copyright © 1999 by American Vision, Powder Springs, Georgia. All rights reserved. Fourth revised edition, 1999. Printed in the United States of America.
18. Idem nº 17, pg. 345.

8

O progresso na alimentação

A fome aguda causa terror porque temos uma incessante necessidade de energia. Juntamente com outros males que afetaram a humanidade, a fome tem sido parte da condição humana desde os primórdios. No Antigo Testamento, na história de José, filho do patriarca Jacó, temos sete anos de fartura e sete anos de escassez no Egito e em todo o mundo conhecido daquela época (Gênesis 41). No tempo do imperador romano Cláudio foi previsto pelo profeta Ágabo uma grande fome que assolou todo o mundo romano (Atos 11:28). Esta previsão cumpre a profecia de Jesus sobre a fome que haveria em “vários lugares” antes da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Os historiadores seculares contemporâneos como Tácito, Suetônio e Josefo mencionam várias fomes durante o período anterior ao ano 70 d.C. Tácito nos deixou uma descrição das condições da fome no ano 51 d.C., em Roma:

“Este ano testemunhou muitos prodígios [sinais ou presságios]... [inclusive] terremotos repetidos... Outros presságios foram vistos na escassez de milho, resultando em fome... isto foi estabelecido que não havia mais de quinze dias de fornecimento de alimentos na cidade [de Roma]. Apenas o favor especial do céu e um inverno ameno haveria impedido a catástrofe”.¹

Tácito ainda relembra os dias em que a Itália “exportava alimentos para o exército em províncias distantes!”² A guerra é considerada a

principal contribuinte para a fome e seus efeitos desastrosos. Não é por acaso que Jesus lista “fomes” depois de “guerras” em Mateus 24. Josefo relata as miseráveis condições de fome provocadas pelo cerco de Jerusalém realizado pelo general romano Tito, pois no cerco as pessoas foram impedidas de deixar a cidade e as provisões de entrar. Josefo escreveu:

“Então a fome ampliou seu progresso e devorou pessoas por casas inteiras e famílias; os quartos superiores estavam cheios de mulheres e crianças que estavam morrendo de fome; e as ruas da cidade estavam cheias dos cadáveres dos idosos; as crianças também e os jovens vagaram sobre os mercados, como sombras, todos inchados com a fome, e caíam mortos onde quer que sua miséria os confiscasse”.³

Muitos pensam na fome como um sinal do fim do mundo e se baseiam em Mateus 24 para isto. Como sempre esses intérpretes modernos da profecia são obrigados apelar para o passado quando se trata da fome no mundo. As Testemunhas de Jeová dizem que a fome é evidência de que o fim esteja próximo:

“A guerra é uma causa básica da escassez de víveres, assim, era somente de se esperar que o primeiro conflito global, a Primeira Guerra Mundial, fosse acompanhada de grave escassez de víveres. E foi. A Segunda Guerra Mundial foi ainda mais catastrófica, e, igualmente o foi a escassez de víveres que ajudou a provocar.

O problema no fim da Segunda Guerra Mundial era tão grave que, efetivamente, as Nações Unidas, em 1945, formaram sua primeira agência especializada, a FAO (sigla para Organização para Alimentação e Agricultura). Destinada a minorar os problemas da fome mundial, conseguiu ótimos resultados nos seus primeiros 20 anos de atividades. Todavia, como revela o Britannica Book of the Year 1966 (Livro do Ano da Enc. Britânica, de 1966), a situação básica não se alterou. Lemos:

“A avaliação, feita em 1965 pela Organização para Alimentação e Agricultura, do desequilíbrio crescente entre a população do mundo e sua provável capacidade de alimentar a si mesmo, revelou uma situação que muitos consideravam grave, para não dizer alarmante... O sen. George McGovern, de Dakota do Sul, EUA, chamou a lacuna alimentar de ‘o problema número um da última terça parte do século 20’.”

Em 1978, mais de dez anos depois, persistia o problema. Com efeito, estava piorando (veja diagrama), levando o então presidente Carter, dos EUA, a estabelecer uma Comissão sobre a Fome Mundial, de 20 membros. Seu objetivo: determinar como podia ser equacionado o problema da fome mundial até o fim do século”.⁴

Quando falamos sobre fomes no mundo, logo pensamos nos números astronômicos das duas grandes guerras mundiais, e nas imagens registradas em países africanos. Ora, como vimos, a humanidade sempre foi assolada por esses males. Embora os alarmistas da profecia bíblica costumem alarmar muito sobre o tema, dizendo que hoje é pior, eles se esquecem que a população aumentou assustadoramente e a história registra que as fomes na antiguidade foram tão horripáveis quanto em tempos modernos. Mesmo em países considerados ricos como a Suécia é possível ver um quadro de fome no passado. Johan Norberg cita a reminiscência infantil de um contemporâneo de um de seus antepassados na Suécia no inverno de 1868:

“Muitas vezes vimos a mãe chorando para si mesma e era difícil para a mãe, não tendo nenhum alimento para colocar na mesa para seus filhos famintos. Crianças famintas e emaciadas eram frequentemente vistas indo de fazenda em fazenda, implorando por algumas migalhas de pão. Um dia, três filhos vieram até nós chorando e implorando por algo para acalmar as dores da fome. Infelizmente, com seus olhos cheios de lágrimas, nossa mãe foi forçada a dizer-lhes que não tínhamos nada além de algumas migalhas de pão que nós mesmos precisávamos.

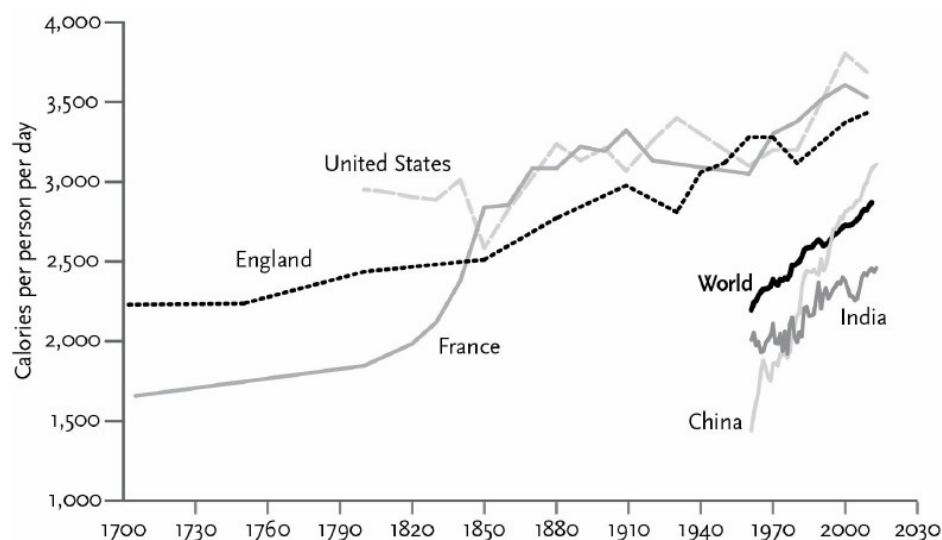
Quando nós, crianças, vimos a angústia nas crianças desconhecidas com olhos suplicantes, nós começamos a chorar e imploramos à mãe para compartilhar com eles as migalhas que nós tínhamos. Hesitante, ela aceitou nosso pedido e as crianças desconhecidas devoraram a comida antes de ir para o próxima fazenda, que era uma boa distância da nossa casa. Nos dias seguintes todos os três foram encontrados mortos entre a nossa fazenda e a próxima”.⁵

Steven Pinker cita que “o historiador Fernand Braudel documentou que a Europa pré-moderna sofria de fome a cada poucas décadas”.⁶ “Os camponeses desesperados colhiam antes de estar maduro, comiam grama ou carne humana e despejavam-se nas cidades para mendigar. Mesmo em bons momentos, muitos receberiam a maior parte de suas calorias de pão ou mingau, e não muitos nisso: em *The Escape from Hunger and Premature Death, 1700-2100*, o economista Robert Fogel observou que “o valor da energia da dieta típica na França no início do século XVIII foi tão baixa como a de Ruanda em 1965, a nação mais desnutrida daquele ano”.⁷

A situação foi se revertendo de tal forma que hoje em dia o nosso problema são as muitas calorias que ingerimos. É como o comediante Chris Rock observou: “Esta é a primeira sociedade na história onde os pobres são gordos”.⁸ Hoje nós temos críticas contra a epidemia de obesidade a nível mundial. “No mundo, há atualmente 2,1 bilhões de pessoas obesas ou com sobrepeso, o que representa quase 30% da população mundial. De 1980 a 2013, obesidade e sobrepeso, em conjunto, aumentaram 27,5% entre os adultos e 47,1% entre as crianças”.⁹

Fomos abençoados nos últimos tempos com o mundo desenvolvido se alimentando muitos mais. Na China, por exemplo, cujos “seus 1,3 bilhões de habitantes agora têm acesso a uma média de 3.100 calorias por pessoa por dia, que, de acordo com as diretrizes do governo dos EUA, é o número necessário para um jovem extremamente ativo”.¹⁰ “Os bilhões de habitantes da Índia obtêm uma

média de 2.400 calorias por dia, o número recomendado para uma jovem mulher altamente ativa ou um homem ativo de meia-idade”.¹¹



Calorias por pessoa por dia, 1700–2013

Fontes: Estados Unidos, Inglaterra e França: Nosso Mundo em Dados, Roser 2016d, com base em dados de Fogel 2004. China, Índia e o mundo: Organização para a Alimentação e Agricultura das Nações Unidas, <http://www.fao.org/faostat/en/#data>

Embora haja muitas conquistas a serem feitas ainda, como a vitória sobre a proporção deplorável de crianças raquíticas em países pobres como Quênia e Bangladesh, vemos em todos esses dados apresentados em números o reflexo do aumento na disponibilidade de calorias. O Brasil tem se mostrado grande promissor em alimentar o mundo. De acordo com a pesquisa do jornalista Luis Dufaur, o Brasil está alimentando mais de um bilhão de pessoas:

“A produção de grãos do Brasil é superior a uma tonelada por habitante (dados finais de 2015), sendo que um resultado abaixo de 250 kg/pessoa/ano significa insegurança alimentar e implica importar alimentos.

Em 2014, um país altamente industrializado como a Coreia do Sul importou US\$ 27 bilhões em alimentos. Outra grande economia, o Japão, teve que importar US\$ 68,9 bilhões. E a gigantesca China flagelada por uma reforma agrária socialista e confiscatória bateu recorde com US\$ 105,2 bilhões.

Estes e outros dados impressionantes foram reunidos por Evaristo de Miranda, doutor em Ecologia e Chefe Geral de Monitoramento por Satélite da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), e publicados em artigo da “Revista Agro DBO”.

Eles desfazem os mitos catastrofistas e miserabilistas do movimento ambientalista-comunista sobre um falso esgotamento dos recursos do planeta, sobre um não menos fantasioso excesso de habitantes acrescidos de uma pregação eclesiástica comunistoide pela redistribuição da terra e aos recursos naturais.

Já se pode definir a missão do Brasil como sendo a de saciar a fome do planeta, diz Evaristo de Miranda com os aplausos dos nutricionistas. A fome será um problema, mas não do Brasil.

Só a nossa produção de grãos é suficiente para alimentar quatro vezes a população brasileira ou mais de 850 milhões de pessoas.

Além de grãos, o Brasil produz anualmente cerca de 35 milhões de toneladas de tubérculos e raízes (mandioca, batata, inhame, batata-doce, cará, etc.). Comida básica para mais de 100 milhões de pessoas.

Acrescentem-se mais de 40 milhões de toneladas de frutas, entre as quais 7 milhões de toneladas de banana, ou uma banana/habitante/dia. A laranja e outros citros totalizam 19 milhões de toneladas/ano. E cresce todo ano a produção de uva, abacate, goiaba, abacaxi, melancia, maçã, coco...

Hortaliças?: 10 milhões de toneladas por ano, com uma diversidade impressionante, resultado do encontro da biodiversidade nativa com os aportes de verduras, legumes e temperos trazidos por portugueses, espanhóis, italianos, árabes, japoneses, teutônicos. E por aí vai longe.

Cerca de um milhão de toneladas de castanhas, amêndoas, pinhões e nozes, além dos óleos comestíveis, da palma ao girassol, e de uma grande diversidade de palmitos. E se não bastar, 34 milhões de toneladas de açúcar/ano.

Por isso, o especialista conclui que a produção vegetal do Brasil já alimenta mais de um bilhão de pessoas em todo o mundo, usando apenas 8% do território nacional.

E depois vem a produção animal. Em 2015, o País abateu 30,6 milhões bovinos, 39,3 milhões de suínos e quase 6 bilhões de frangos. Quer dizer, produziu cerca de 25 milhões de toneladas de carnes!

O consumo médio de carne dos brasileiros é da ordem de 120 kg/habitante/ano ou 2,5 kg por pessoa por semana. Desses, 42 kg/habitante/ano são de carne bovina; 45 kg de frango e 17 kg de suínos, além do consumo de ovinos e caprinos (muito expressivo no Nordeste e no Sul), de coelhos, de outras aves (perus, angolas, codornas...).

Há ainda os peixes, camarões e crustáceos (cada vez mais produzidos em fazendas), além de outros animais.

Em matéria de leite, o Brasil produziu 35,2 bilhões de litros (contra 31 bilhões de litros de etanol); 4,1 bilhões de dúzias de ovos e 38,5 milhões de toneladas de mel em 2015.

Em 50 anos, observa Evaristo de Miranda, de importador de alimentos o Brasil se tornou uma potência agrícola, o preço dos alimentos caiu pela metade, permitindo à grande maioria da população o acesso a uma alimentação saudável e diversificada, e a erradicação da fome.

Essas realizações são também fruto da modernização agrícola.

O que teria ocorrido na sociedade sem esse desenvolvimento da agricultura? Certamente, uma sucessão de crises intermináveis. Portanto, devemos agradecer todos os dias aos agricultores pelo seu

esforço de modernização e por tudo que fazem pelo País. A Nação e suas lideranças devem assumir a promoção e a defesa da agricultura e dos agricultores, com racionalidade e visando ao interesse nacional.

Mas, acrescentamos nós, não é isso o que fazem os ativistas embandeirados de vermelho e símbolos socialistas, ou os pretensos arautos “verdes”. Nem sequer aqueles órgãos da CNBB criados para subverter a vida nos campos e nas cidades”.¹²

Hoje sabemos que a desnutrição crônica está em declínio, como também as fomes catastróficas, que são crises que matam pessoas em grande número e causam desperdício generalizado. Pensando no que foi o passado, de fato estamos bem melhores hoje do que anos anteriores. Sobre o progresso do mundo no século 20, o economista Stephen Devereux resumiu:

“Vulnerabilidade à fome parece ter sido praticamente erradicada em todas as regiões fora da África... A fome como um problema endêmico na Ásia e a Europa parece ter sido consignada à história. O rótulo sombrio “Terra da Fome” deixou a China, Rússia, Índia e Bangladesh, e desde a década de 1970 residiu apenas na Etiópia e no Sudão.

[Além disso,] o vínculo do fracasso da colheita para a fome foi quebrado. As crises alimentares mais recentes provocadas pela seca ou pelas inundações foram adequadamente atendidas por uma combinação de organizações locais e internacionais como resposta humanitária...

Se esta tendência continuar, o século 20 deve cair como o último durante o qual dezenas de milhões de pessoas morreram por falta de acesso a alimentos”.¹³

A tendência de melhora na área da fome até agora continua, embora haja fomes entre os países pobres em desenvolvimento, assim como houve fomes na África Oriental em 2011, não “mataram na escala das catástrofes que ocorreram regularmente nos primeiros

séculos”.¹⁴ Os alarmistas intérpretes da profecia bíblica quando usam as tragédias do passado para estabelecer que algo pior está por vir, muitas vezes se utilizam de mensagens catastróficas produzidas por ativistas ecológicos. Eu escrevi um e-book sobre isto intitulado “*Os Pastores e o uso equivocado da Ciência na Interpretação do livro do Apocalipse*”. Em todas as pregações sobre o livro do Apocalipse que ouvi os pastores sempre se utilizam das mensagens catastróficas produzidas por gente da mídia. Um tipo de mensagem assim foi escrita em 1968 pelo biólogo Paul R. Ehrlich no seu livro *The Population Bomb*, em que ele proclamou que “a batalha para alimentar toda a humanidade acabou”.¹⁵ Sua previsão foi que “na década de 1980 sessenta e cinco milhões de americanos e quatro bilhões de outras pessoas passariam fome e morreriam”.¹⁶

Infelizmente, os pastores e religiosos intérpretes do livro do Apocalipse se entregaram a esses alarmismos produzidos nas décadas de sessenta e setenta. Os atuais alarmismos ecológicos do fim do mundo e suas consequências - inclusive a fome - estão agora sendo refutados por cientistas sérios, que não fazem parte de organizações ideológicas. Os próprios intérpretes da profecia bíblica reconhecem que houve avanços, mas se deixam levar por aquilo que ainda não mudou e poderá acontecer, veja isto a seguir:

“Haverá falta de alimentos.” (Mateus 24:7) Segundo os pesquisadores, a produção de alimentos **AUMENTOU** muito nos últimos 30 anos. No entanto, a falta de alimentos continua porque muitos não têm dinheiro para comprá-los ou terras para cultivá-los. Nos países em desenvolvimento, bem mais de 1 bilhão de pessoas tem de viver com uma renda de um dólar, ou menos, por dia. A maioria delas sofre de fome crônica. A Organização Mundial da Saúde avalia que a desnutrição é um dos fatores principais na morte de mais de 5 milhões de crianças por ano”.¹⁷

(o grifo é meu)

A oferta de alimentos com toda certeza irá crescer geometricamente, graças ao conhecimento que tem sido aplicado para

aumentar a quantidade de comida que pode ser extraída de apenas um pedaço de terra. Para ajudar a combater a fome temos hoje a tecnologia da “chuva sólida” desenvolvida pelo mexicano Sergio Rico e pode ajudar a agricultura durante a seca:

Sergio Rico “sensível aos problemas da fome, pobreza e migração, procurou maneiras de usar a chuva nessas terras secas e áridas. Então, ele conseguiu.

A substância usa poliacrilato de sódio no produto. Ela é capaz de concentrar grandes quantidades de água em um local, mas em formato de gel.

Para usar na agricultura, basta colocar o bloco de gel perto da raiz do vegetal. Então, ele irá absorver a água das chuvas. Cada quilo de gel pode armazenar muitos litros de água. Além disso, o produto dura de oito a dez anos.

Rico já testou o gel em plantações de milho. A colheita foi bem superior ao método tradicional usado para molhar a área de plantio”.¹⁸

É um fato marcante que os pré-requisitos para a abundância em alimento vêm caindo desde os anos 90 no mundo. Uma vez que a ciência descobre cada vez mais os segredos para o cultivo de alimentos em abundância, junto ao declínio da pobreza e da guerra, a tendência é que chegaremos ao dia em que não haverá mais fome no mundo. Isto é graças ao Reinado de Cristo, na medida em que Seu Reino cresce haverá paz sem fim (Isaías 9:6-7). Então, progressivamente, temos a restauração de tudo acontecendo aos poucos conforme Atos 3:20-21. A medida em que se cumpre o Salmo 22 que diz que “todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face”, também se diz que haverá fartura, pois “todos os que na terra são gordos comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele” (Salmos 22:28-29). Isto foi profetizado centenas de anos antes do Iluminismo surgir no cenário

mundial. O Iluminismo é apenas um herdeiro daquilo que foi construído ao longo dos séculos pela Igreja de Cristo.

Notas:

1. Tacitus, *The Annals of Imperial Rome*, trans. Michael Grant (London: PenguinBooks, 1989), 271.
2. Tacitus, *The Annals of Imperial Rome*, 271
3. Josephus, *The Wars of the Jews*, 5:12:3, 723.
4. A escassez de víveres — é evidência de quê? Revista *Despertar!* de 1985. Site: <https://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/101985004> Acessado dia 24 de Setembro de 2018.
5. Norberg 2016, pp. 7–8. [Citado por Steven Pinker]
6. Braudel 2002. [Citado por Steven Pinker]
7. Fogel 2004, quoted in Roser 2016d. [Citado por Steven Pinker]
8. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 87. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
9. Mundo tem 2,1 bilhões de pessoas obesas ou com sobrepeso, diz estudo. Mariana Lenharo. Do G1, em São Paulo. 28/05/2014 20h00 - Site: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/05/mundo-tem-21-bilhoes-de-pessoas-obesas-ou-com-sobrepeso-diz-estudo.html>
10. “Dietary Guidelines for Americans 2015–2020, Estimated Calorie Needs per Day, by Age, Sex, and Physical Activity Level,”

<http://health.gov/dietaryguidelines/2015/guidelines/appendix-2/>.
[Citado por Steven Pinker]

11. Idem nº 8, pg. 88.
12. Verdes sem argumentos: o Brasil está alimentando mais de um bilhão de pessoas! Publicado por Luis Dufaur em Domingo, 11 de junho de 2017 no site: <https://ecologia-clima-aquecimento.blogspot.com/2017/06/verdes-sem-argumentos-o-brasil-esta.html> (Fonte: matéria originalmente publicada na edição 82 da Revista Agro DBO, em outubro de 2016).
13. Devereux 2000, p. 3. [Citado por Steven Pinker]
14. Idem nº 8, pg. 92.
15. W. Greene, “Triage: Who Shall Be Fed? Who Shall Starve?” New York Times Magazine, Jan. 5, 1975. The term lifeboat ethics had been introduced a year earlier by the ecologist Garrett Hardin in an article in Psychology Today (Sept. 1974) called “Lifeboat Ethics: The Case Against Helping the Poor.” [Citado por Steven Pinker]
16. Idem nº 8, pg. 93.
17. Artigo: Estamos vivendo nos “últimos dias”? Site: www.jw.org/pt/publicacoes/livros/biblia-ensina/estamos-vivendo-nos-ultimos-dias/ Acessado Domingo, 20 de Novembro de 2016.
18. Chuva sólida pode ajudar agricultura durante a seca. Por Vanessa Daraya. Site: <https://exame.abril.com.br/ciencia/chuva-solida-pode-ajudar-agricultura-durante-a-seca/> Acessado dia 26 de Setembro de 2018.

9

O aumento das riquezas

Quando se fala em pobreza, nós nem imaginamos o que isto foi em outras épocas. Temos a tendência de esquecer a miséria dominante de outros tempos por causa da influência da literatura, através da poesia, do romance e da lenda, que “celebram quem viveu bem e esquece aqueles que viveram no silêncio da pobreza. As eras da miséria tem sido mitologizada e pode até ser lembrada como as eras de ouro da simplicidade pastoral. Na verdade, não foram”.¹ A definição de pobreza era simples: “se você pudesse comprar pão para sobreviver outro dia, você não era pobre”.²

No século XIX a situação dos pobres era assim:

“Na rica Gênova, as pessoas pobres se vendiam como escravas de galé a cada Inverno. Em Paris, os muitos pobres foram acorrentados juntos em pares e forçados para fazer o trabalho duro de limpar as canalizações. Na Inglaterra, os pobres tinham que trabalhar em asilos para obter alívio, onde trabalhavam longas horas para quase nenhum pagamento. Alguns foram instruídos a triturar ossos de cães, cavalos e gados para uso como fertilizante, até que uma inspeção de um abrigo em 1845 mostrou que pobres famintos estavam lutando sobre ossos podres para sugar o tutano”.³

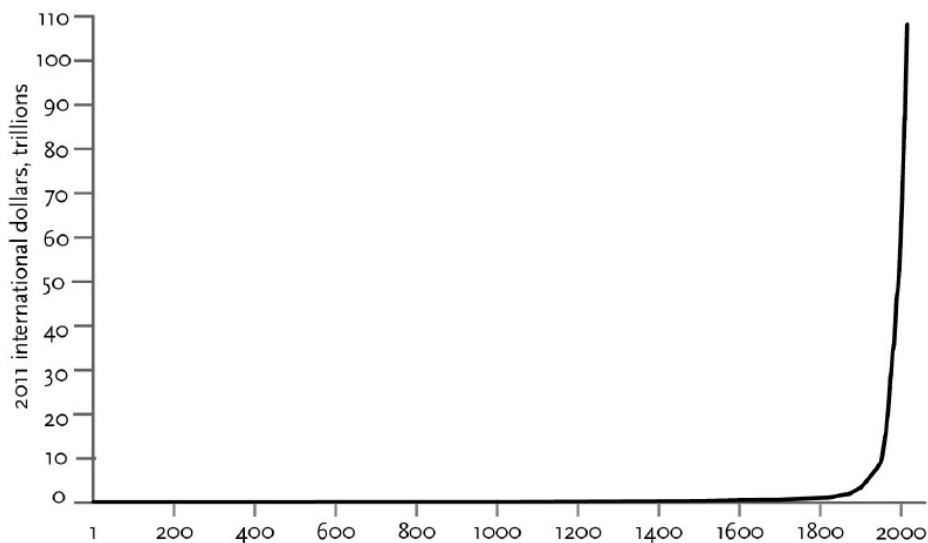
Outro historiador, Carlo Cipolla, observou:

“Na Europa pré-industrial, a compra de uma peça de roupa ou de um pano para vestuário permaneceu um luxo as pessoas comuns que só poderiam pagar por eles algumas vezes em suas vidas. Uma das principais preocupações da administração do hospital era para garantir que as roupas dos falecidos não deveriam ser usurpadas, mas deveriam ser dados aos herdeiros legítimos. Durante as epidemias da peste, as autoridades da cidade tiveram que lutar para confiscar as roupas dos mortos para queimá-las: as pessoas esperavam que outros morressem para assumir suas roupas - que geralmente tinham o efeito de espalhar a epidemia”.⁴

A resistência da pobreza é mostrada em um gráfico simples, mas impressionante. Esse gráfico traça a trajetória nos últimos dois milênios da pobreza. Demorou-se pelo menos dois milênios para a renda dobrar. No primeiro milênio depois de Cristo o mundo era um pouco mais rico do que era na época de Jesus. E ainda um milênio depois a renda dobrou mais uma vez. Foi então a partir dos anos 1820 e 1900 que a renda do mundo triplicou. E após isso mais uma vez a renda triplicou em pouco mais de cinquenta anos. Incrivelmente mais uma vez a renda triplicou em vinte e cinco anos e depois trinta e três anos para triplicar novamente.

Para atribuir esse progresso ao Iluminismo, Steven Pinker diz que “o Produto Mundial Bruto hoje cresceu quase cem vezes desde a Revolução Industrial em 1820, e quase duzentas vezes desde o início do Iluminismo no século XVIII”.⁵ O grande problema é que o Iluminismo é também herdeiro e devedor de todas as bênçãos e preparações feitas pela Igreja desde o começo do Cristianismo. Devemos sempre notar que essas promessas de prosperidade no mundo já estavam profetizadas desde o antigo judaísmo e cumprem-se agora nos tempos depois de Cristo. Fomos então progressivamente abençoados pelo incrível e surpreendente avanço da economia global. “É contra intuitivo, mas a prosperidade e as oportunidades econômicas estão se espalhando por todas as nações.

Nunca houve uma época na história do mundo em que as massas conseguiram escapar da pobreza como em nossa atual geração”.⁶



Produto Mundial Bruto, 1–2015

Fonte: Nosso Mundo em Dados, Roser 2016c, com base em dados do Banco Mundial e de Angus Maddison e Maddison Project 2014.

É possível fazer diversas comparações sobre como os pobres de hoje estão em melhor posição do que aqueles que viveram séculos atrás. Todos nós conhecemos diversas pessoas pobres que apesar de viverem em grandes apertos e limitações, elas possuem televisão, água encanada, energia elétrica, micro-ondas, celulares, notebooks, se comunicam com parentes distantes e muitas outras coisas mais. Podemos considerá-las bem mais ricas do que seus ancestrais que viveram há cem ou duzentos anos atrás. Todo esse progresso que temos hoje é fruto do crescimento econômico, da aplicação da ciência para a melhoria da vida material, do uso de máquinas em fábricas desde a Revolução Industrial, as quais podem entregar mais roupas, ferramentas, veículos, livros, móveis e tantas outras coisas em grandes quantidades e a preços acessíveis para qualquer pessoa. Um

século antes todas essas coisas seriam impensadas para as pessoas mais pobres.

O rabino Tzvi Freeman expressa muito bem a situação mais próspera de nosso mundo (embora os judeus ainda esperem pela primeira vinda do Messias), todavia, quando lhe foi perguntado se o mundo está realmente melhorando, ele escreveu:

“O mundo está realmente melhorando? Pergunta ao rabino...

Você está sempre falando sobre como o mundo está pronto e preparado para a Era de Mashiach [Messias]. Não vejo como. Para mim parece um mundo bastante feio. Parece que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Respondendo...

Isso é porque você não vê de onde ele está vindo, como costumava ser e o quanto mudou.

Deixe-me ilustrar. Hoje em dia você pode ligar de qualquer lugar para qualquer outro lugar. Imagine um telefonema ao passado. Digamos que você ligou para seus bisavós.

“Olá, bisavó, olá, bisavô! Este é seu bisneto ligando de um século depois!”

“Que bom ouvir notícias suas! Como está a vida no século 21? Você tem bastante para comer?”

“Bem, quando quero comer, vou até a minha geladeira. Ali a comida se mantém fresca”.

“Você come somente coisas frias? Que horror!”

“Não, eu coloco tudo no microondas por um minuto e a comida sai quentinha e cozida”.

Você descreve seu cardápio, incluindo produtos e pacotes de todas as partes do mundo. E não apenas a comida, mas pessoas também. Você pode tirar do bolso um aparelhinho minúsculo e conversar com alguém em qualquer parte do mundo, a qualquer hora. E se você precisa de alguma informação, ou estudar algum assunto, pode acessar milhões de computadores e muitas pessoas em todo o mundo que o ajudarão – sem ao menos sair porta afora.

Nossa casa é aquecida no inverno e fresca no verão. Não aparece nenhum cossaco para incendiá-la. Na verdade, o governo fornece subsídios para que seus filhos possam estudar Judaísmo. Até em Moscou, o governo ajuda a construir locais de oração para judeus, bem como para pessoas de todas as religiões. As pessoas ao seu redor ensinam tolerância e amor à paz aos seus filhos. O mundo produz comida suficiente para alimentar seus seis bilhões de cidadãos.

Os cientistas, em vez de desafiar a fé, enfatizam as maravilhas misteriosas do universo e sua unicidade essencial. Pela primeira vez na História, a guerra é olhada com desprezo e a paz é algo valioso. Para eles, você está descrevendo um mundo maravilhoso. Um mundo mais distante do mundo deles que o deles era dos mundos antigos. Eles poderiam apenas chegar a uma conclusão: Você deve estar telefonando da Era de Mashiach [Messias].

Sim, você deixou de lado alguns detalhes. Por exemplo, que você ainda deve a casa ao banco. Que a comida produzida não chega àqueles que precisam dela.

Que a informação instantânea muitas vezes é usada para transmitir lixo e pornografia, em vez da sabedoria a que foi destinada. Que o mundo ainda está repleto de mal e sofrimento. Mas o ponto é: o cenário está montado, tudo está no lugar. Nunca antes o mundo esteve numa situação assim. A única coisa que falta é abrir as cortinas e acender as luzes sobre o cenário”.⁷

Todo esse progresso é graças ao papel positivo que a Bíblia desempenhou na ciência. Um autor assim se expressa:

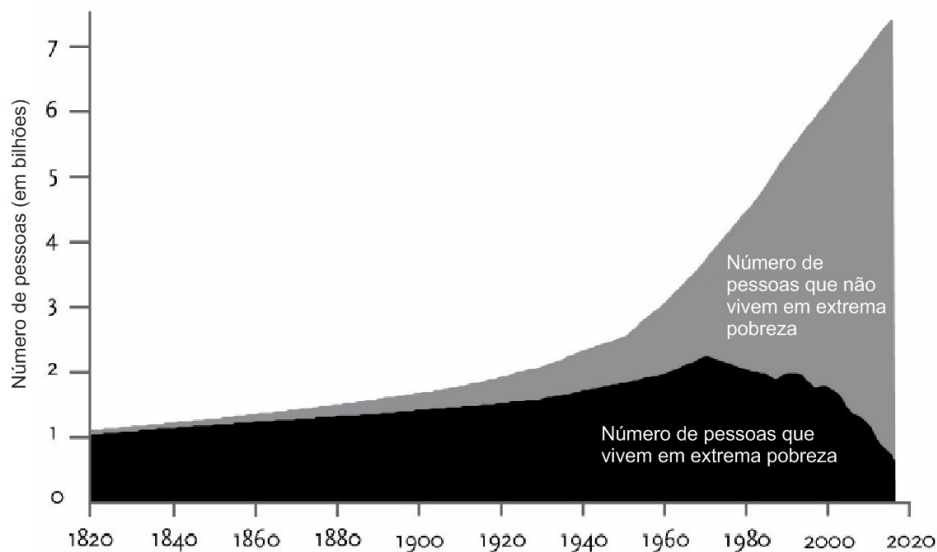
“Por mais estranho que possa parecer, a Bíblia desempenhou um papel positivo no desenvolvimento da ciência... Se não tivesse sido para o surgimento da interpretação literal da Bíblia e da posterior apropriação das narrativas bíblicas pelos cientistas modernos, a ciência moderna talvez não tenha surgido. Em suma, a Bíblia e sua interpretação literal desempenharam um papel vital no desenvolvimento da ciência Ocidental”.⁸

Muitos cientistas cristãos acreditavam que quando a mente humana é redimida por Cristo, isso deve levar “a submeter à visão do Criador da Sua criação nas Escrituras, em vez da vã especulação, muitas vezes promovida pelos pagãos tolos; e o trabalho persistente para entender a criação de Deus para a promoção da vida humana, como Adão foi mandado fazer no estado de perfeição (Gênesis 2:15) e após a queda, embora impedido então por “espinhos e cardos” (Gênesis 3:17-19)”.⁹ Muitos cientistas cristãos ou não foram então motivados a aplicar suas engenhosidades para aliviar as dores da vida cotidiana. Suas invenções não permaneceram em seus laboratórios e garagens, por conta da inovação do desenvolvimento de instituições que lubrificaram a troca de bens, serviços e ideias.

A ideia de economias abertas em que qualquer pessoa poderia vender e negociar com outras pessoas, as transações protegidas pelo Estado de direito, direitos de propriedade, instituições bancárias etc., tudo isto colaborou com o progresso e o desenvolvimento e a diminuição da pobreza. Sendo assim, pessoas empreendedoras poderiam criar e introduzir novos tipos de produtos no mercado, ao mesmo tempo negociando com outros comerciantes que revenderiam tais produtos a um custo menor sendo assim mais acessíveis a quaisquer pessoas.

Todo esse progresso do mundo vem da contínua resistência contra a entropia, que já vimos anteriormente que é causada pelo pecado. No que dependesse do pecado humano não veríamos grandes evoluções em nenhuma área humana. A evolução que vemos é um

testemunho do avanço do Reino de Cristo e suas ideias benevolentes que constituem a base da nossa sociedade judaico-cristã. Devido a isto, o “número de pessoas pobres diminuiu assim como o número de pessoas explodiu, de 3,7 bilhões em 1970 para 7,3 bilhões em 2015. Max Roser aponta que, se os veículos de notícias realmente relatassem o estado do mundo, eles poderiam ter executado o título: NÚMERO DE PESSOAS EM POBREZA EXTREMA caiu 137.000 desde ontem todos os dias nos últimos vinte e cinco anos. Vivemos em um mundo não apenas com uma proporção menor de pessoas extremamente pobres, mas com um número menor delas, e com 6,6 bilhão de pessoas que não são extremamente pobres”.¹⁰



Pobreza extrema (número), 1820-2015

Fontes: Nosso Mundo em Dados, Roser e Ortiz-Ospina 2017, com base em dados de Bourguignon & Morrison 2002 (1820–1992) e Banco Mundial 2016g (1981–2015).

Falando sobre a erradicação da pobreza, Steven Pinker cita que “a ONU deu-se um amortecedor em seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2015 (o sucessor de seu Metas de

Desenvolvimento) e estabeleceu como meta ‘acabar com a extrema pobreza para todas as pessoas em todos os lugares’ até o ano de 2030”.¹¹E Pinker continua:

“Acabar com a pobreza extrema para todas as pessoas em toda parte! Eu posso viver para ver o dia (nem mesmo Jesus foi tão otimista, pois ele disse a um suplicante: “Os pobres sempre estarão convosco”. Claro que esse dia é um caminho de folga. Centenas de milhões de pessoas permanecem em pobreza extrema, e chegar a zero exigirá um esforço maior do que apenas extrapolar ao longo de uma escala”.¹²

Ora, Steven Pinker comete um grave erro quando erroneamente escreveu que “nem mesmo Jesus foi tão otimista”. Em seu artigo *"Os pobres, sempre os tendes convosco"*?, Valdir Steuernagel diz que “poucas palavras bíblicas têm sido tão mal evocadas e com tanta frequência. Diante da realidade da pobreza avassaladora que nos cerca, acabamos justificando o quadro, quando não a nossa própria indiferença”.¹³O que Pinker e tantos ignoram nessas palavras de Jesus, é o contexto. O caso ali se deu em João capítulo 12 em que Maria, irmã de Lázaro, “pegou um frasco de nardo puro, que era um perfume caro, derramou-o sobre os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. E a casa encheu-se com a fragrância do perfume (João 12:3). Nesse episódio um dos discípulos, Judas Iscariotes, fez uma objeção:

“Por que este perfume não foi vendido, e o dinheiro dado aos pobres? Seriam trezentos denários”.
(João 12:5)

E o evangelista João acrescenta:

“Ele não falou isso por se interessar pelos pobres, mas porque era ladrão; sendo responsável pela bolsa de dinheiro, costumava tirar o que nela era colocado”.

(João 12:6)

A partir de então, Jesus respondeu:

“Respondeu Jesus: Deixe-a em paz; que o guarde para o dia do meu sepultamento.

Pois os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão”.

(João 12:7,8)

O que temos então é uma comparação da estadia temporária de Jesus entre aqueles primeiros discípulos e ouvintes em contraste com os pobres que eles ainda continuariam tendo. Não está em vista aqui que Jesus negasse a diminuição da pobreza no mundo, ou que Ele ignorasse as profecias do Antigo Testamento que claramente sugerem que o Reino de Deus trará benção sem medida para todas as nações. Outro detalhe que os pessimistas de plantão se esquecem, é que o Senhor Jesus deu garantia de que nós podemos resolver o problema dos pobres em qualquer época:

“Pois os pobres vocês sempre terão consigo, e poderão ajudá-los sempre que o desejarem. Mas a mim vocês nem sempre terão”.

(Marcos 14:7)

Notas:

1. Rosenberg & Birdzell 1986, p. 3. [Citado por Steven Pinker]
2. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 99. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
3. Norberg 2016, summarizing Braudel 2002, pp. 75, 285, and elsewhere. [Citado por Steven Pinker]

4. Cipolla 1994. Internal quotation marks have been omitted. [Citado por Steven Pinker]
5. Idem nº 2, pg. 101.
6. Você foi enganado ao Crer no Mito de que o Mundo está ficando cada vez Pior? Título original em inglês: Why You've Been Duped Into Believing The Myth That The World Is Getting Worse and Worse Autor: J. D. King Fonte: www.worldrevivalnetwork.blogspot.com.br (Acessado dia 31-08-2015). Traduzido e Adaptado por: César Francisco Raymundo. Revista Cristã Última Chamada - Edição Especial Nº 021. Site: www.revistacrista.org
7. O mundo está realmente melhorando? Autor: Por Tzvi Freeman. Site: www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/mundo_melhor/home.html
8. Harrison, The Fall of Man and the Foundations of Science, p. 183.
9. Pós-milenismo e Apologética. Por Mike Warren. Site: www.revistacrista.org Fonte original: Blog: www.christianciv.com/blog/ Acessado Segunda-feira, 19 de Junho de 2017
10. Idem nº 2, pg. 109.
11. Idem nº 2, pg. 111.
12. Idem nº 2, pg. 111.
13. "Os pobres, sempre os tendes convosco"? Valdir Steuernagel. Site: <https://www.ultimato.com.br/revista/artigos/307/os-pobres-sempre-os-tendes-convosco> Acessado dia 09 de Outubro de 2018.

10

O aumento da paz

“Ele julgará entre as nações e resolverá contendas de muitos povos. Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

(Isaías 2:4)

“Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, e o governo está sobre os seus ombros. E ele será chamado Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz.

Ele estenderá o seu domínio, e haverá paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, estabelecido e mantido com justiça e retidão, desde agora e para sempre. O zelo do Senhor dos Exércitos fará isso”.

(Isaías 9:6,7)

Essas palavras do profeta Isaías se refletem no Novo Testamento com a ideia de restauração progressiva. Já falei sobre isto anteriormente em que o Senhor Jesus mostra o princípio progressivo do Reino de Deus, pois ao invés de impor o Seu Reino a força, abruptamente, o Senhor mostra que esse Reino começa pequeno e cresce até ser dia perfeito. Note que a paz prometida em Isaías 9 não é imposta de uma vez, a força. Pelo contrário, só quando “Ele estenderá o seu domínio” é que “haverá paz sem fim”. A paz integral

no mundo depende de que todas as nações sejam alcançadas pelo evangelho. Quando se cumprir a palavra do Salmo 22:27 que diz que “todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele”, é só aí que teremos o cumprimento integral de Isaías 2:4:

“Eles farão de suas espadas arados, e de suas lanças foices. Uma nação não mais pegará em armas para atacar outra nação, elas jamais tornarão a preparar-se para a guerra”.

Sinceramente, não sei a que distância em anos estamos do cumprimento dessas profecias, mas é fato incontestável que o seu cumprimento progressivo já é sentido e pode ser medido. Mais uma vez, o ateu Steven Pinker, como uma “pedra” que clama, ou como uma “mula” que fala com o crente Balaão, sai na frente e mostra o que muitos filhos da Luz se recusam a ver. Em seu livro de 1241 páginas, intitulado *“Os anjos bons da nossa natureza - Por que a violência diminuiu”*, com farta documentação histórica e estatística, Steven Pinker nos dá o seguinte recado no Prefácio:

“Este livro trata de um acontecimento que pode ser o mais importante de toda a história humana. Acredite se quiser — e sei que a maioria não acredita —, a violência vem diminuindo desde o passado distante, e hoje podemos estar vivendo na era mais pacífica que nossa espécie já atravessou. É verdade que esse declínio não tem sido uniforme, que ele não zerou a violência e que não há garantias de que continue. Mas o avanço é inconfundível, visível em escalas que vão de milênios a meros anos, das guerras até o castigo físico de crianças”.¹

Apesar de ser algo inacreditável para muitos a diminuição da violência, Pinker também é honesto quando diz:

“Nenhum aspecto da vida ficou intocado pelo recuo da violência. O cotidiano é bem diferente quando as pessoas precisam se preocupar o tempo todo em ser raptadas, estupradas ou assassinadas, e o desenvolvimento de artes refinadas, do

aprendizado e do comércio é dificultado porque as instituições que os alicerçam são incendiadas logo ao nascer”.¹

Portanto, dizer que a violência recuou não é o mesmo dizer que já estamos vivendo o paraíso, nem mesmo é negar que temos mais de sessenta mil assassinatos por ano no Brasil. O que Pinker mostra são dados científicos, estatísticos vindos da frieza dos números. Isto é inegável! Não se pode negar os números e o conhecimento histórico. Eu sei que alguém poderá querer contestar Steven Pinker, mas é fato que uma obra de 1241 páginas bem alicerçada em várias fontes merece respeito. Acredito que possa haver apenas pequenas divergências contra o trabalho de Pinker, mas NINGUÉM pode negar que há algo diferente no mundo em relação ao aumento da paz e seu consequente recuo da violência.

A história da violência mundial nos fornece uma oportunidade para enfrentar questões do tipo: *“até que ponto progresso tem fluído? O progresso em relação à violência pode de repente vir a parar ou entrar em retrocesso?”* É justamente neste ponto que muitos injustamente acusam os cristãos pós-milenistas. O teólogo Felipe Sabino de Araújo Neto resume bem a questão:

“Enquanto Roma colocava a tradição em pé de igualdade (ou mesmo superioridade) com a Escritura, o que é entronizado hoje são as supostas experiências. *Sola experientia* parece ser o moto dos religiosos.

Semelhantemente, no campo escatológico, talvez por influência dessa “praga”, ouve-se dizer que o pós-milenismo morreu após as duas Grandes Guerras Mundiais. Em outras palavras, a experiência que os pós-milenistas tiveram em presenciar tais eventos catastróficos fez com que abandonassem o pós-milenismo, a despeito do que dizia a Escritura. Se isso aconteceu com alguém, é apenas prova que a fé do tal não estava firmada nas Escrituras. Ora, nós não andamos por vista (2Co. 5:7), nem interpretamos as Escrituras à partir do que vemos e experimentamos; pelo contrário, usamos as Escrituras para interpretar tudo e todos ao nosso redor.

Não somos daqueles que reinterpretam a Escritura a cada novo noticiário, e sempre que a ciência “descobre” algo novo. Todavia, o fato de grandes obras pós-milenistas terem sido escritas após tais guerras mostra que a afirmação não passa de mera calúnia”.²

Os pregadores da profecia bíblica que usam o exemplo das duas grandes guerras mundiais para acusar os pós-milenistas, assim como outros, sempre deixam passar pontos importantes que são muito sutis. Por exemplo, a ênfase recai na gravidade das guerras, no fato de que o século XX foi um dos séculos mais sangrentos da história da humanidade, mas é ignorado que houve um amadurecimento na humanidade, pois só para citar um exemplo, temos espalhado pelo mundo o Museu do Holocausto, o qual, é para conscientizar as pessoas para que nunca mais episódios sangrentos como o da Segunda Guerra Mundial aconteçam novamente. Quem poderia imaginar essa mentalidade pacífica nos tempos do Império Romano? Quem poderia imaginar os caldeus, os romanos e os bárbaros criando museus de conscientização em favor da paz?

Por falar em Império Romano, o exemplo do mesmo é ideal para medirmos o quanto evoluímos na questão da violência:

“O símbolo preeminente do império era o Coliseu, que hoje milhões de turistas visitam e que vem estampado em caixas de pizza do mundo todo. Nesse mega estádio o público consumia espetáculos de crueldade em massa. Mulheres nuas eram amarradas a estacas e estupradas ou dilaceradas por animais. Exércitos de cativos massacravam-se em batalhas simuladas. Escravos personificavam literalmente relatos mitológicos de mutilação e morte — por exemplo, um homem representando Prometeu era acorrentado a uma rocha e uma águia treinada lhe arrancava o fígado. Gladiadores lutavam até a morte; nossos gestos de “positivo” e “negativo” com o polegar podem ter origem nos sinais que a multidão fazia a um gladiador vitorioso para mandá-lo dar o golpe de misericórdia no oponente. Cerca de meio milhão de pessoas tiveram essas mortes torturantes para dar aos cidadãos romanos seu pão e circo. A grandiosidade de Roma traz uma luz

diferente aos nossos entretenimentos violentos (e mais ainda aos nossos “esportes radicais” e decisões por “morte súbita”).³

Consegue o leitor imaginar como seria em pleno ano de 2018 um entretenimento desse tipo? Imagine as atrocidades descritas acima sendo apresentadas no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro? Imagine qual seria a reação da sociedade brasileira, da Igreja Católica, das Igrejas Evangélicas, das comissões de Direitos Humanos diante de todas as atrocidades descritas acima? E o que dizer também do método de execução pública dos romanos, o qual nosso Senhor Jesus Cristo foi submetido. Veja a seguir uma descrição desse método:

“O mais famoso método romano de execução obviamente é a crucificação, origem do termo “excruciante”. Qualquer um que já tenha olhado a fachada de uma igreja deve ter dedicado ao menos um momento de reflexão sobre a indizível agonia de ser pregado a uma cruz. Os de estômago forte podem suplementar a imaginação lendo uma investigação forense sobre a morte de Jesus Cristo, baseada em fontes arqueológicas e históricas, publicada em 1986 no *Journal of the American Medical Association*.

Uma execução romana começava com a flagelação do prisioneiro nu. Soldados romanos açoitavam as costas, nádegas e pernas da vítima com um chicote curto feito de couro trançado incrustado de pedras afiadas. Segundo os autores do JAMA, “as lacerações rasgavam a carne até chegar aos músculos esqueléticos e produziam faixas trementes de carne ensanguentada”. Em seguida os braços do prisioneiro eram amarrados ao redor de uma trave de 45 quilos e ele era forçado a carregá-la até um local onde havia um poste fincado no chão. Jogavam-no deitado sobre as costas dilaceradas e o pregavam pelos pulsos na trave. (Ao contrário das conhecidas descrições, a carne da palma da mão não sustenta o peso de um homem.) A vítima era içada no poste, e seus pés pregados, geralmente sem um bloco de sustentação. Sua caixa torácica distendia-se com o peso do corpo que pendia dos braços, dificultando a expiração a menos que a pessoa puxasse os braços ou empurrasse as pernas contra os pregos. A morte por asfixia e hemorragia sobrevinha depois de um suplício que durava entre três

e quatro horas e três e quatro dias. Os executores podiam prolongar a tortura apoiando o peso do homem em um assento, ou apressar a morte quebrando-lhe as pernas com uma clava”.⁴

Diante de algo tão cruel, a minha mentalidade moderna não consegue aceitar algo do tipo. Compartilho da mesma ideia de Steven Pinker sobre o assunto:

“Embora goste de pensar que nada do que é humano me é estranho, não consigo me colocar na mente dos antigos que inventaram essa orgia de sadismo. Mesmo que me dessem a custódia de Hitler e eu pudesse lhe aplicar um castigo à minha escolha, não me ocorreria infligir-lhe uma tortura como essa. Seria impossível não me crispar com um sentimento de empatia; eu não iria querer me tornar o tipo de pessoa capaz de se entregar a tanta crueldade e não conseguiria ver vantagem alguma em aumentar o reservatório de sofrimento do mundo sem um benefício comensurável. (Até mesmo o objetivo prático de dissuadir futuros déspotas, eu refletiria, é mais bem servido maximizando-se a expectativa de que eles serão levados à justiça do que maximizando a crueldade da punição.) No entanto, na terra estrangeira que chamamos de passado, a crucificação era uma pena comum”.⁵

Como sempre, para dizer que o mundo piorou, alguém citará as atrocidades cometidas pelo grupo terrorista Estado Islâmico, do qual temos vídeos de cenas em que se jogavam homossexuais do alto dos prédios, pessoas sendo queimadas vivas dentro de jaulas, ou mesmo pessoas presas em jaulas sendo afundadas em piscinas. Ora, as atrocidades cometidas pelo Estado Islâmico não são regra geral hoje. Pela proporção da atual população mundial, pela quantidade de países (quase duzentos), vejo no caso do Estado Islâmico um caso isolado que por ter tanto chocado as pessoas, tem a tendência de desaparecer logo. Se você acha que as crueldades do Estado Islâmico são a prova máxima da piora de nosso mundo atual, então veja a seguir como se comportaram os mongóis em séculos passados:

“Os massacres de alto rendimento também foram aperfeiçoados por hordas montadas vindas das estepes, como os citas, hunos, mongóis, turcos, magiares, tártaros, mogóis e manchus. Por 2 mil anos, esses guerreiros usaram arcos compostos meticulosamente trabalhados (feitos de madeira laminada colada, tendões e chifre) para produzir imensas contagens de corpos em seus saques e incursões. Essas tribos foram responsáveis pelos terceiro, quinto, 11º e 15º lugares na lista das 21 mais, e por quatro dos seis primeiros lugares na classificação proporcional à população. As invasões mongóis de territórios islâmicos no século XIII resultaram no massacre de 1,3 milhão de pessoas só na cidade de Merv, e de outros 800 mil habitantes de Bagdá”.⁶

O historiador J. J. Sauders faz a seguinte observação sobre os mongóis:

“É indescritivelmente revoltante a insensível selvageria com que os mongóis perpetravam seus massacres. Obrigavam os habitantes de uma cidade condenada a reunir-se em uma planície fora dos muros, e cada soldado mongol, empunhando uma acha de armas, devia matar um dado número de pessoas, dez, vinte ou cinquenta. Como prova de que a ordem fora obedecida, às vezes se exigia que os executores cortassem uma orelha de cada vítima, pusessem as orelhas num saco e as levassem aos oficiais para a contagem. Poucos dias depois do massacre, soldados eram mandados às ruínas em busca de alguns desgraçados que pudessem estar escondidos em buracos ou porões; estes eram arrastados para fora e mortos”.⁷

Os defensores da escatologia pessimista irão argumentar que hoje temos mais capacidade destrutiva e que nos saudosos e bons tempos antigos não era tão perigoso como hoje. O problema dessa declaração é que a mesma ignora que “a história narrativa confirma que civilizações antigas certamente eram capazes de matar em números imensos. O atraso tecnológico não era nenhum impedimento; sabemos, graças a Ruanda e Camboja, que números colossais de pessoas podem ser assassinadas com recursos de baixa tecnologia, como machetes e fome. E, no passado distante, os implementos de

matar não eram de tão baixa tecnologia, pois os armamentos militares ostentavam a tecnologia mais avançada de sua época”.⁸

Por outro lado, é irônico que com todo o potencial nuclear que temos hoje, capaz de destruir toda a Terra em minutos, nada disso tem sido usado. Qual outro lugar além de Hiroshima e Nagasaki foi destruído por uma bomba atômica? Por aí vemos que o futurismo defendido pela maioria dos pregadores vive de constantes especulações. Quantas vezes tenho visto pastores mostrando a capacidade bélica do Irã e ensinando que isso pode ser usado contra Israel num futuro próximo, para assim cumprir a profecia bíblica. Tenho ouvido declarações do tipo desde o final dos anos 80, passando por toda a década de 90, anos 2000 em diante até os dias de hoje. Resultado, nada aconteceu conforme se previa!

Tudo isso me faz lembrar de dois intérpretes evangélicos famosos da profecia bíblica. Um deles é John W. Walvoord e o outro Hal Lindsey. Walvoord baseou-se nos eventos relativos a primeira Guerra do Golfo, quando escreveu:

“O mundo de hoje é como um estágio definido para um ótimo drama. Os principais atores já estão as asas à espera de seu momento na história. Os adereços do palco principal já estão no lugar.

A partida profética está prestes a começar... Nosso mundo presente está bem preparado para o início do drama profético que levará ao Armagedom. Como o estágio está definido para esse clímax dramático da era, deve significar que a vinda de Cristo para o seu próprio [povo no arrebatamento da igreja] está muito próxima”.⁹

Hal Lindsey, por sua vez, disse:

“Terça-feira, 11 de setembro de 2001, o fim começou... Os eventos, mesmo desta semana, nos mostram que estamos muito perto do fim. Todo o cenário previsto é cumprido logo diante dos

nossos olhos. Todas as peças desse enigma previsto que indicaria a vinda de Cristo está no lugar ao virar da esquina... Acredito que, agora mesmo, precisamos concentrar na grande esperança de que Jesus Cristo logo vem e [vai] nos transformar [no arrebatamento] para que nós passemos do mortal para o imortal”.¹⁰

Embora seja muito raro é possível encontrar pessoas sensatas e equilibradas que analisam os fatos coerentemente diante das instabilidades mundiais. Temos o caso de Francis A. Schaeffer (1912-1984) que “agonizou-se durante os eventos históricos do Velho Testamento e o que eles poderiam significar para a profecia pré-milenarista no século XX. Após um período de estudo, feito à luz do início dos eventos da Segunda Guerra Mundial, Schaeffer especulou que o fim estava chegando em breve”.¹¹ O mentor de Schaeffer, Allan MacRae, ofereceu o seguinte bom conselho para ele em uma carta datada de 27 de junho de 1940:

“Tais convulsões como estamos testemunhando agora já ocorreram em muitos períodos da história, embora as invenções da mecânica moderna as fazem cobrir um território mais amplo dentro um intervalo mais curto. Além disso, as notícias do rádio e dispositivos semelhantes tornam-nos mais imediatamente conscientes do que está acontecendo”.¹²

Aqui cabe a frase célebre de Gilbert Keith Chesterton que diz:

“Não foi o mundo que piorou, as coberturas jornalísticas é que melhoraram muito”.

Classificando as guerras por século e número de mortes

No quadro da próxima página, temos um retrato fiel em números que desmente a ideia de que hoje as coisas são piores porque acontecem em maiores proporções.¹³

CLASSIFICAÇÃO	CAUSA	SÉCULO	Nº de vítimas	Nº DE VÍTIMAS EQUIVALENTE A MEADOS DO SÉCULO XX	CLASSIFICAÇÃO AJUSTADA
1	Segunda Guerra Mundial	XX	55 milhões	55 milhões	9
2	Mao Tsé-tung (sobretudo fome coletiva causada pelo governo)	XX	40 milhões	40 milhões	11
3	Conquistas mongóis	XIII	40 milhões	278 milhões	2
4	Revolta de An Lushan	VIII	36 milhões	429 milhões	1
5	Queda da dinastia Ming	XVII	25 milhões	112 milhões	4
6	Rebelião Taiping	XIX	20 milhões	40 milhões	10
7	Aniquilação dos índios americanos	XV-XIX	20 milhões	92 milhões	7
8	Ióssif Stálin	XX	20 milhões	20 milhões	15
9	Tráfico de escravos no Oriente Médio	VII-XIX	19 milhões	132 milhões	3
10	Tráfico atlântico de escravos	XV-XIX	18 milhões	83 milhões	8
11	Timur Lenk (Tamerlão)	XIV-XV	17 milhões	100 milhões	6
12	Índia britânica (sobretudo fome evitável)	XIX	17 milhões	35 milhões	12
13	Primeira Guerra Mundial	XX	15 milhões	15 milhões	16
14	Guerra civil russa	XX	9 milhões	9 milhões	20
15	Queda de Roma	III-V	8 milhões	105 milhões	5
16	Estado livre do Congo	XIX-XX	8 milhões	12 milhões	18
17	Guerra dos Trinta Anos	XVII	7 milhões	32 milhões	13
18	Tempo das perturbações na Rússia	XVI-XVII	5 milhões	23 milhões	14
19	Guerras napoleônicas	XIX	4 milhões	11 milhões	19
20	Guerra civil chinesa	XX	3 milhões	3 milhões	21
21	Guerras religiosas na França	XVI	3 milhões	14 milhões	17

Podemos dizer que durante a maior parte da história humana, a guerra foi o passatempo natural dos governantes do mundo. Embora no alvorecer da era moderna as grandes potências estavam

praticamente sempre em guerra, é digno de nota que hoje em dia – principalmente agora em 2018 - elas nunca estão em guerra. A Coréia do Norte, a Coréia do Sul, a Rússia, os Estados Unidos e a China embora com divergências não estão em guerra. A grande e última catastrófica guerra que envolveu o mundo inteiro foi há 73 anos. Hoje não temos indício de um novo conflito em vista, embora tenha algumas vezes acontecido alguma ameaça, e qualquer acontecimento futuro não passa de pura especulação.

Porcentagem de anos em que as grandes potências lutaram entre si

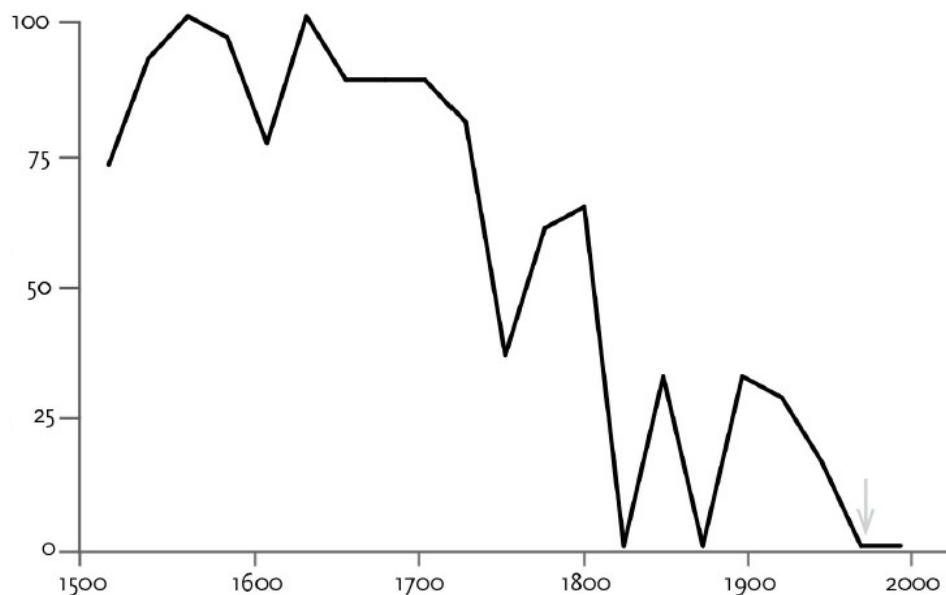


Figura 11-1: Grande guerra de poder, 1500–2015

Fonte: Levy & Thompson 2011, atualizado para o século XXI. Porcentagem de anos que as grandes potências lutaram entre si em guerras, agregadas em períodos de 25 anos, exceto para 2000-2015. A seta aponta para 1975-1999, o último quarto de século plotado na fig. 5-12 de Pinket 2011.

Steven Pinker assinala que “o declínio irregular da guerra das grandes potências esconde duas tendências que até recentemente foi em direções opostas. Por 450 anos, guerras envolvendo uma grande potência tornou-se mais curto e menos frequente. Mas como seus exércitos se tornaram melhores tripulados, treinados e armados, as guerras que aconteceram se tornaram mais letais, culminando nas breves mas destrutivas guerras mundiais. Foi apenas depois da segunda destas que todas as três medidas de guerra - frequência, duração e letalidade - declinou em conjunto, e o mundo entrou no período que tem sido chamado de a Longa Paz”.¹⁴ E Pinker citando *Obsolescence of war between states* (Goertz, Diehl, & Balas 2016) acrescenta que “não são apenas as grandes potências que pararam de lutar entre si. A guerra no sentido clássico de um conflito armado entre os exércitos uniformizados de dois Estados-nação parece estar obsoleta”.¹⁵

Pinker continua:

“Não houve mais do que três em qualquer ano desde 1945, nenhum na maioria dos anos desde 1989, e nenhum desde a Invasão do Iraque liderada pelos americanos em 2003, o maior trecho sem guerra interestadual desde o final da Segunda Guerra Mundial. Hoje, combate de menor importância de exércitos nacionais matam dezenas de pessoas, em vez de centenas de milhares ou milhões que morreram nas guerras que os estados-nação lutaram através da história. A Longa Paz foi certamente testada desde 2011, como nos conflitos entre a Armênia e o Azerbaijão, a Rússia e a Ucrânia, e as duas Coreias, mas em cada caso os beligerantes recuaram em vez de escalar em guerra total. Isso não significa, naturalmente, que a escalada para uma grande guerra seja impossível, só que é considerado extraordinário, algo que as nações tentem evitá-la a (quase) todos os custos.

A geografia da guerra também continua a diminuir. Em 2016, um acordo de paz entre o governo da Colômbia e os guerrilheiros marxistas das FARC terminaram o último conflito político armado ativo no Hemisfério Ocidental, e o último remanescente da Guerra Fria. Esta é uma mudança importante desde apenas décadas antes.

Na Guatemala, El Salvador e Peru, como na Colômbia, os guerrilheiros esquerdistas lutaram contra os governos apoiados pelos americanos, e na Nicarágua foi de outra maneira (contra americanos apoiados lutando contra um governo de esquerda), em conflitos que coletivamente mataram mais de 650.000 pessoas.

A transição de um hemisfério inteiro para a paz segue o caminho de outras grandes regiões do mundo. Sangrentos séculos de guerra da Europa Ocidental, culminando nas duas guerras mundiais, deram lugar a mais de sete décadas de paz. No leste da Ásia, as guerras de meados do século XX milhões de vidas - nas conquistas do Japão, na Guerra Civil Chinesa e nas guerras na Coreia e no Vietnã. No entanto, apesar das sérias disputas políticas, o Oriente e o sudeste da Ásia hoje é quase totalmente livre de combates interestaduais ativos.¹⁶

“As guerras mundiais estão agora concentradas quase que exclusivamente em uma zona estendendo-se da Nigéria ao Paquistão, uma área que contém menos de um sexto da população mundial. Essas guerras são guerras civis, que o Conflito de Uppsala Data Programme (UCDP) define como um conflito armado entre um governo e uma força organizada que mata verificadamente pelo menos mil soldados e civis por ano”.¹⁷

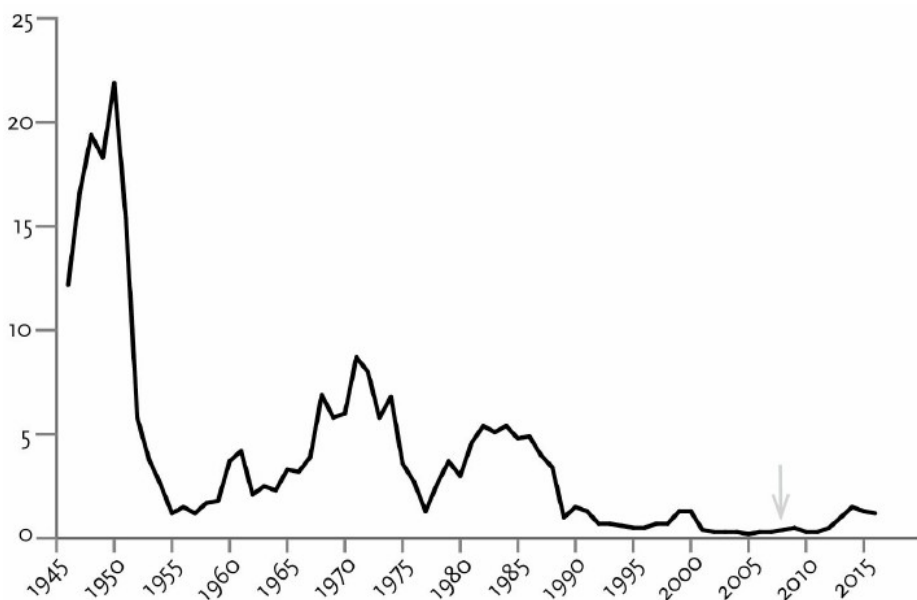
Os refugiados da guerra civil da síria

Temos visto na imprensa diversas imagens desesperadoras de refugiados da guerra civil da Síria, dos quais, muitos deles lutam para entrar na Europa. Essas imagens para muitos levam à conclusão de que o mundo agora tem mais refugiados do que em qualquer outro momento de sua história. O problema é que tal ideia não passa de amnésia histórica. Pinker cita que “o cientista político Joshua Goldstein observa que hoje quatro milhões de refugiados sírios são superados pelos dez milhões de deslocados pela guerra da Independência de Bangladesh em 1971, os quatorze milhões de deslocados pela partição da Índia em 1947, e os sessenta milhões

deslocados pela Segunda Guerra Mundial apenas na Europa, era quando a população mundial era uma fração do que é agora”.¹⁸

Quero que fica caro aos meus leitores que quando dou os números dessas misérias, não significa que eu esteja insensível ao terrível sofrimento humano tanto das vítimas de hoje como daquelas do passado. Uso esses números para mostrar a veracidade de que houve uma diminuição do sofrimento. Hoje temos sete bilhões de habitantes no globo terrestre e, pela proporção populacional de hoje, temos bem menos vítimas do que em tempos passados.

Gráfico de mortes de batalha por 100.000 pessoas por ano

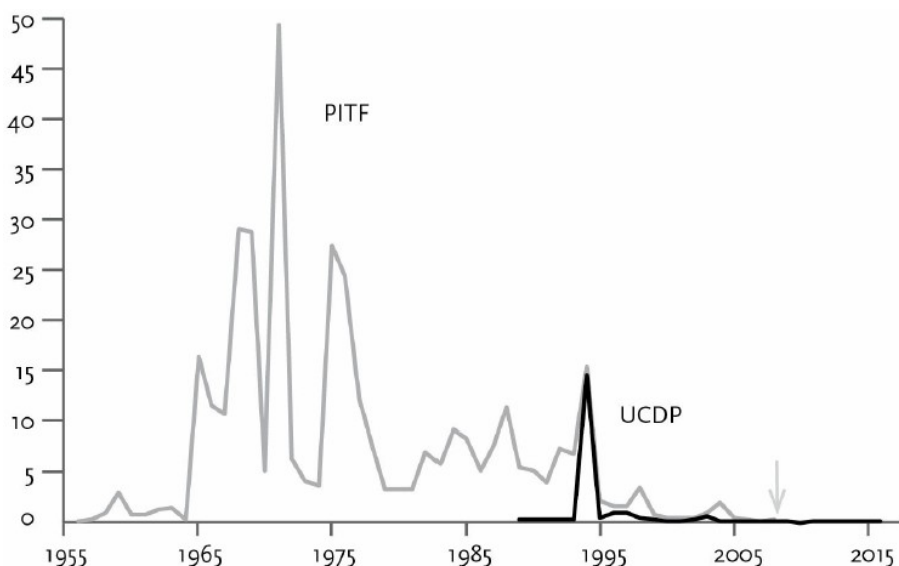


Mortes na Batalha, 1946–2016

Fontes: Adaptado do Human Security Report Project 2007. Para 1946–1988: Pesquisa sobre a Paz Conjunto de Dados de Mortes de Batalha do Instituto de Oslo 1946–2008, Lacina & Gleditsch 2005. Para 1989–2015: UCDP Dataset de Mortes Relacionadas à Batalha versão 5.0, Uppsala Conflict Data Program 2017, Melander, Pettersson, & Themnér 2016, atualizado com informações de Therese Pettersson e Sam Taub da UCDP. Mundoem números da população: 1950–2016, US Census Bureau; 1946–1949, McEvedy & Jones 1978, comajustes.

Mortes por genocídio por 100.000 pessoas por ano

Conhecemos por genocídio os assassinatos em massa de civis desarmados, também conhecido como democídios, ou violência unilateral. Esse tipo de violência localizada pode ser tão letal quanto as guerras. Segundo os historiadores Frank Chalk e Kurt Jonassohn, “o genocídio tem sido praticado em todas as regiões do mundo e em todos os períodos da história”.¹⁹ “Durante a Segunda Guerra Mundial, dezenas de milhões de civis foram abatidos por Hitler, Stalin e o Japão imperial, e em bombardeios deliberados de áreas civis por todos os lados (duas vezes com armas nucleares); no seu auge a taxa de mortalidade foi de cerca de 350 por 100.000 por ano”.²⁰ Diante desse quadro, Steven Pinker afirma que “ao contrário da afirmação de que “o mundo nada aprendeu com o Holocausto”, o período do pós-guerra não viu nada como a enchente de sangue dos anos 1940. Mesmo dentro do período pós-guerra, a taxa de mortes em genocídios derrubaram uma serra íngreme, como vemos em dois conjuntos de dados mostrados”²¹ no gráfico.



Fontes: PITF, 1955–2008: Conjunto de Problemas de Falha de Estado da Força-tarefa de Instabilidade Política, 1955–2008, Marshall, Gurr, & Harff 2009; Centro de Paz Sistemática 2015. Cálculos descritos em Pinker 2011, p. 338. UCDP, 1989–2016: Conjunto de dados de violência unilateral UCDP v. 2.5-2016, Melander, Pettersson, & Themnér 2016; Uppsala Conflict Data Program 2017, estimativas de “alta fatalidade”, atualizadas com dados fornecido por Sam Taub da UCDP, escalado por números da população mundial do US Census Bureau.

“Os picos no gráfico correspondem a assassinatos em massa nos países indonésios “ano de vida perigosamente comunista” (1965–66, 700.000 mortes), a Revolução Cultural Chinesa (1966-75, 600.000), Tutsis contra Hutus em Burundi (1965-1973, 140.000), a Guerra da Independência do Bangladesh (1971, 1,7 milhões), violência norte-contra-sul no Sudão (1956-72, 500.000), Idi Regime de Amin em Uganda (1972–79, 150.000), o regime de Pol Pot no Camboja (1975–79, 2,5 milhões), assassinatos de inimigos políticos no Vietnã (1965–75, 500.000), e massacres mais recentes na Bósnia (1992–95, 225.000), Ruanda (1994, 700.000) e Darfur (2003–8, 373.000). O pouco perceptível inchaço de 2014 a 2016 inclui as atrocidades que contribuem para a impressão de que estamos vivendo em tempos de violência recente: pelo menos 4.500 Yazidis, Cristãos e civis xiitas foram mortos pelo ISIS; 5.000 mortos pelo Boko Haram em Nigéria, Camarões e Chade; e 1.750 mortos por milícias muçulmanas e cristãs na República Centro-Africana. Nunca se pode usar a palavra “felizmente” em conexão com o assassinato de inocentes, mas os números no século 21 é uma fração daqueles nas décadas anteriores”.²²

Do ponto de vista humano uma coisa é certa, uma vez que o comércio como proporção do PIB subiu no pós-guerra, podemos notar através de análises quantitativas que a negociação entre os países faz com exista a menor probabilidade de haver uma guerra. A medida que a humanidade amadurece se percebe que os custos de um conflito armado não possui nenhuma vantagem para ambos os lados. As invenções tecnológicas, o comércio, a democracia e o desenvolvimento econômico, as forças de paz e as leis e normas

internacionais são ferramentas vindas do Senhor Jesus Cristo, o Príncipe da Paz, as quais, ajudam a construir um mundo sem guerras.

Como explicar a profecia do aumento da maldade nos últimos dias?

“Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis.

Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se também destes”.

(2ª Timóteo 3:1-5)

Este texto é muito usado para argumentar que estamos vivendo dias maus. Todavia, existem dois problemas com essa interpretação:

1º - O conceito errado de “últimos dias”;

2º - O erro de achar que essa lista de maldades é exclusividade dos últimos dias.

Vamos começar nossa análise pelo conceito errado de “últimos dias”. Quando o Novo Testamento usa o termo “últimos dias” a referência **NÃO** é em relação ao fim do mundo, pelo contrário, os apóstolos acreditavam que o seu tempo de vida eram os “últimos dias” da “era judaica”, do templo e seus sacrifícios. A seguir, vou mostrar isto em vários textos do Novo Testamento:

“**Mas o que ocorre é** o que foi dito por intermédio do profeta Joel: E acontecerá nos **últimos dias**, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos; até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão”.

(Atos 2:14-18 – o grifo é meu)

Quando o Espírito Santo seria derramado? A profecia é clara: o Espírito de Deus seria derramado nos “últimos dias”. Então, o primeiro século da era cristã, ou o tempo da igreja primitiva, pode ser classificado como os “últimos dias”. Nós devemos nos colocar no lugar daqueles primeiros ouvintes, para tentar entender o que eles entenderam por “últimos dias” e não interpretar o texto bíblico com um olhar moderno.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Atos dos apóstolos, o autor de Hebreus escreveu:

“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, **nestes últimos dias**, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo”.

(Hebreus 1:1-2 – o grifo é meu)

Possivelmente a carta aos Hebreus foi escrita por volta do ano 65 d.C. Seu autor considera que a vinda de Cristo há trinta e dois anos antes da escrita de sua carta, marcou o tempo dos “últimos dias”. O autor de Hebreus vai mais longe quando diz que a primeira vinda de Cristo se deu no “fim dos tempos”:

“Se assim fosse, Cristo precisaria sofrer muitas vezes, desde o começo do mundo. Mas **agora** ele apareceu uma vez por todas **no fim dos tempos**, para aniquilar o pecado mediante o sacrifício de si mesmo”.

(Hebreus 9:26 – o grifo é meu)

A certeza do juízo que traria o fim da era judaica era tamanha que o autor de Hebreus disse para os seus leitores que o “dia” poderia ser visto por eles:

“Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações e tanto mais **quanto vedes que o Dia se aproxima**”.

(Hebreus 10:25 – o grifo é meu)

O apóstolo Pedro segue a mesma linha de pensamento ao dizer que o precioso sangue do cordeiro foi conhecido “antes da fundação do mundo”, mas, porém, foi **“manifestado no fim dos tempos, por amor de vós”** (1ª Pedro 1:19-20 – o grifo é meu). Observe que o sangue de Cristo “foi manifestado” - algo já passado para Pedro - e que o tempo desse evento se deu no “fim dos tempos”. O apóstolo Tiago também segue a mesma linha de raciocínio ao dizer que os maus ricos do seu tempo eram os ricos dos “últimos dias”:

“Atendei, agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventuras, que vos sobrevirão.

As vossas riquezas estão corruptas, e as vossas roupagens, comidas de traça; o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens, e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. **Tesouros acumulastes nos últimos dias”**.

(Tiago 5:1-3 – o grifo é meu)

Um dos textos mais esclarecedores ainda é o de 1ª Coríntios 10:11. Nele o apóstolo Paulo ao mostrar o mau exemplo do povo judeu no deserto, ele deixa claro para os seus leitores de Corinto que eles estavam vivendo “os fins dos séculos”:

“Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência **nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado”**.

(o grifo é meu)

Paulo chega até mesmo advertir sobre como viver naqueles dias finais da economia judaica:

“Considero, por causa da angustiosa situação presente, ser bom para o homem permanecer assim como está.

Estás casado? Não procures separar-te. Estás livre de mulher? Não procures casamento.

Mas, se te casares, com isto não pecas; e também, se a virgem se casar, por isso não peca. Ainda assim, tais pessoas sofrerão angústia na carne, e eu quisera poupar-vos.

Isto, porém, vos digo, irmãos: **o tempo se abrevia; o que resta é** que não só os casados sejam como se o não fossem; mas também os que choram, como se não chorassem; e os que se alegram, como se não se alegrassem; e os que compram, como se nada possuísem; e os que se utilizam do mundo, como se dele não usassem; **porque a aparência deste mundo passa”**.

(1ª Coríntios 7:26-31 – o grifo é meu)

O apóstolo João também considerou que o aparecimento dos anticristos de seu tempo, os quais saíram do meio dos cristãos, eram o sinal de que ele e seus contemporâneos estavam vivendo “a última hora”:

“Filhinhos, **é já a última hora**; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que **é já a última hora”**.

Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”.

(1ª João 2:18-19 – o grifo é meu)

“Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.

Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus;

E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, **e eis que já agora está no mundo”**.

(1ª João 4:1-3 – o grifo é meu)

Eu poderia citar diversas outras passagens, inclusive passagens do Antigo Testamento que apontavam claramente que os “últimos dias” seriam relativos a Israel e a religião judaica, e não ao fim do

mundo. Por isto, sugiro a leitura do meu e-book intitulado *“Quando Deus diz que algo será EM BREVE, seria de acordo com a medida de tempo humana?”*

O segundo ponto da interpretação errada de 2ª Timóteo 3:1-5 é o erro de achar que a lista de maldades ali descritas seriam algo somente dos últimos dias. Quando o apóstolo diz a Timóteo que nos últimos dias “os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” etc., Paulo não estava dando ênfase nas características desses homens perversos, mas na maneira com que Timóteo deveria reagir a eles.

O propósito de Paulo não era dizer que nos últimos dias passariam a existir homens assim como se antes não houvesse. O propósito era explicar de que maneira os ministros de Deus deveriam reagir em tempos trabalhosos em que esse tipo de pessoa abundasse (2ª Timóteo 3:14-17). Ao dizer a Timóteo “foge também destes”, referindo-se as pessoas más dos “últimos dias”, o apóstolo provou que os “últimos dias” já estavam em andamento em seu tempo. Não seria o caso de que ainda essa profecia se cumprisse milhares de anos depois. E assim, o apóstolo advertiu Timóteo acerca do que havia de esperar à medida que a “era judaica” chegava ao seu clímax.

Para concluir este capítulo, acredito que a medida em que a paz de Cristo reinar na mente das pessoas, a guerra será um obstáculo superado para a espécie humana, pois a guerra começa na mente das pessoas. Junto a extinção da guerra conforme prometido em Isaías 2:4, haverá também a extinção das pestes, fome e pobreza. Sei que essa conquista não é a curto prazo, pois depende do evangelho chegar e conquistar todas as pessoas. Há muito trabalho a ser feito em relação ao evangelho no mundo!

Notas:

1. Os anjos bons da nossa natureza - Por que a violência diminuiu – pg. 15. Steven Pinker. Editora Companhia das Letras.
2. É Possível ser Pós-Milenista após Duas Grandes Guerras Mundiais? Por Felipe Sabino de Araújo Neto. Site: www.monergismo.com Acessado dia 11 de Outubro de 2018.
3. Idem nº 1, pg. 46.
4. Idem nº 1, pg. 46.
5. Idem nº 1, pg. 47.
6. Idem nº 1, pg. 338.
7. Selvageria revoltante: Saunders, 1979, p. 65. [Citado por Steven Pinker].
8. Idem nº 1, pg. 336.
9. John W. Walvoord, Armageddon, Oil and the Middle East Crisis (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1990), 228.
10. The End Times and the Islamic AntiChrist - Newspaper Exegesis, Prophecy Pundits and the End-Time Islamic Mahdi -, pg. 28. Por Gary DeMar. The American Vision, Inc. P.O. Box 610 Braselton, GA 30517 (Versão digital)
11. Identifying the real Last Days Scoffers, pág. 190 (versão digital). Por Gary DeMar. Published December 2012 by: American Vision Press P.O. Box 220 - Powder Springs, GA 30127.
12. Quoted in Barry Hankins, Francis Schaeffer and the Shaping of Evangelical America (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2008), 17.
13. Idem nº 1, pg. 337.

14. Enlightenment Now - The case for reason, science, humanism, and progress – pág. 187. By Steven Pinker. VIKING An imprint of Penguin Random House LLC 375 Hudson Street New York, New York 10014. Copyright © 2018 by Steven Pinker.
15. Idem n° 14, pg. 187.
16. Idem n° 14, pg. 187.
17. Idem n° 14, pg. 188.
18. Idem n° 14, pg. 190.
19. Genocides as old as history: Chalk & Jonassohn 1990, p. xvii. [Citado por Steven Pinker]
20. Idem n° 14, pg. 190.
21. Idem n° 14, pg. 190.
22. Idem n° 14, pg. 190.

Conclusão:

a melhora do mundo é obra de Deus, e não do homem!

Os crentes evangélicos - em especial - são os primeiros a contestar sem conhecimento de causa tudo o que foi dito neste e-book. O que me deixa mais perplexo é que a grande maioria deles que tenho visto associa a melhora do mundo ao esforço humano. Isto me deixa pasmo! Só para citar um exemplo, veja o que um famoso dispensacionalista brasileiro escreveu ao ser perguntado se ele acreditava se é possível melhorar este mundo:

“Não, eu não acredito ser possível melhorar este mundo por uma razão muito simples: **Deus não acredita ser possível melhorar este mundo.** Quando falamos de conversão, falamos de algo que vai muito além das circunstâncias, do aqui e agora. Neste sentido é muito interessante olhar o panorama bíblico do alto, ter um olhar de Deus. Aí você descobre que Deus **já testou a humanidade de diversas maneiras até desistir de esperar alguma coisa do homem**”.¹

(o grifo é meu)

É inacreditável ver um expositor cristão culto dizer um absurdo desses. Mas é um fato que tenho visto em muitos que são considerados “referências” no meio evangélico. A questão não é se “Deus não acredita ser possível melhorar este mundo”, mas é o Espírito Santo que semelhante ao vento “assopra onde quer, e ouves

a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João 3:8). O Espírito Santo é quem convence o homem do pecado, da justiça e do juízo (João 16:7-11). Eu me recuso em acreditar que Deus “testou a humanidade de diversas maneiras até desistir de esperar alguma coisa do homem”. O Soberano Deus não espera nada do homem, pois Ele mesmo sabe que o homem é falho! O homem nada pode dar a Deus se primeiro não lhe foi dado antes.

Em relação a melhora do mundo, temos que crer que é a obra de convencimento do Espírito Santo que é necessária para que se cumpra essas palavras do Salmo 22:27-31:

“Todos os limites da terra se lembrarão, e se converterão ao Senhor; e todas as famílias das nações adorarão perante a tua face. Porque o reino é do Senhor, e ele domina entre as nações.

Todos os que na terra são gordos comerão e adorarão, e todos os que descem ao pó se prostrarão perante ele; e nenhum poderá reter viva a sua alma.

Uma semente o servirá; será declarada ao Senhor a cada geração. Chegarão e anunciarão a sua justiça ao povo que nascer, porquanto ele o fez”.

Nós temos nesse salmo um cenário antes da Segunda Vinda de Cristo, pois vemos os limites da terra se lembrando do Senhor, famílias das nações, pessoas descendo ao pó e gerações futuras vindo. As palavras desse salmo são confirmadas na descrição da glória da Igreja, a Nova Jerusalém:

“E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem iluminado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

E as nações dos salvos andarão à sua luz; e os reis da terra trarão para ela a sua glória e honra.

E as suas portas não se fecharão de dia, porque ali não haverá noite.

E a ela trarão a glória e honra das nações”.

(Apocalipse 21:23-26)

Portanto, a melhora do mundo é obra de Deus, e não do homem! Me deixa muito perplexo ver que muitos crentes não acreditam nisto, mas ao mesmo tempo acreditam que o Senhor imporá Seu Reino a força na Sua vinda. Ora, se você não crê no poder de Deus que fará com que num dado momento da história haverá um avivamento em que todas as nações virão ao Senhor, você também não pode crer que o Senhor virá repentinamente pelo mesmo poder.

A questão da melhora do mundo não é porque acredito que a nossa esperança seja o presente momento, mas é porque a palavra de Deus promete em muitas passagens que haverá uma restauração progressiva de tudo. Já citei aqui Atos 3:20-21 e 1ª Coríntios 15:24-28 como exemplo. Além dessas duas passagens temos a oração do Pai nosso que precisa ser cumprida integralmente. Num determinado ponto dessa oração se diz que “venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (Mateus 6:10). O Reino já veio e foi implantado ainda no tempo de Cristo: “Mas, se eu expulso os demônios pelo Espírito de Deus, logo é chegado a vós o reino de Deus” (Mateus 12:28). Então, o Reino avança desde aqueles dias até hoje. Esse Reino vem a cada pessoa e é invisível, estando dentro do coração (Lucas 17:20). Assim, a vontade de Deus que é feita no Céu, acaba sendo feita na Terra também. E a vontade de Deus é que creiamos em Seu Filho Jesus Cristo (João 6:40).

Dessa forma, quando todas as nações forem discipuladas, a oração do Pai nosso se cumprirá com a vontade de Deus sendo feita na Terra, pois “a Bíblia reafirma com frequência o amor de Deus por sua ordem criada e reivindica seu direito de propriedade sobre todas as coisas. *“Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem”*. O pós-milenarismo defende que o amor de Deus por sua criação motiva-lhe a preocupação de trazê-la de volta ao seu propósito original, ou seja, de promover glória verdadeira a ele. Assim, a plena expectativa do pós-milenarismo está arraigada na realidade criacionista”.²

Eu sei que tudo isto é demais para alguns leitores crerem, uma vez que os mesmos foram intoxicados por um sistema de escatologia pessimista, talvez até por anos. Mas convido ao leitor a começar a pesquisar sobre o Preterismo e o Pós-milenismo. É um ótimo começo para fazer uma revolução escatológica. No final deste e-book tem o tópico *Obras Importantes para Pesquisa* em que o leitor poderá acessar diversas obras sobre o tema.

Sempre devemos ter em mente que o pecado afetou todas as áreas da vida humana. O pecado afetou a cultura, a engenharia, a agricultura, a tecnologia, a arquitetura, a medicina, a educação, a política, a vida sentimental e tudo o que você quiser colocar nesta lista. Muitos crentes ignoram tudo isso e acham que a salvação trata-se apenas de algo individual, a salvação da alma imaterial somente. A salvação de Cristo abrange a tudo o que existe e que foi afetado pelo pecado. Só para que o leitor tenha uma noção de como muitos crentes ignoram essas coisas, veja o exemplo da tecnologia. Muita gente pensa que o atual e assustador avanço tecnológico é apenas um avanço simplesmente, se esquecendo de associar a isto a questão moral. Sim, a questão moral!

Só para citar um exemplo pequenino; no que dependesse do pecado humano, jamais teríamos tanta informação via internet, redes sociais, Watssap etc. Você acha que um ditador em um regime totalitário iria querer uma tecnologia que o impedisse de governar, expondo pública e rapidamente milhares de informações contra seu governo? Jamais tal ditador iria financiar ou permitir a existência das mídias que temos hoje! Os cientistas que criaram os mecanismos de informação que temos hoje foram homens que receberam a graça de Deus, para pensarem na humanidade e facilitar a vida das pessoas. Um exemplo de homem assim é o cientista Nicolas Tesla. Certa vez ele disse que “o dinheiro não representa tal valor como os homens colocaram em cima dele. Todo o meu dinheiro foi investido nas experiências com as quais eu fiz descobertas novas permitindo a humanidade de ter uma vida um pouco mais fácil”.³

Um irmão em Cristo me perguntou porque não vemos cristãos envolvidos com grandes causas que facilitam a vida da humanidade. Eu lhe respondi que os cristãos são desanimados dentro dos templos-igrejas. Um grande número de pastores dizem:

“Se algum jovem aqui da igreja pretende fazer faculdade, poderá até tentar, mas, já vou avisando que as coisas daqui para frente não serão boas no mundo. Teremos um futuro tenebroso!”

Este tem sido um conselho comum que ouvimos diversas vezes em muitas denominações evangélicas. O problema é que pelo conhecimento que temos hoje, com as alternativas escatológicas otimistas que vieram à tona, tal conselho pastoral não é nada piedoso, mas impiedoso, que destrói não só carreiras individuais, mas também o bem que poderia ser feito a outros no futuro. Devo lembrar que muitos pastores e teólogos que são tidos como referências aqui no Brasil, continuam com seu discurso pessimista em relação ao futuro. Esses pastores famosos e formadores de opinião, são os mesmos que dizem que não adianta votar no candidato certo ou errado, pois as coisas vão piorar no mundo e a nossa esperança está no Céu. Na verdade, tais pastores pela posição que estão, são os mesmos que têm altos salários, moram muito bem, estão muitas vezes livres da violência, são queridos de políticos, jornalistas e magistrados. Sigam meu exemplo, pois eu boicotei essa gente há muito tempo. Eu leio livros diferentes de teólogos não muito famosos, com ideias escatológicas que andam na contramão desses pastores famosos. Pense nisto!

Aqui vai um recadinho para os engraçadinhos refutadores de internet. Antes de tentar refutar este e-book, lembre-se de que o que tratei aqui sobre a melhora do mundo não constitui-se nem um por cento do que ainda deve ser falado sobre o tema. Precisamos de mais obras com pesquisas profundas. Lembra-se o leitor de que no começo deste e-book falei que *“fiquei surpreso ao descobrir que um e-book deste tipo e profundidade ainda não tinha sido escrito por um cristão - a menos que ainda se possa provar o contrário”*? Pois então, no decorrer da escrita

deste e-book descobri, ainda que sendo obra rara no meio cristão, um e-book escrito em 2011 intitulado “*Upside: Surprising Good News About the State of Our World*” que em tradução livre seria “*As Surpreendentes Boas Notícias de que o nosso Mundo Melhorou*”, escrito pelo teólogo Bradley R. E. Wright. Pois bem, não só adquiri esse e-book como também já estou traduzindo-o e parafraseando-o para disponibilizá-lo aos meus leitores o mais breve possível. Será um profundo complemento do que tenho tratado aqui.

Para finalizar, devo dizer que o ponto geral que devemos extrair deste e-book é que podemos tornar nossas vidas mais ricas em favor do próximo. Uma vez que fomos chamados para sermos “sal da terra” e “luz do mundo”, isto significa que o evangelho deve ter influência ainda neste mundo caído, antes da volta de Cristo. Nós podemos nos juntar apoiando uns aos outros e, em geral, fazer pelos outros o que gostaríamos que eles fizessem por nós (Mateus 7:12).

É como escreveu Bradley R. E. Wright em seu livro:

“No entanto, podemos melhorar ainda mais a qualidade de nossas próprias vidas, reconhecendo essa mudança para melhor e contribuindo para isso com a mordomia do que temos, simplicidade em como viver e amar os outros”.⁴

Notas:

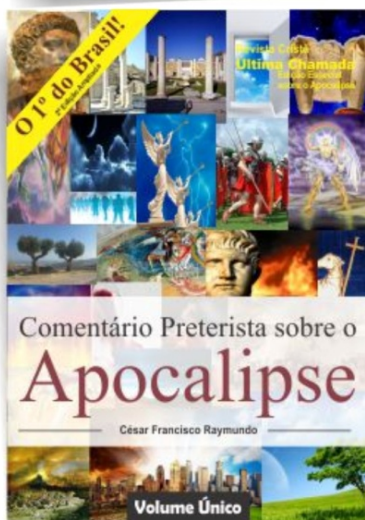
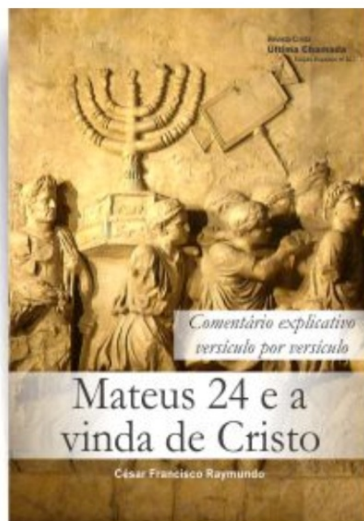
1. Você acredita que é possível melhorar este mundo? Mario Persona. Site: <https://www.respondi.com.br/2005/07/voc-acredita-que-possvel-melhorar-este.html> Acessado dia 16 de Outubro de 2018.
2. A Visit to Nikola Tesla, Dragislav L. Petković in Politik, 1927.
3. Fundamentos Teológicos do Pós-Mileranismo. Rev. Kenneth L. Gentry, Jr. Site: www.monergismo.com Acessado dia 17 de Outubro de 2018.

4. Upside: Surprising Good News About the State of Our World, pg. 190. By Bradley R. E. Wright. Ebook edition created 2011 Published by Bethany House Publishers 11400 Hampshire Avenue South. Bloomington, Minnesota 55438 - www.bethanyhouse.com

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrsta.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus não tivesse nascido de mulher?